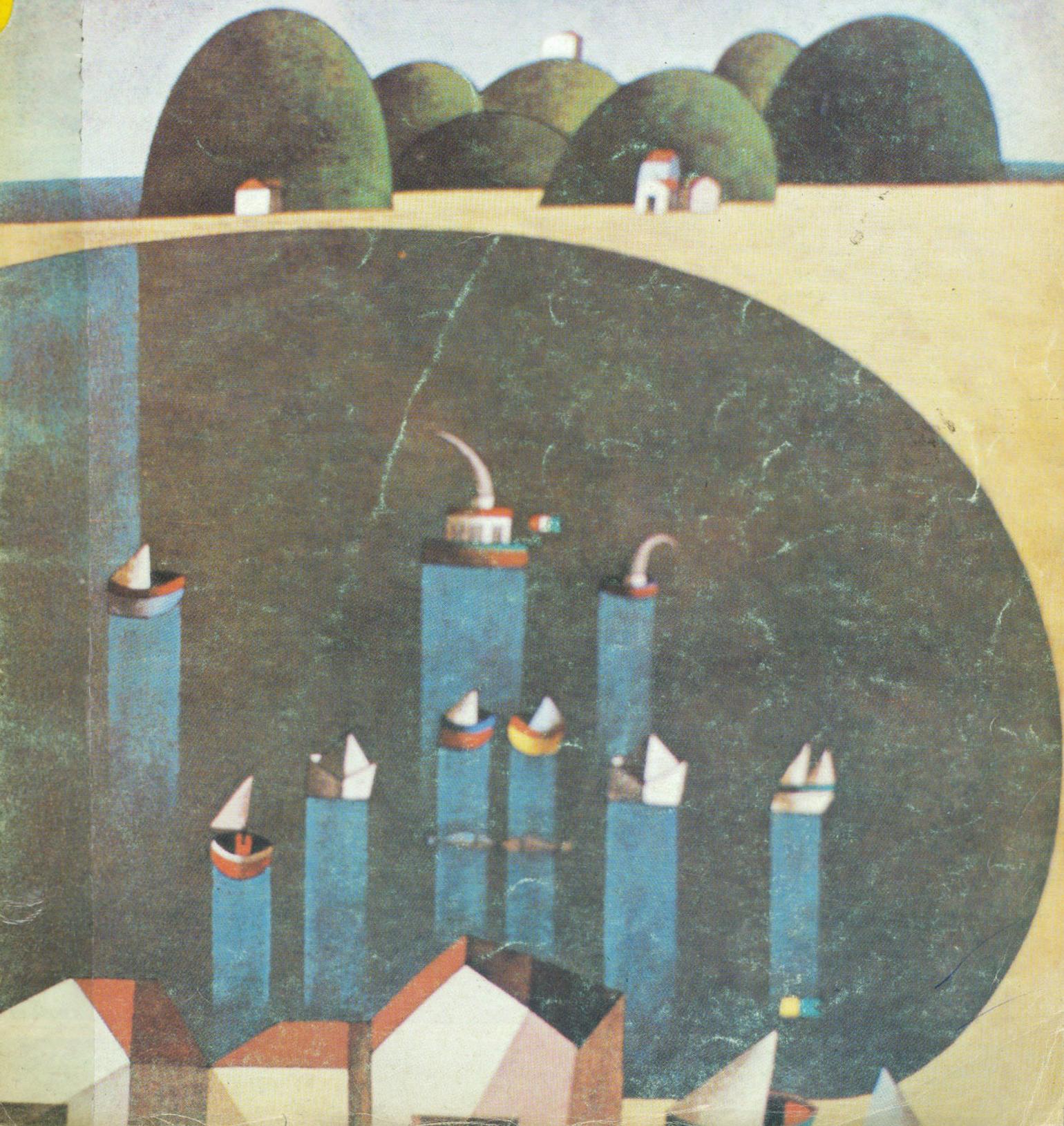


RAÍZES

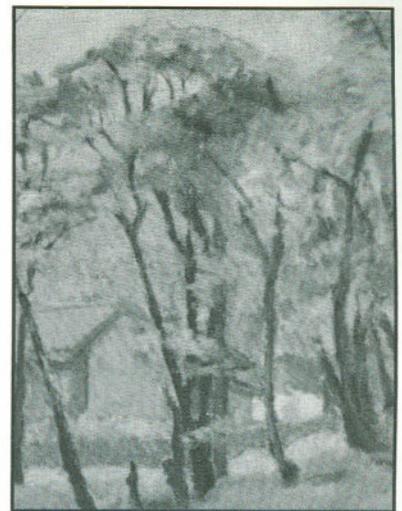
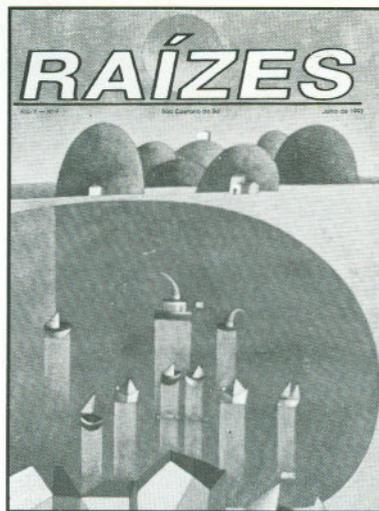
Ano V — Nº 9

São Caetano do Sul

Julho de 1993



Quinto ano de uma trajetória muito peculiar



Capa: *Praia do Sul da Itália II* (tela de Inos Corradin, pintor italiano que chegou a viver em São Caetano do Sul após a Segunda Guerra Mundial).

Contracapa: *Tela de João Fernandes Ribeiro.*

Não dizer que a trajetória da revista *Raízes* é peculiar seria deixar de registrar um fato concreto e, ao mesmo tempo, incomum. Com a publicação do nono número, a revista ingressa no quinto ano consecutivo de circulação, período em que muitas experiências foram acumuladas, novos colaboradores vieram juntar-se àqueles que desbravaram o caminho e acabou sendo formado um círculo de leitores bastante largo e interessado.

De início, cabe lembrar, também, que parcela expressiva do material fotográfico que vem sendo publicado provém dos arquivos do Museu Municipal da Imigração Italiana Oswaldo Samuel Massei e da colaboração de cidadãos interessados em contribuir para o enriquecimento do acervo histórico e editorial. Assim, trata-se de um trabalho realizado a muitas mãos e que vai deslizando pelos desvios da História da cidade debaixo de muitos, inúmeros, diversos ângulos.

A multiplicidade de materiais, os artigos e depoimentos orais registrados, as fotografias da São Caetano antiga, os retratos familiares, tudo, enfim, vai compondo uma extensa galeria, cujo objetivo é expor os aspectos variados da percepção da História pela sociedade. E, ao mesmo tempo, a coletividade vai auxiliando a tarefa de registrar a sua própria História, com a doação de materiais, com a descoberta de fatos, etc.

Agora, resta percorrer um caminho muito longo ainda de rastreamento de informações que o próprio trabalho da Fundação Pró-Memória deverá completar com aquilo que já vem sendo realizado pelos pesquisadores do Gipem (Grupo Independente de Pesquisa da Memória do ABC) e por tantos outros articulistas e interessados em registrar os fatos.

O Editor

RAÍZES

Ano V - Número 9 - Publicação semestral
- Distribuição Gratuita - Publicação da Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul - Julho de 1993
Rua Eduardo Prado, 201 - CEP 09581-200 - São Caetano do Sul (SP) - Telefones: (011)-441-1000, ramais 246, 248 e 249; (011) 743-4618 (fax); telex - 114-4938

Editor/jornalista responsável
Aleksandar JOVANOVIĆ
(MTb 13.165 - Sijesp 7.290)

Secretário de Redação
Paulo HERAS - (MTb 15.191)

Conselho Editorial
Ademir Médiçi, Antonio de Andrade, Aleksandar Jovanovic, Claudinei Rufini, Henry Veronesi, Oscar Garbelotto, Silvio José Bu-

so, Sônia Maria Franco Xavier, Valdenício Petrolli

Publicação editada com apoio da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Fotos

Reproduções de Yoji Agata, José Honório de Castro e Gilson Cirino dos Santos

A revista *Raízes* está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não são devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Computação Gráfica - Plano Piloto (449-8633)

Fotolitos/Impressão - Grande ABC Artes Gráficas S/A (712-5155)

ÍNDICE

Conversa entre amigos em São Caetano - 1940 Arnaldo TREBILCOCK	4
Aviadores de São Caetano Henry VERONESI	8
<i>Imigração</i> Os Donauschwaben, uma comunidade de língua alemã em São Caetano Aleksandar JOVANOVIC	11
Família Sáfrány encontrou melhores dias em São Caetano Paulo HERAS	19
Imigração e a presença da família de Antonio Gallo Orlando GALLO	22
Neto de Emílio Rossi pesquisa suas origens Sônia Maria Franco XAVIER	25
<i>Educação</i> Tijucussu, um clube autêntico das gerações dos anos 70/80	27
Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria, experiência fascinante mas reprimida José Roberto GIANELLO	34
O Grêmio Estudantil 28 de Julho	37
Como apareceu o Instituto de Ensino Sagrada Família Verino Segundo FERRARI	38
<i>Esporte</i> Futebol - união de empresários e comerciantes fez nascer o São Caetano Atlético Clube Humberto Domingos PASTORE	40
<i>Depoimentos</i> Quatro Gerações- depoimento de Flórido Roveri	44
Relato de Francisco Dester	47
Meu pai Silvano Sílvia Tintori FLEURY	48
As lembranças de Priscila Mezadri	49
João Aguiar e suas memórias de guerra Jocimara SPERATE	52
Cenas de minha infância Oscar GARBELOTTO	58
Para entender a formação da Grande São Paulo Ademir MÉDICI	59
O Rol dos Confessados do Bairro de São Caetano Wanderley dos SANTOS	62
A Indústria Primitiva Antonio José MARQUES	64
E então chegou a televisão Antonio de ANDRADE	67
Paróquia Sagrada Família e a evolução da catequese Leila Dario FORONI	71
Garbelotti e sua paixão pela Imprensa	73
Livros	74
Jornais e Jornalistas	75
Memória Fotográfica	76



São Caetano, uma história complexa, rica e interessante

Os dados históricos sobre a nossa cidade mostram-se, cada vez mais, entrelaçados, complexos e, acima de tudo, ricos, sinalizando o fato de que no momento em que nos debruçamos sobre o passado, recente ou remoto, torna-se possível descobrir, sempre (através do relato testemunhal, do depoimento oral, ou por intermédio de outras tantas técnicas), novos fatos, novos ângulos, novas abordagens.

A revista Raízes tem realizado essa trajetória de buscar, inclusive no cotidiano, os diversos aspectos que não acabaram sendo registrados pela historiografia oficial do Município. Trata-se, portanto, de um longo trabalho, de uma atividade que vem colhendo frutos sobre o eixo do tempo, como num jogo intrincado, porém muito atraente.

Este número, que inaugura o quinto ano ininterrupto de circulação do periódico, apresenta vários desses fatos que mencionamos acima, como, por exemplo, a trajetória de vida de alguns personagens que evocam lembranças e cenas da São Caetano antiga, a recuperação da história do Tijucussu Clube e do São Caetano Atlético Clube, da vida da comunidade de língua alemã na cidade, e assim por diante.

Tão importante quanto o fato de essa História estar sendo escrita com a colaboração de inúmeros membros da comunidade é o fato de o Poder Público apoiar a iniciativa, buscando encontrar, mais e mais, as próprias raízes da comunidade. A identidade cultural é muito importante no presente e no futuro, porque população sem História é uma população sem perfil demarcado. E São Caetano tem raízes de sobra para mergulhar em seu passado e dele extrair muitas lições.

Antonio Dall'Anese
Prefeito
São Caetano do Sul, julho de 1993

Conversa entre amigos em São Caetano - 1940

Arnaldo TREBILCOCK (*)

Setembro de 1.942. Fazíamos uma de nossas rotineiras visitas a indústrias de São Caetano, desta vez para verificar os possíveis estragos feitos pela ditadura Vargas aos industriais inimigos de São Caetano, especialmente os italianos. Poucas foram as indústrias de São Caetano atingidas pela cupidez dos asseclas de Vargas, pois várias delas tinham sido, felizmente, alertadas em tempo e tinham tomado as providências para escapar á sanha dos democratas varguistas que andaram, entre junho e dezembro de 1.942, tomando patrimônio, valiosos alguns, de alemães, italianos e japoneses! Dos alemães conseguiram pilhar algumas indústrias de valor, duas ou três lojas e dois e três navios, entre estes o principal o Womdil, entregue pelo seu comandante aos brasileiros com suas máquinas irremediavelmente cimentadas. Dos italianos pegaram indústrias de porte médio e também alguns navios, entre estes o mais importante o Conte Grande retido em Santos e entregue pela tripulação em ótimo estado. Era um navio tão bom, tão útil, tão grande que os brasileiros, sem tripulação e comandante adequados, o repassaram á marinha americana, que o usou para transporte de tropas e equipamentos até início de 1.944 quando foi torpedeado por submarinos alemães em pleno Atlântico. Dos japoneses pegaram nada, a não ser algumas pequenas plantações de bananas no litoral paulista.

Tudo isto estávamos comentando com um amigo genovês legítimo, dono de uma pequena indústria de formicida em São Caetano.

Sempre que fomos àquela cidade almoçávamos ou tomávamos um aperitivo com este amigo genovês, filo-fascista, admirador de Mussolini, mas suficientemente esclarecido para separar o joio do trigo, não confundindo amizade com ideologia, o que nos dava o prazer de comentar abertamente o andamento da guerra com um inimigo pois trabalhávamos para uma organização inglesa, portanto totalmente, visceralmente, anti-fascistas, anti-nazistas, até anti-comunistas.

Mas com nosso amigo genovês de São Caetano mantínhamos uma amizade cordial e firme, que começara anos antes, quando a ele fomos apresentados por amigo comum, também genovês. Logo na primeira conversa descobrimos algo em comum. Ambos tínhamos recebido a laurea ou diploma de Doutores em Ciências na mesma Universidade, a de Gênova. Começamos logo uma troca de reminiscências, lembrando coisas da querida Uni-

versidade, embora a tivéssemos cursado em épocas diferentes, pois o amigo contava oito anos mais do que nós. Mas, escola é escola e principalmente as tradicionais universidades da Europa, entre elas a nossa, nunca modificavam sua estrutura, seu modo de ser e ensinar, sua formação estudantil totalmente separada das futricas poltivas palaciais. Assim ambos falávamos sobre as mesmas coisas, as mesmas festas, os mesmos trotes e calouros, pelos quais ambos tínhamos passado, iguais em tudo.

Naquele dia de Setembro de 1.942, consersávamos muito, não sobre a universidade, mas sobre a guerra e seu final. Nosso amigo estava convencido de que nazistas e fascistas perderiam a guerra e já pensava numa Itália sem Mussolini, não tendo nenhuma ilusão quanto á reviravolta que sacudiria a Italia dentro de um, dois ou três anos. Uma certa tristeza velava as palavras do amigo.

A fim de não tornar a conversa muito amarga para o amigo começamos a falar sobre Gênova, a cidade, descambando depois para a antiga República de Gênova, a Soberba, rival de Venezia, a Serenissima, rivalidade limitada ao fausto, à riqueza e ao valor de seus marinheiros e capitães.

Ambas as repúblicas tinham a mesma organização político-administrativa, cuidando cada uma de agir em faixa e épocas diferentes, evitando confrontos indesejados. Rival mesmo de Gênova era Pisa, a Pisa que Dante estigmatizou como vituperio delle Genti.

Nosso amigo pegou a bola no ar e, levado por um entusiasmo insuspeitado, falou longamente sobre a República de Gênova assunto que conhecia a fundo pois, como nós, tinha gasto horas a fio na biblioteca da Universidade e nos arquivos oficiais, assimilando tudo quanto podia sobre as façanhas, a vida, ascensão e término da República de Gênova a Soberba.

Foi então que nosso amigo genovês lembrou de uma estória que tinha, dizia ele, não lido mas ouvido de uma dos excelsos professores, genovês naturalmente. Perguntou-nos se conhecíamos a estória e, com a memória refrescada, lembramos ter ouvido, se não tudo, parte dela. Confessamos, sem rubor, por dado pouca atenção ao reconto, por estarmos na ocasião imersos em outro estudo, de questão econômica e não política e bélica.

Levado pelas auras da recordação, entusiasmado por poder ufanamente falar sobre façanhas genovesas, nosso amigo desfiou-nos a estória toda, que aí vai:

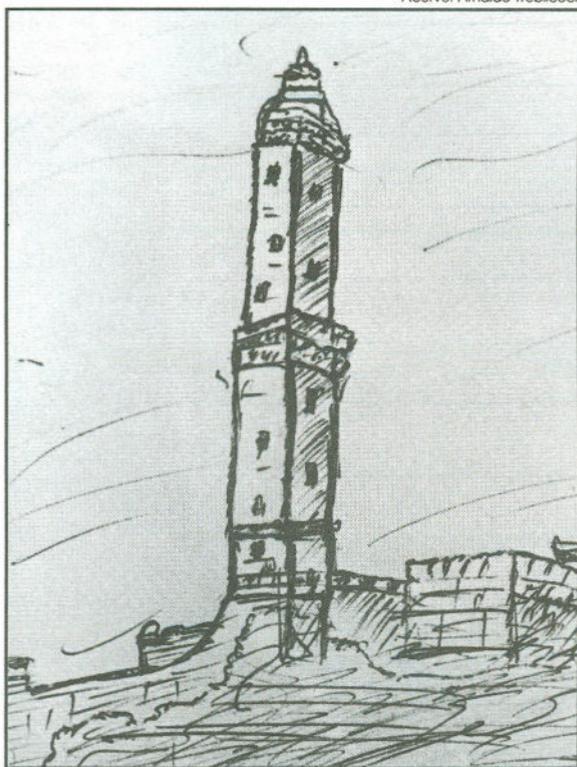


Ilustração do La Lanterna, antigo farol de Genova

Em 1.330 ou 1.350 - não há uma data exata, um dos Doges de Gênova resolvera armar uma expedição guerreira contra levantinos. Era parte importante na vida da República de Gênova, e também de Veneza, armar periodicamente expedições contra fenícios, assírios, berberes, contra os povos que habitavam a costa extremo-leste do Mediterrâneo, guerreando contra os mesmos infieis que tinham sido vítimas, séculos antes, das violentas e predadoras cruzadas. Genoveses e Venezianos não lutavam em nome de Cristo, não se preocupavam em libertar o Santo Sepulcro, nem cuidavam de ocupar território ou domínio e manter colônias. Guerreavam os levantinos somente para extorquir deles, após suas repetidas vitórias indenizações que se constituíam basicamente em tecidos, especialmente a púrpura, cujo segredo de tinturaria pertencia aos fenícios, a lã e as especiarias: cravo, canela, gengibre, outros, que faziam parte da cozinha italiana, especialmente a genovesa. E quase todas as expedições de Veneza e Gênova eram vitoriosas. Os levantinos não tinham barcos, navios ou marinheiros que pudessem enfrentar os itálicos com a menor possibilidade de vencê-los. E assim, tanto Veneza como Gênova asseguraram durante séculos o monopólio dos tecidos, especiarias e outras delícias produzidas no Levante.

E foi assim que, naquela ocasião, um Doge genovês montou uma expedição, dando o comando da frota e de toda a operação a um de seus mais experientes capitães, talvez um Doria, talvez um Spinola, um Grimaldi... quem sabe? E a frota zarparou rumo ao Oriente. A época escolhida deve ter sido certamente o fim do verão, quando os ventos voltam a soprar do norte para o Sul com força moderada sem excapelar demais o mar, permitindo aos veleiros uma velocidade ideal para rápidas incursões e manobras audaciosas.

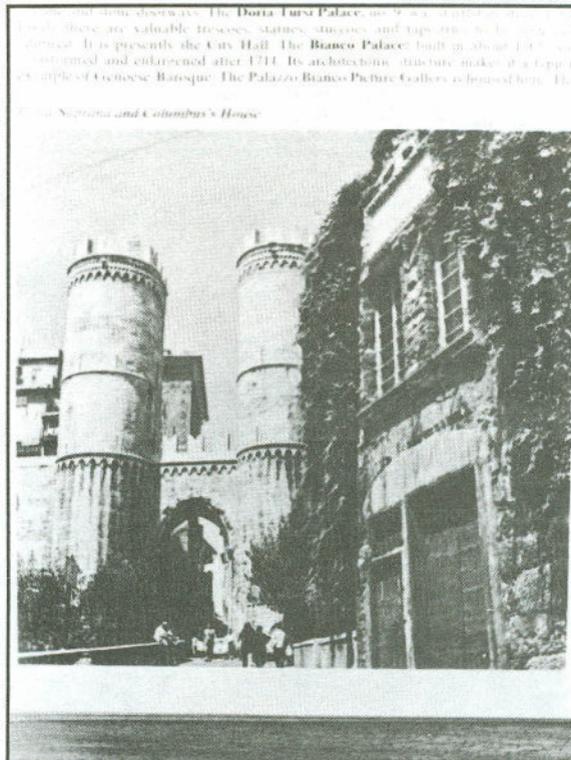
Levavam os marinheiros de Gênova sua vontade férrea de lutar e vencer, seu desejo imenso de sucesso e farto botim, sem desprezar a absorção de bons vinhos de palma, de laranjas, de uvas, a degustação de gostosas tâmaras, os assados de carne de carneiro e os exóticos pratos orientais bem condimentados, com pimenta forte, resinas e alho, o saboroso alho que ia se tornando, já há algum tempo, um condimento indispensável para os genoveses, grandes consumidores de bulbo de aroma e sabor intensos.

Não há notícia, dizia o narrador, de qualquer peripécia ou de qualquer ação intermediária da frota, contrariamente ao que geralmente acontecia em outras expedições. Havia sempre uma descida nas costas de Sicília ou em alguma ilha grega, onde os genoveses gostavam de abastecer-se de algum vinho especial, ou das cobiçadas laranjas vermelhas de Palermo ou, nas ilhas de Grecia almiscar, azeitonas, incenso e rápidos voluptuosos momentos com jovens gregas nem sempre de boa vontade.

Ao que dizia, aquela expedição seguiu diretamente para as costas levantinas e lá operou com disciplina, energia e organização, não muito frequentes em outras aventuras. Dizem que o comandante supremo da expedição, cujo estandarte tremulava ao mastro de mezena da nau capitaneia, era um capitão de cunho especial, com patente superior, talvez em grau inferior ao próprio Doge. Diziam que ele mesmo tinha selecionado todos seus oficiais, chegando ao requinte de escolher pessoalmente alguns dos mais afamados contramestres e navegadores, tirando-os de outros comandantes ou trazendo-os de volta de seus descansos periódicos. Era então aquela frota algo muito especial, de qualidade náutica e disciplinar bem acima da média, chegando quase ao nível da flotilha de defesa do Doge, a Armada da República, onde a organização, a estrutura, a disciplina eram rigidamente militares, náuticas.

A importância daquela expedição era tão grande que não foi divulgado nem a rota, nem o objetivo e nem o nome do comandante em chefe. Todo este mistério intrigou os relatores, escribas e notários provocando, diziam, uma afanosa caça aos detalhes. Muitos foram

Acervo: Arnaldo Trebilcock



Porta Soprana, construída entre 1.155 e 1.159. Ao lado, a casa de Colombo.

os que buscaram saber tudo sobre aquela expedição, o porque da ação, o alvo, o programa, a duração e o que deveriam os nautas trazer de volta, com certeza alguma coisa bem além do corriqueiro, acima do norma, da praxe.

Todos porém naufragaram, não obtendo a menor informação sobre a aventura. Parecia a muitos que tudo fora pessoalmente, em cada detalhe, planejado, montado e dirigido, agir sem explicar.

E a frota seguia tranquila seu caminho rumo ao oriente. Um de seus navios, uma leve carraca armada em velas, açoitada por uma inesperada lufada de vento virado, típica do mediterrâneo inferior, viu-se isolada da frota. Seu capitão, curtido em peripécias anteriores cuidou de corrigir a rota, retomar o rumo e orçar sua carraca para a flotilha que deveria alcançar em dois ou três dias. Levou mais tempo o impávido capitão.

Inesperadamente viu-se frente a dois barcos que rumaram contra ele, em atitude que não deixavam dúvida. O genovês logo soube quem estava enfrentando: eram dois barcos ligeiros, algo assim como felices montanhas para ataque, navegadas e comandadas por corsários da costa de África que tinham o hábito de atacar navios isolados, saqueando-os e aprisionando as tripulações que eram depois vendidas

como escravos a algum potentado do norte africano. Estes corsários do mediterrâneo eram rápidos, ardilosos, hábeis e cruéis.

O genovês, melhor navegador, mais disciplinado, maior conhecedor da arte de guerra naval, agiu com cuidado e prudência. Manobrou a carraca de maneira a navegá-la entre as duas felucas, içando toda vela e pondo alguns homens aos remos, para dar a impressão aos atacantes que tentaria fugir contanto com sua maior velocidade. Exultaram os corsários: navegando de concerto iam encurrular o genovês levando-o mais próximo à costa, onde os ventos eram mais difíceis de serem usados e dominados, onde o itálico perderia a vantagem da maior velocidade, caindo seguramente em mãos dos corsários que, atacando em ambos os lados tornariam impossível qualquer manobra mais rápida e audaciosa. O genovês navegou algumas milhas aceitando o jogo dos corsários. Mandou também cobrir as duas colubrinas que levava à proa e à popa e mandou os marinheiros esconderem as armas, arcabuzes de pederneira e pistolas de um só tiro. Os corsários observaram com suas lunetas todo o barco, concluindo tratar-se de algum veleiro em expedição pacífica de reconhecimento náutico, pescadores sicilianos, ou grega levados à deriva por leme emperrado ou outro dos muitos acidentes que infortunavam os barcos do mediterrâneo. Sem necessidade de comunicação manobram da mesma maneira, tentando levar o genovês à costa a alf acabar com ele. Repentinamente viram que outro seria o acontecimento. O genovês, numa manobra nunca esperada pelos corsários, virou sua carraca ao Norte, navegando rapidamente em direção a uma das felucas cujo mestre, atônito, sem saber de imediato o que fazer, ficou alguns minutos estarelecido, paralisado, mudo, sem ação. Foram minutos preciosos que o genovês soube bem usar: entrando no vento com toda a carga de seu velame estendido, aumentando sua velocidade em alguns nós - chegou próximo ao corsário com rota inalterada, seu flanco exposto, seu companheiro mais distante, sem ação. Chegando a distância útil o genovês ordenou a seu artilheiro para mandar uma descarga de sua querida colubrina, dirigida com precisão e mestria à base do mastro da feluca. A bola de ferro da colubrina danificou seriamente o mastro que vergado pela vela enfunada, acabou ruindo e desmoronou ao mar, levando junto dois ou três marinheiros. A perda de sua vela triangular, imobilizou a feluca, tornando-a alvo fácil para uma segunda bomba do genovês que, dirigida com precisão, rompeu o casco, logo abaixo da linha d'água. Poucos minutos depois o corsário ia ao fundo e seus tripulantes nadavam entre pedaços de madeira, improvisados salva-vidas. Cuidou o genovês de virar-se para o segundo corsário que tinha iniciado um curso sobre a carraca em socorro ao compa-

neiro em apuros. Mas, vendo então qua a carraca estava bem armada e melhor tripulada, cuidou de rumar às costas, regressando à base, alegre por conseguir safar-se.

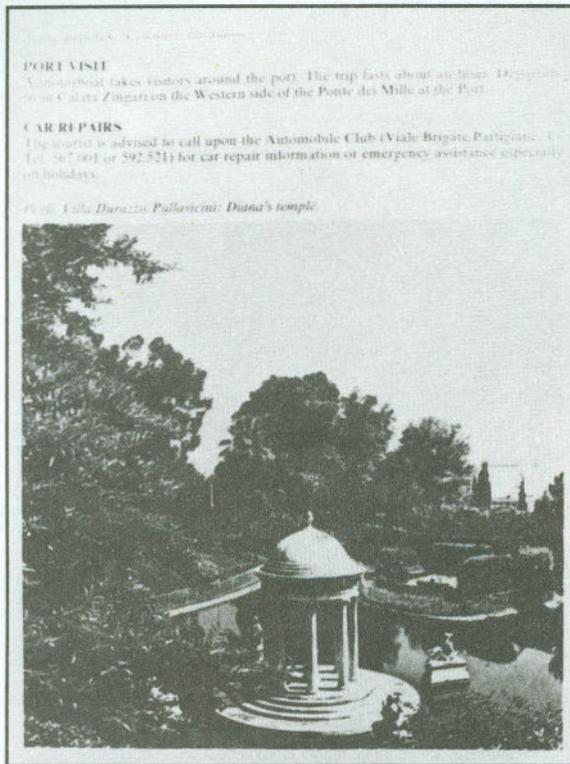
O genovês retomou seu curso e cuidou de reunir-se à flotilha, entrando em ação com os demais navios. Pelo que disseram, o capitão da carraca deu conta de sua aventura ao comandante em chefe somente tempos depois, quando todos os capitães se reuniram num jantar, após a vitória.

E a expedição seguiu seu rumo, sem desvio, sem abordagens, sem descer em porto algum, em ilha nenhuma, direta a seu destino traçado pelo Comando em Gênova. Chegando ao ponto escolhido ordenou o ataque, sem se preocupar em enviar mensageiro ao levantino, como era costumeiro em expedições anteriores, convidando-o a uma rendição, honrosa e amistosa. Ordenou o ataque da artilharia naval e o desembarque da tropa. O quédiva local ou seu equivalente, tinha preparado um bote para ir ao encontro do capitão-mór, mas voltou às pressas ao palácio ao ouvir o primeiro canhão e ao ver os escalares rumando à praia com homens prontos para o ataque. Correu o mísero a seus guardas, tentando organizar uma resistência que sabia inútil, mas que salvaria sua honra. Foi breve a luta: poucos homens dispararam suas flechas e seus dardos sobre os invasores. Algumas leves escaramuças e a bandeira branca anunciou a vitória dos genoveses. O comandante-em-chefe da expedição, equivalente aos almirantes de hoje, tomou posse mantendo o governante em seu palácio sob suas ordens e iniciou as negociações.

Foram longos dias de conversas, de salameleques, de festas. O levantino, como todo árabe que se preze, protelou o quanto pôde o palavreado, tentando conceder o mínimo, regateando, negociando, fugindo a um acerto final, com aquela paciência melosa, tão cara aos levantinos. E o genovês, também paciente, também sabido, também bom negociador, deu corda ao levantino e foi discorrendo dias afora. Enquanto isto seus homens rodavam pelos cantos daquele mundo, pilhando uma coisinha aqui, outra alí, sem grandes estragos à propriedade nativa. Obedeciam a ordens do Comando: desta vez não haveria pilhagem, não haveria roubos de cabras, nem porcos, nem mulheres.

“Está nosso chefe numa missão muito importante e que deverá dar a Gênova algo de muito melhor do que recebia até então e que beneficiaria toda a população da República”. Pilhagens, saques, roubos de mulheres e quejandas poderiam prejudicar o alvo final. pondo em perigo o sucesso da expedição. Assim os homens se comportaram quase com urbanidade. E os levantinos, admirados com tão bom comportamento, tão diferente de outras ocasiões, cumularam os genoveses com pequenos presentes: um cesto de tâmaras, um bracelete de latão trabalhado, uma bandeja de prata lavrada, punhados de cravos, feixes de canela, pedaços de gengibre, placas de incenso e frutas, muitas frutas e algumas jovens, voluntárias do amor, dançarinas eméritas, cortesãs aplicadas.

Correram alguns dias de boa vida para todos, em paz e harmonia com leves brigas isoladas em dis-



Villa Durazzo-Pallavicini: Templo de Diana



Vista geral do porto

puta de uma pequena jóia em ouro ou uma hora de amor vibrante.

Finalmente o comandante genovês quis por um ponto final a tudo, receber o que viera buscar e regressar à sua amara Gênova, pondo aos pés de seu Doge o que este mandara conquistar.

Veio então a traição. O chefe levantino, iludido pelo que ele imaginava ser moleza de comerciante, não habituados e nada dispostos à luta áspera, fora de seus navios, mandara emissários a governantes vizinhos, exagerando o valor metálico da frota genovesa e super-estimado para seus possíveis aliados o espólio que conquistariam se caíssem repentinamente sobre os genoveses espalhados pelas redondezas, cuidando ele do comandante da expedição. E o chefe mandara dizer a seus vizinhos que queria para si um navio, a nau capitanea e sua tripulação que, uma vez subjugada, iria servi-lo como escravos ou empregados. Aos aliados caberia tudo o que fosse além do que ele queria para si. Conta a estória que dois amigos organizaram colunas de combatentes e partiram para a luta, enviando ao chefe local informações sobre sua marcha.

Regozijou-se o levantino com as boas novas a à noite foi extremamente cordial com o genovês, oferecendo-lhe um jantar de honra, danças por formosas odaliscas e vinho, muito vinho, de palma, cachos de tâmaras maduras, mel, gengibre e tudo mais. pre-gustando o momento feliz em que conquistaria o genovês, tornando-o seu aliado ou vassallo.

O levantino deveria ser muito jovem ou muito burro, certamente guindado ao poder há alguns meses, pois demonstrava não saber quem realmente eram os genoveses. Desconfiado e ladino por natureza o levantino, jovem demais ou burro demais, não sabia que os genoveses eram anos-luz mais ladinos e desconfiados e sabidos. Nunca tivera, com certeza, contato nenhum com egípcios e judeus e não conhecia o axioma que já circulava em todo o mediterrâneo: "... são precisos sete cristãos para enrolar um judeu e sete judeus para enrolar um genovês".

O comandante genovês desconfiou desde o primeiro dia das intenções do levantino ao prolongar as negociações, mesmo sabendo que deveria ao final dar ao itálico tudo quanto este pedira. Assim o genovês cuidou de montar sua própria segurança. Mandou que alguns de seus homens, os mais hábeis e astutos, fingissem incursões a aldeias e povoados vizinhos com a desculpa de procurar tâmaras, mel e água mais pura, quando na verdade formavam verdadeiros pontos de escuta e vigilância.

Acervo: Arnaldo Trebilcock

E estes homens viram partir os mensageiros do levantino e os viram voltar, a cavalgar jubilosos pelo sucesso da empreitada. Calcularam, experientes em guerras e expedições como eram, o tempo que o levantino ia precisar para montar sua aventura e se prepararam. Assim foi que as duas colunas enviadas pelos aliados foram enfrentadas, guerreadas e dizimadas antes de chegar ao ponto de reunião. Enquanto os levantinos tinham arcos e flechas, adagas e algumas espadas curtas, os genoveses possuíam pistolas, flechas também e espadas longas que manejavam como ninguém.

Em algumas horas os genoveses dominaram a situação. Desarmaram os homens, prenderam seus chefes, encurralaram as mulheres. O chefe levantino foi posto a ferros e o comandante genovês tomou posse do palácio, não deixando, porém, que seus homens pusessem a saque, como era costume naqueles tempos, as cidades e suas casas.

Como punição pela traição formularam novo ato de rendição e dobrara, a quota do que pretendiam estabelecer como indenização para os quatro anos seguintes.

Tudo acertado, tudo regulado, o genovês esperou mais dois dias, tempo pedido pelo levantino para recolher a primeira parcela referente ao ano em curso. Passados os dois dias embarcou sua carga e preparou-se para zarpar. Bom genovês, bom mercador, não destruiu nada, não mandou enforçar o chefe, nem puniu ninguém mais. Sabia que se deixasse o chefe tranquilo, respeitasse sua posição e seu mando, seguiria o povo trabalhando e produzindo, o que garantiria a Gênova receber as indenizações, nos anos seguintes.

Como bom comandante, como bom guerreiro, como bom europeu, humilhou o levantino, fazendo com que seus marinheiros desfilassem, do palácio até os navios, flanquados pelos homens do lugar, seu chefe à frente, curvados em posição de respeito, confinadas as mulheres a suas casas e serralhos. Fez mais: fincou numa das alas do palácio a bandeira de Gênova, com a cruz de São Jorge, com ordens que ela ficasse diariamente hasteada durante os quatro anos de indenizações. Deixou bem claro que as atividades deveriam continuar normalmente, a fim de saldar sem percalços as quotas devidas a Gênova.

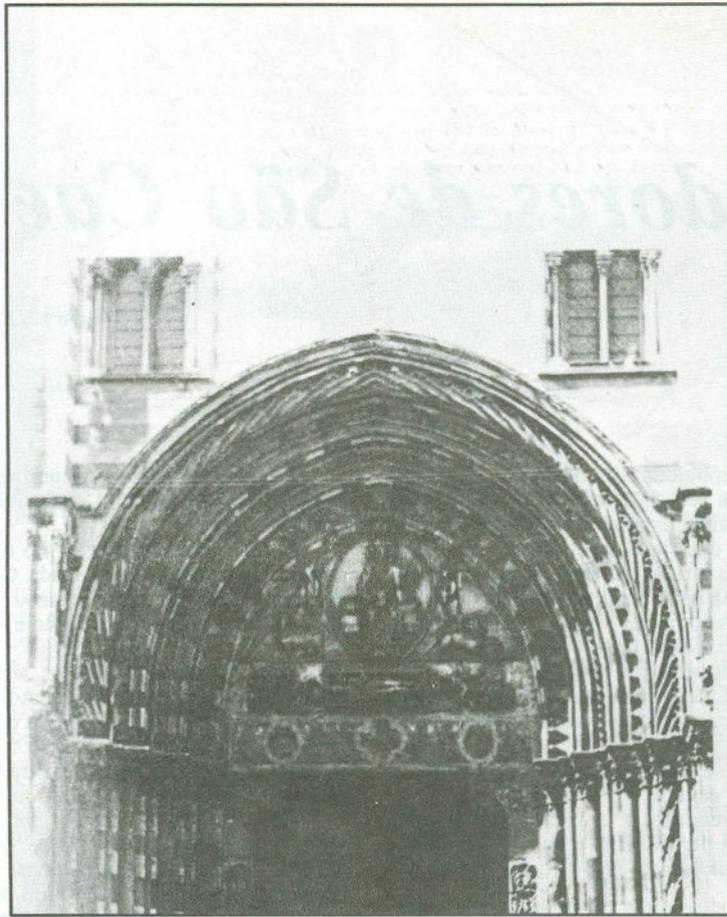
Zarpou finalmente o genovês deixando um potentado levantino jubiloso por ter mantido sua vida, seu palácio, seu poder. Tentara enganar um genovês e aprendera as suas espensas, o quanto into era difícil, impossível.

E a flotilha vitoriosa retomou o caminho de casa. Por determinação do capitão-mór, buscaram a rota mais curta embora apresentasse algum perigo; resolvera o comandante chegar à cidade o mais rápido possível, desejoso em recuperar os dias perdidos em negociação com o levantino. Passaram assim os navios pelo estreito de Messina, ou entre Scilla e Cariddi. Tal rota encurtava em quase quatro o regresso a Gênova, evitando o contorno da Sicília. Os perigos eram equivalentes: ao contornar a ilha os navios poderiam ser levados por ventos mais fortes perigosamente perto dos corsários tunisinos, ou mesmo dos navios do bey de Tunis que não se importava, vez ou outra, em capturar algum navio dos europeus, apropriando-se da carga e das tripulações, espalhando a notícia de que tal navio havia naufragado em alto mar, com a perda total de bens e almas.

Já ao atravessar o estreito de Messina os navios enfrentavam o risco de fortes ventos que podiam, subitamente, atirar os navios aos escolhos da costa íngreme. Felizmente, aquela expedição passou entre Scilla e Cariddi sem maiores problemas e alguns dias depois aportava a Gênova e seus marinheiros puderam mais uma vez, varcar a Porta Soprana, um dos símbolos do poder da República de Gênova. a Soberba.

E o Comandante apresentou-se ao Doge, dando conta de sua missão não sem antes supervisionar pessoalmente o armazenamento da carga aos trapiches do Doge".

Neste ponto nosso amigo silenciou. Parecia cansado, o que era normal, pois a narração tinha absorvido quase um dia todo: iniciada



Portal de San Lorenzo, construído no século XIII

no aperitivo, lá pelas 12 horas desenrolara-se durante o almoço e pela tarde adentro. Quando o amigo parou, já passavam das 18 horas. Pensamos que tivesse terminado e que desejava repousar. Mas não. Ele simplesmente criou um clima de suspense, de curiosidade pois afinal não dissera ainda qual tinha sido a missão, nem qual a carga trazida.

Meia hora e dois bicchierini do bom Strega depois, o amigo denoves desvendou o mistério: "... O Doge então dominante tinha enviado, anos antes, uma expedição como as outras e, como sempre, aquele país estava pagando a Gênova as indenizações devidas, em tecidos, especiarias, frutas, etc. Repentinamente, o Doge, um bom, legítimo genovês pensou em algo. Chamou o Conselho e disse: "...estamos lesando a nós próprios. Recebemos, como indenização, os tecidos, cravo, canela, gengibre e compramos deles, pagando em ouro o alho, condimento tão necessário à República. Pois bem, resolvi enviar nova expedição armada em guerra que irá forçar o potentado mandante a nos entregar, pelos próximos anos, além do que já entrega, também o alho, que deixaremos de pagar." E a expedição foi e voltou vencedora, trouxe a primeira parcela do gostoso alho, que os genoveses passariam a ter

em suas cozinhas, sem ônus para os cofres da República.

Novamente nosso amigo parou de falar e fitou-nos como a interrogar. Parecia esperar um comentário nosso, uma talvez explosão de júbilo pelo conhecimento do segredo dos genoveses. Mas devolvemos o olhar interrogativo, pois não víamos nada de excitante no tal segredo. Então nosso amigo, como já dissemos genovês legítimo, da melhor estirpe, completou:

"... você não percebe como os genoveses, que já tinham criado o Banco, a Letra de Câmbio e uma porção de novas regras para o comércio, criaram, naquela ocasião mais uma, algo que foi inserido nas transações comerciais do Mundo todo? Ao surrupiar o alho aos levantinos, sem pegá-lo, criaram um a mais, um adendo. Foram eles, assim diz a História, os primeiros a cobrar um suplemento, algo assim como um juro a mais. Você percebeu o que?"

Após refletir uns minutos e pensar em genovês, esta língua tão áspera e objetiva, veio o estalo: Na língua genovesa, o alho é chamado aggiu!!

Nota:

No dicionário da Academia Brasileira de Letras, o verbete agio é descrito como: "lucro resultante de câmbio de moeda ou troca de papéis por dinheiro...()

Fig. usura Do ital.: aggio - vantagem...

(*) Arnaldo Trebilcock, brasileiro, estudou na Europa e terminou seus cursos numa universidade italiana. Foi redator chefe da Tribuna das Estâncias e redigiu os artigos de fundo da Tribuna Latina. Doutor em Ciências Comerciais, atua como agente-geral para o Brasil de empresas fabricantes de maquinário e equipamentos para indústrias petrolíferas, petroquímicas e farmacêuticas.

Aviadores de São Caetano

Henry VERONESI(*)

Uma boa parte dos homens, embuidos com o espírito da aventura, encontra a satisfação dos seus desejos no conforto de sua valentia com o sucesso imprevisto, expondo-se a perigos diversos. Com a virilidade que lhe é peculiar desafia situações imprevistas, sem se importar com as consequências desastrosas que poderão lhe acontecer.

Uma decisão ou atitude errônea pode resultar em danos pessoais ou materiais irreparáveis que, na maioria das vezes, se estendem ao campo familiar, material, financeiro, econômico, ou seja, irreparáveis em toda a sua vida. Verdadeiros desastres irreversíveis.

Ele, desde sua aparição na face da Terra, para sua sobrevivência, já vive uma aventura rodeada de casualidades naturais, sem que vá ao encontro delas.

Mas isso não basta para ele. Vai sempre ao encontro do perigo e na maioria das vezes, apenas por esporte.

Para aqueles que vivem se aventurando, a vida, quase sempre, é mais curta, isto porque, o risco de perecimento é bem maior do que aqueles que não se expõem e, mesmo ainda, para aqueles que se resguardam.

A partir do século XII, o homem não se contentando com as conquistas marítimas, começou a idealizar a conquista do espaço aéreo com aparelhos mais pesados do que o ar. O primeiro a pensar seriamente nesse aparelho foi o frade inglês Roger Bacon que no ano de 1.250, sugeriu a construção de um aparelho que denominou "ortóptero" que consistia numa máquina voadora que batia as asas como um pássaro.

Mais tarde, no ano de 1.490 o grande pintor italiano que também era escultor, arquiteto, engenheiro e inventor, Leonardo da Vinci, que fizera um profundo estudo sobre o Vôo dos Pássaros, projetou e desenhou uma máquina voadora, idêntico ao "ortóptero" do frade inglês.

Todos esses projetos e outros mais só ficaram na imaginação, pois voar com um aparelho ou máquina mais pesada do que o ar, somente foi conseguido quando a idéia do homem deixou de querer imitar os pássaros, por ser isso, fisicamente, impossível.

A partir da segunda metade do século XIX, os inventores, aqueles que acreditavam que o mais pesado do que o ar poderia voar, começaram a inventar um aparelho que denominaram "plano" que se mantinha no ar aproveitando as correntes da atmosfera, que o fazem subir ou manter altura, aumentando seu tempo de permanência no ar.

Ele nada mais era que um aeroplano sem motor. O seu problema era elevar-se da terra necessitando essa operação, sempre, de um auxílio externo.

Em 23 de outubro de 1.906 o brasileiro Alberto Santos Dumont, natural da fazenda denominada Cabangu, na estação de Palmira no estado de Minas Gerais, realizou o primeiro vôo com um aeroplano com motor, elevando-se do solo e se mantendo no ar por seus próprios meios.

O pioneirismo de outros aeronautas como o russo Alexandre Mazhaisky, o francês Clement Ader, o alemão Karl Jatho e os irmãos norte-americanos Wright, muito contribuíram para tornar realidade o avião. No entanto em dezembro de 1.910 em sessão realizada no Aero-club de França, ficou registrado ser Santos Dumont "o primeiro aviador do universo que subiu em aeroplano com motor".

Em 1.908, os Irmãos Wright apresentaram na Europa o seu aparelho a grande público. Nesse mesmo ano, em setembro, Orville Wright, ao realizar uma demonstração para as autoridades militares norte americanas, Virginia, num dos vôos, levou como passageiro o tenente Selfridge, que foi a primeira vítima de acidente de avião, morrendo em consequência de ferimentos ocorridos na capotagem do aparelho que viajava.

A aviação, hoje embora tenha sacrificado muitas vidas, é indispensável para a humanidade.

São Caetano do Sul, por intermédio de diversos filhos seus, também contribuiu para o progresso da aeronáutica, sobressaindo-se entre eles o engenheiro Guido Aliberti, Domingos Reinaldo Costa, Eugenio Voltarelli, Luciano Furquim de Almeida e Orfeu Bortelli. Os três primeiros falecidos em consequência de acidentes e os dois últimos reformados em altas patentes na Força Aérea Brasileira - F.A.B.

Guido Aliberti

Guido Aliberti, embora italiano de nascimento, desde 1.923 residia em São Caetano do Sul. Ele e o irmão mais novo, Aldo, recém formado em engenharia química, em Torino, na Itália, foram os precursores na atividade de fabricação de botões.

Em 1.923, num terreno e num prédio onde havia funcionado uma fábrica de pólvora do senhor Tosetti, e que tinha se incendiado, montaram a primeira fábrica de botões da América do Sul, nesta cidade. Além dessa atividade,



Aldo Aliberti e Yolanda Falchero Aliberti, na sede do Clube de Tiro ao Vôo de São Paulo (1970)

os dois irmãos, que eram grandes esportistas, iniciaram, mais tarde, a construção de um planador para a prática de esporte.

Idealizado por eles, construíram-no de forma que pudesse alçar vôo, sem auxílio de motor em dois de março de 1.930 a população de São Paulo foi testemunha do primeiro vôo à vela da América do Sul. Tanto Guido, como Aldo, eram pilotos de planadores, por isso no dia do primeiro vôo, os dois queriam a demonstração, depois de intensa discussão, prevaleceu a voz do mais velho. Guido pilotaria a planador.

Na primeira tentativa, subiu alguns metros e logo desceu. Na segunda tentativa, algo errado aconteceu tendo ele que fazer um pouso forçado, sofrendo um grave acidente. Foi hospitalizado, vindo a falecer alguns dias depois. Mas morreu sabendo que ele, Guido e o irmão Aldo conseguiram para o Brasil, o título de pioneiros no vôo a-vela.

No Jornal de São Caetano de 28 de julho de 1.971, dona Helena Perrella, em depoimento sobre o desastre ocorrido disse as seguintes palavras: "O fato marcante (dona Helena não sabe precisar se foi em 1.929 ou 1.930) foi a epopéia do engenheiro Guido Aliberti que construiu o primeiro planador que se tem notícia no Brasil, tendo, após sucessivas experiências coroadas de êxito, levantado vôo na Vila Varioca, perante enorme assistência.

O planador foi lançado por cordas de borracha, no mesmo processo com que se atira uma pedra com estelíngue.

No entanto, segundos após o lançamento, o engenheiro Guido Aliberti bateu com a nuca nos costados do aparelho e ficou inconsciente, não conseguindo controlar o aparelho que subira pouco mais de trinta metros de altura".

Guido Aliberti na queda do aparelho sofreu ferimentos generalizados, inclusive fraturas nas duas pernas. Levado para o Hospital Matarazzo, não resistiu aos ferimentos sofridos vindo a falecer dias depois da internação. Foi sepultado como herói. Grande parte da população de São Caetano compareceu no seu funeral, dado o prestígio que gozava na comunidade.

O jornal O Coopercarro, em artigo dedicado aos irmãos Guido e Aldo Aliberti, com o título — Vôo tem que ser Eterno", diz: "...Foi hospitalizado, vindo a falecer alguns dias depois, sabendo, no entanto, que ele e o irmão, deram ao Brasil, o título de pionerismo no vôo a vela em toda a América do Sul".

Domingos Reynaldo Costa

Natural de São Caetano, foi sempre um idealista, inteligente e arrojado. Em todas as iniciativas, fossem elas esportivas, sociais ou de qualquer outra, lá estava o Lilo, como era carinhosamente apelidado, a querer participar delas.

Apaixonado pela aviação civil, junto com outros dois companheiros da cidade (Nevio Dias e Salvio Fernandes) iniciaram o aprendizado. Ingressaram como alunos no Aero Clube de São Paulo e pretendiam concluir o curso de piloto de avião, como uma modalidade esportiva.



Eugênio Voltarelli pilotando o avião Fairchild PT-26, do Aero Clube de Piraçununga (abril de 1983)

na irreparável no seio dos seus companheiros, que compunham o Grupo XV desta cidade. Ele se foi mas temos certeza que foi contente, porque no momento que foi chamado, estava fazendo uma das coisas que mais gostava na vida. Pilotando ou, apenas voando em um avião.

A Folha da Noite, da segunda-feira do dia 15 de abril de 1.946, em manchete deu a seguinte notícia: O avião bateu na árvore e espatifou-se no solo. Pareceram os dois tripulantes, o instrutor e um industrial desta Capital.

A notícia foi publicada da seguinte forma: "Ao final de queda vertiginosa de cerca de 100 metros de altura, um teco-teco, no Aero Clube de São Paulo, depois de perder um plano de asa de encontro ao arvoredo, espatifou-se violentamente ao solo, onde ficou reduzido a um monte de ferros retorcidos. Os dois tripulantes, isto é, um instrutor daquele aero clube e um aluno de São Caetano, tiveram morte instantânea. O impressionante desastre ocorreu pouco mais de 9 horas e 30 minutos de ontem nas proximidades de Jaçanã".

Na edição Jornal de São Caetano do dia 28 de julho de 1.946, foi prestada uma homenagem póstuma, seguinte: "Ao vir à publicação o primeiro número do Jornal de São Caetano, não poderia deixar de consignar, por dever de justiça, uma homenagem póstuma a um lídimo pugnador pelo ideal de se dar um jornal a nossa cidade.

Tão precoce e brutalmente arrebatado do nosso convívio, não poderá Domingos Reynaldo Costa ver seguir os melhoramentos tão necessários à cidade que ele amava.

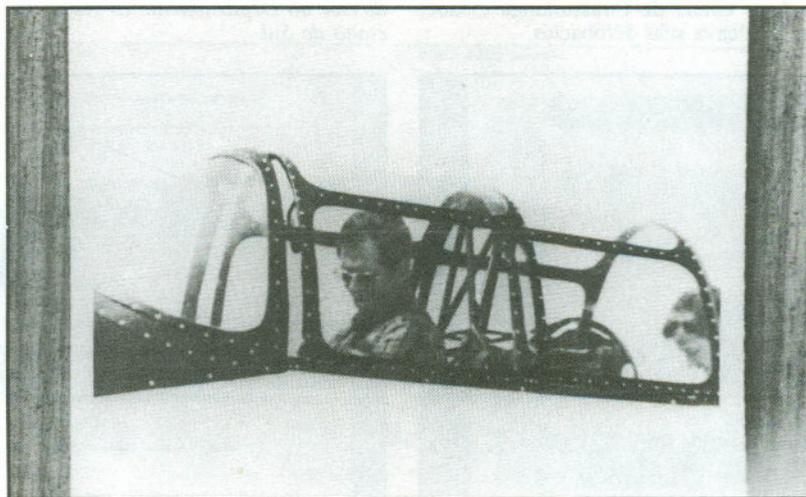
Aqui fica, pois, o preito de homenagem sincera do Jornal de São Caetano, do Clube Comercial e de seus amigos.

Eugenio Voltarelli

Paulista de Pirassununga, veio para fixar residência nesta cidade em 1.950. Veio para lecionar, visto ter se formado professor no ano anterior, e porque o campo de trabalho na sua terra era por demais restrito.

Aqui chegando, devido a sua excepcional formação, não encontrou dificuldades para arranjar emprego. De iniciativa caprichosa, tão logo se viu com uma economia, alugou umas salas na Escola Paroquial de São Caetano do Sul, instalando uma escola noturna para preparação de alunos para o ginásio e outros cursos.

Na década de 50, foi



Eugênio Voltarelli antes de decolar com o avião Fairchild, em Piraçununga (abril de 1983)



Domingos Reinaldo Costa, num avião Bocker do Aero Clube de São Paulo (outubro de 1945)

convidado pela Associação dos padres Estigmáticos para assumir a direção do Instituto de Ensino Sagrada Família, tendo sido apoiado pelos senhores Verino Segundo Ferrari e Giacomo Benedetti.

Eugenio Voltarelli, em 1.953 casou-se e constituiu família nesta cidade.

Continuou seus estudos bacharelando-se em Pedagogia e especializando-se em Administração Escolar, em Orientação Educacional e Supervisão Escolar na Faculdade de Ciências e Letras de São Caetano do Sul.

Em 29 de setembro de 1.978, devido aos grandes e inúmeros serviços prestados à comunidade sancaetanense, principalmente na área de educação, a Câmara Municipal de São Caetano do Sul lhe autorizou o título de Cidadão Sul Sancaetanense.

Em 1.980, retorna a praticar o esporte aviatório que adorava e que por circunstâncias econômicas tinha deixado de praticar.

Devido ao seu entusiasmo pela aviação, principalmente pela aviação aeronáutica, e sua dedicação, logo depois que retornou à atividade, foi eleito vice-prefeito do Aero Clube de Pirassununga cidade, onde, quase todos os domingos, praticava suas acrobacias.

Acervo: Izabel Costa



Domingos Reinaldo Costa e Salvio Fernandes, diante do avião Paulistinha do Aero Clube de São Paulo (1946)

Em 2 de abril de 1.983, quando pilotava o seu avião preferido de prefixo PP-GSB, numa manobra acrobática infeliz, perdeu o controle do avião indo se chocar com o solo, morrendo no próprio local.

O jornal de Pirassununga O Movimento, de 7 de abril de 1.983, noticiou: "Segundo informações colhidas em Limeira, onde ocorreu o acidente, a família de Voltarelli passava os feriados da Semana Santa na casa de campo de Geraldo Braido (sogro do eng. Eugênio Voltarelli Filho). Na manhã de sábado, pilotando o avião do Aero Clube local, o professor sobrevoava a residência onde seus familiares estavam acomodados, no sítio Boa Esperança. Ao tentar um tuno, o aparelho não correspondeu, indo chocar-se de bico contra o solo, espatifando-se. Eram 10h40."

Na revista Motor 3, na reportagem do comandante Fernando de Almeida, intitulada Um vôo mais alto, alguns tópicos: "Duas semanas depois de nosso teste com o Fairchild PT-26, em Piracurungá, a fatalidade atingiu o meu querido amigo e companheiro de muitos vôos, Eugênio Voltarelli. E isso aconteceu exatamente quando ele pilotava o avião que tanto amava, o próprio PP-GSB. Uma manobra infeliz, à baixa altura - e o PT-26 não perdoou. Geninho, como nós carinhosamente o tratávamos, livre enfim, partiu para seu vôo mais alto.

Generoso como poucos, sempre prestativo, o Geninho completara o convite com uma gentileza: trazia para mim um pedaço de seda colorida de pára-quadras, para que eu pudesse reparar a biruta em frangalhos sobre o teto de minha casa.

Com o seu jeito, simples, modesto e tranquilo, das pessoas que chegaram a um ponto de suas vidas em que reconhecem não serem superiores a ninguém, e que curtem apenas fazerem parte de um todo harmônico. E que descobriram, essa maravilhosa sensação de integração no próprio ato de voar. Era essa a sua maneira de ser, a sua religião, e por que não?

Agora, estou voando bem alto com a asinha Mitchell, já enxergando Itú ao longe, apesar do sol poente na proa. E vejo claramente o Geninho em sua ascensão incomparável, partindo para o vôo mais alto e mais livre de todos. Bom vôo, companheiro."

Na Aviação Militar

Na aeronáutica nacional, entre as pessoas da sociedade local, duas se sobressaíram entre as demais, Luciano Furquim de Almeida e Orfeu Bertelli. O primeiro, após brilhante carreira militar, reformou-se como major. O segundo, em não menos brilhante carreira, depois de ter participado ativamente na frente de batalha na Itália, na última Guerra Mundial, retornou para São Caetano, como Herói Nacional. Ambos se reformaram, com as patentes, na Força Aérea Brasileira.

(*) Henry Veronesi, advogado, administrador de empresa, ex-radialista, ex-diretor do Programa ABC em Marcha, ex-presidente da Ordem dos Advogados-Subseção de São Caetano do Sul, ex-diretor da Fazenda, da ex-diretor da fazenda da Administração, da Caixa de Pensões dos Funcionários, ex-presidente das Comissões de Licitações, da Comissão de Reforma Administrativa da Prefeitura de Santo André, ex-diretor do Departamento de Administração da Prefeitura de São Caetano do Sul.

Acervo: Album da Pan



Planador construído pelos irmãos Guido e Aldo Aliberti, em 1929

Imigração

Os Donauschwaben, uma comunidade de língua alemã em São Caetano

Aleksandar JOVANOVIC (*)

O presente texto tem como objetivo rastrear, a partir das primeiras décadas de nosso século, a presença de uma comunidade de língua alemã em São Caetano do Sul. Trata-se de imigrantes oriundos de diversos países da Europa Central que aqui desembarcaram logo após o final da Primeira Guerra Mundial e que, embora provenientes de países diferentes, portando passaportes e cidadanias distintas, tinham em comum um dialeto da língua alemã que falavam há séculos, além de costumes e tradições afins e uma homogeneidade étnica.

Nos anos 20, esses imigrantes de língua alemã chegaram a organizar uma escola em São Caetano - como veremos adiante -, fundaram um clube esportivo-recreativo e, hoje, os remanescentes das atividades desenvolvidas pelos chamados *Donauschwaben* podem ser vistos ainda na União Cultural.

A fim de tornar compreensível para o leitor brasileiro a série de circunstâncias que acabaram influenciando para que esses imigrantes mantivessem uma unidade lingüística, étnica e cultural (a despeito de terem estado dispersados em vários territórios da Europa Central, durante séculos), abordaremos, também, (em linhas gerais) os fatos históricos que marcaram a transferência dos *schwaben* no interior do Império dos Habsburgos, no século 18..

1. A ascensão dos Habsburgos

Donauschwaben (isto é, suábios do Danúbio, em alemão) é uma expressão que costuma designar uma população de língua alemã que acabou sendo deslocada, no século 18, pela imperatriz austríaca Maria Thereza (1717-1780) para as regiões ribeirinhas situadas ao longo do curso do rio Danúbio e, também, para a fértil planície panônica. Trata-se de uma iniciativa cujo objetivo era a criação de colônias agrícolas no interior do Império dos Habsburgos e, ao mesmo tempo, um dos vários ramos de deslocamento de populações de origens diversas, com o propósito de tornar heterogêneas, sob o ponto de vista étnico, certas zonas do domínio austríaco. Maria Thereza visava, ao que parece, impedir sublevações de povos submetidos ao governo de Viena, como era o caso de húngaros, sérvios, romenos, ucranianos, eslovacos, eslovenos, croatas, etc.

Os suábios são originários da Suábia, hoje compreendida por uma parte do estado alemão da Baviera. No sentido lato, o topônimo Suábia designa-

va uma extensa região compreendida entre os Alpes, ao sul, e o curso superior do rio Neckar, ao norte, o curso do rio Reno, a oeste, e o curso dos rios Lech, Wornitz e Sulzach, a leste [1.]. Esse território chegou a receber, também, o nome de Alamânia, porque ali se fixou a tribo germânica dos alamanos (ou suevos), no começo de nossa era, na época das invasões germânicas no Império Romano.

Os limites geográficos da Suábia modificaram-se grandemente ao longo da História e chegaram a abarcar o território compreendido pela Alsácia-Lorena (hoje incorporada à França, depois de disputas sangrentas com a Prússia, no século passado, e com a Alemanha, em nosso século) e a Francônia Média (Baviera). Membros da família dos imperadores da casa dos Hohenstaufen (até 1268) intitulavam-se duques da Suábia e da Alsácia. Hoje, o termo Suábia define uma parte do estado alemão da Baviera. Contudo, sob o ponto de vista lingüístico, étnico e cultural, essa área tem relações estreitas com o cantão suíço do Appenzell, com o Vorarlberg austríaco e os territórios alemães de Baden e a parte oriental da Alsácia-Lorena [2.].

Para compreender melhor o contexto em que o Império dos Habsburgos operou esse deslocamento de populações no interior de seu vasto domínio é preciso lembrar que a ascensão da Áustria e da Prússia, como potências européias, emergia como espécie de canto de cisne da desintegração do Sacro Império Romano-Germânico [3.]. Entre 1740-1748, ocorreu a guerra pela sucessão do trono da Áustria, envolvendo a disputa pela Silésia (hoje, sudeste da Polônia). A imperatriz austríaca Maria Thereza aliou-se à Holanda, Rússia e ao principado germânico da Saxônia, enquanto Frederico II, da Prússia, conseguiu aliar-se à França e ao principado germânico da Bavária. Após um ano de lutas, as partes em conflito assinaram o Tratado de

Klein-Schnellendorf (1741), com poucos resultados práticos. Através da mediação inglesa, novo tratado foi subscrito, o de Berlin (1742), concedendo a Silésia à Prússia. Enquanto isso, ingleses, holandeses, austríacos e mercenários alemães formaram o chamado Exército Pragmático, que marchou contra os franceses, impondo-lhes uma derrota [4.]. Em 1745, a morte de Charles VII acabou concedendo a Bavária aos austríacos. Frederico da Prússia havia conseguido ocupar a Silésia, e o Tratado de Dresden pôs termo à guerra no interior da maioria dos estados alemães. Contudo, a guerra pela sucessão do trono austríaco continuou por mais três anos, envolvendo a Itália e Flandres, além da guerra colonial que opunha ingleses, fran-

Acervo: Frida R. Jöllenbeck



Ano de 1938: a Johannes Keller Schule de São Caetano posa para uma foto oficial



A equipe de futebol do Teuto, em 1938

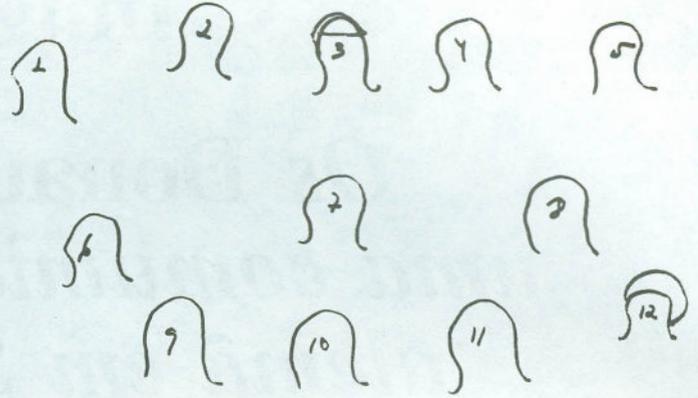
ceses e espanhóis. A Faz de Aachen (1748) reconheceu Maria Thereza como imperatriz da Áustria, que, de imediato, começou a reorganizar o seu Estado, inclusive com o deslocamento sucessivo de populações com o objetivo de assegurar a hegemonia de Viena nas terras húngaras e nos territórios habitados por romenos (Transilvânia), sérvios (Vóivodina), croatas (norte da Bósnia e sul da Croácia), etc. Poucos anos depois, contudo, eclodiria a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), envolvendo Prússia, Áustria, Rússia, França e Inglaterra, além das diversas possessões austríacas e/ou prussianas na Europa Central. É nesse contexto que começa o deslocamento dos suábios no interior do Império austríaco.

Durante séculos, os suábios conviveram com romenos, sérvios, húngaros e croatas, até que, depois da Primeira Guerra Mundial, surgisse um novo diagrama político na Europa Central, com países que ora ressurgiam - como era o caso da Polônia -, ora representavam a união de antigas nações sob nova fórmula política - como era o caso da Tcheco-Eslôvquia, Romênia e Iugoslávia -. A partir de 1918, portanto, os suábios que viviam nesses territórios passaram a ser cidadãos desses novos países, embora tivessem conservado língua e costumes. No começo dos anos 20 de nosso século, as consequências trágicas da Primeira Guerra Mundial provocam a emigração de povos oriundos de vários países europeus em direção às Américas.

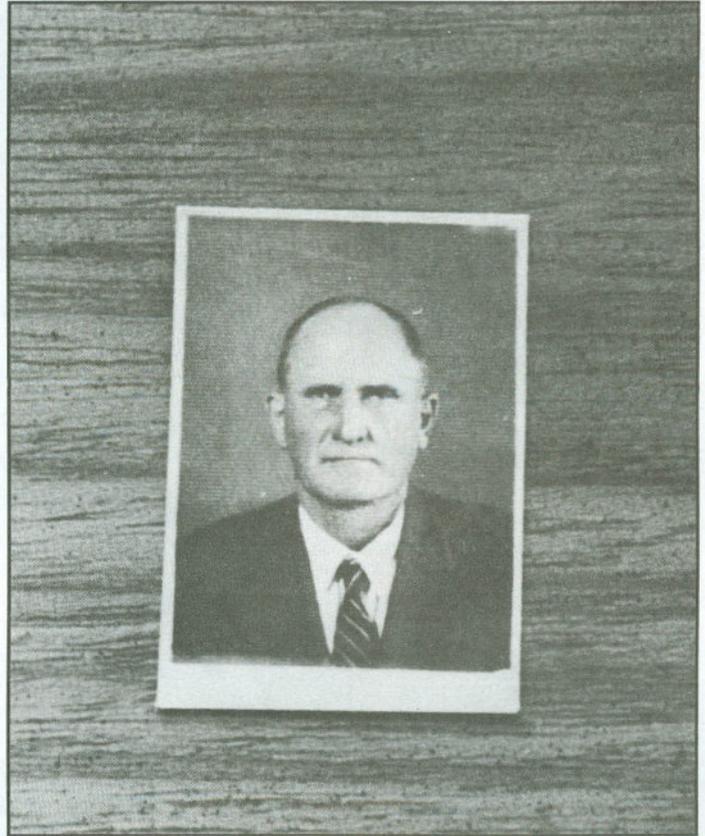
O Teuto

Os primeiros *Donauschwabern* chegaram ao Brasil logo depois da Primeira Guerra Mundial. É preciso observar que o rastreamento de sua presença no país apresenta idêntica dificuldade àquela existente com relação a outros grupos de imigrantes que, embora pertencentes a um só grupo etnolinguístico e cultural, ostentavam passaportes de países diferentes. Esse tipo de problema é comum com relação à imigração proveniente da Europa Centro-Oriental, onde a mobilidade das fronteiras sinalizava sucessivas dominações sobre populações inteiras e onde, não se pode olvidar, o mapa étnico sempre foi, e ainda continua sendo, extremamente complexo, face à convivência secular, ou milenar, de inúmeros povos em pequenas faixas territoriais [5.]. Portanto, muitos desses imigrantes de língua alemã que se haviam de estabelecer em São Caetano desembarcavam no Brasil com passaportes romenos, tcheco-eslovacos, iugoslavos, húngaros, etc.

Falta levantar a data exata da chegada dos *Donauschwabern* a São Paulo e, em particular, a São Caetano. Contudo, em 1929 o número de famílias era suficientemente elevado para que, no dia 26 de agosto, fundassem uma entidade capaz de congregá-los e oferecer-lhes lazer. Lançados no interior de uma comunidade italianizada, os *schwaben*, muitas vezes, enfrentaram dificuldades com a língua portuguesa, mas a integração com o meio acabou sendo rápida. A primeira sede social da Sociedade União Teuto-Brasileira estava localizada à rua Piauí, 178, numa propriedade de João Vamondes. O *Teuto* logo constituiu um time de futebol de campo, outro de handebol e um



1- João Kehl; 2- José Reinhofer; 3- Walter Klinger; 4- Ivan Pahl; 5- Alfredo Klinger; 6- José Hespanhol; 7- Pedro Knebl; 8- Antonio Miller; 9- Wendelin Hellenbart; 10-Schuster Zeif; 11-João Moura; 12- ?



João Isler, terceiro presidente do Teuto (foto sem data)

de *faust-ball* (punho-bola). É interessante atentar para o fato de que os *suábios* - cidadãos de diversos países europeus, mas de origem germânica - decidiram batizar a organização que os congregava com o nome de Teuto, alusão evidente aos teutões, antiga tribo germânica que habitava as costas do Mar Báltico... Assumiam, assim, sua condição de população etnicamente germânica, mas não adotavam o etnônimo *alemão* ou *germano*. Simples filigrana semântica, ou não, pouco importa; o fato é que os suábios viraram teutões em São Caetano.

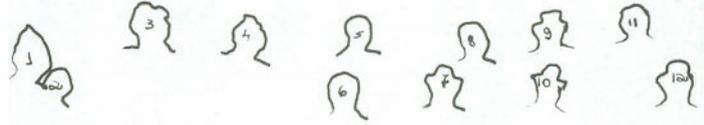
A primeira diretoria do *Teuto* estava assim constituída: presi-



A Orquestra Tirolesa de Nikolaus Behringer, na sede do Teuto, à rua Wenceslau Brás, 47 (foto sem data)



João Kaiser, presidente da União Cultural Esportiva de São Caetano (foto sem data)



1- ?; 2- ?; 3- Nikolas Behringer; 4- André Rosani; 5- João Carvalho; 6- Palmira ?; 7- Jacob Negro; 8- João Carvalho; 9- Oswaldo Kasil; 10- ?; 11- ?; 12- Nélio ?

Johannes Keller-Schule = São Caetano
 Escola Alemã

Zeugnis = Boletim 1937

Für den Schüler: *Werner Jöllenbeck* Klasse: *III*
 de: *Werner Jöllenbeck* Klasse: *III*

Orthographie: <i>1</i>	Arbeitsleistung: <i>3</i>
Comportamento: <i>1</i>	Atividades: <i>3</i>
Fluência: <i>2</i>	Ortografia: <i>1</i>
Aplicação: <i>2</i>	Exatidão: <i>1</i>
Verdadeira Schöpfung: <i>1</i>	
Engagem.: <i>1</i>	

Lesen: <i>1</i> Lesarten: <i>1</i> Grammatik: <i>2,2</i> Grammatik: <i>2,2</i> Diktat: <i>2,3</i> Diktat: <i>2,3</i> Diktat: <i>2,3</i> Aufsatz: <i>2</i> Aufsatz: <i>2</i>	Naturkunde: Sciences naturelles: Heimatkunde: Língua da Pátria: <i>2</i> Physik: Física: Chemie: Química: Biologie und Menschenkunde: História e ciência das raças: Brasilianische Geographie: Geografia do Brasil: <i>2</i> Brasilianische Geschichte: História do Brasil: <i>1,2</i> Buchhaltung: Contabilidade: Kalligraphie: Escrita: Stenographie: Schönschreiben: Caligrafia: Formen: Grammatik: <i>2,3</i> Sprachen: Línguas: <i>2</i> Canto: Cantos: Handarbeiten: Trabalhos manuais: Zeichnen: Desenho: <i>2</i> Maschinenzeichnen: Desenho de engenharia: Ligo de estenografia:
---	--

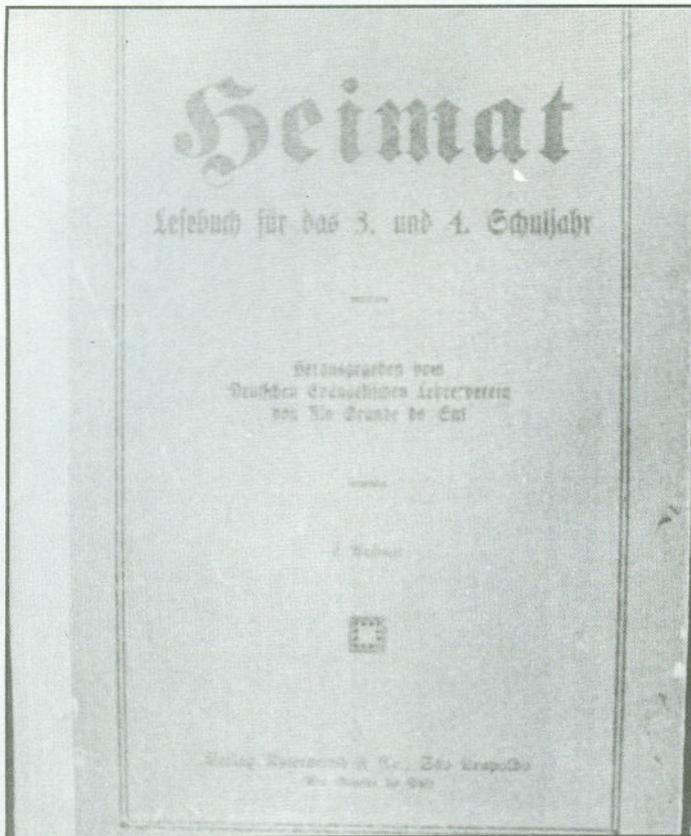
São Caetano, 26 de Junho 1937

Werner Jöllenbeck
 Schulleiter - Diretor

Lydia Kraemer
 Klassenlehrerin - Professora de classe

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12.
 Klassenlehrer Klassenlehrer

Boletim de Werner Jöllenbeck, na Escola Alemã de São Caetano, emitido em 26 de junho de 1937 e assinada pela professora Lydia Kraemer e pelo diretor Linnhart. Boletim referente ao terceiro ano do curso primário



Heimat (Pátria) - lesebuch für das 3. und 3. Schuljahr (Livro de Leituras para o terceiro e quarto anos). Foi editado pela Verlag Rotermond & Co., de São Leopoldo (primeira edição, 1931; segunda edição, 1935). Foi utilizado pela aluna Frida Regeis, no ano de 1938, na Escola Alemã de São Caetano

Acervo: João Kaiser



Jakob Harfmann, membro da primeira diretoria da Sociedade União Esportiva Teuto-Brasileira (foto sem data)

dente, Paulo Kraus; vice-presidente, João Vogel; primeiro-secretário, Konrad Scheffer; segundo-secretário, Filip Heise; primeiro-tesoureiro, Konrad Enis; segundo-tesoureiro, Filip Retzer. O conselho fiscal da entidade era integrado por Josef Bechaker e Edie Ernberger; o diretor esportivo era Nicolaus Fichtenhauer; o mestre-sala (?), Jacob Harfmann, e o zelador do clube, Martin Schwalt.

A relação dos fundadores da entidade era composta, ainda, pelas seguintes pessoas: Stefan Bachert, João Barbi, João Zentner, Nicolau Rosani, Nicolau Bastian, João Isler, Miguel Kaiser, José Simon, Pedro Knebel, Henrique Sabo, Antonio Gerber, João Lefort, João Pilo, Wilhelm Stefan, Adam Oppe, Adolf Eisendecker, Nicolau Schunk, Gerhard Wagner, Viktor Kasner, Georg Kirens, Bernard Vogel, José Brunner-Schardas, Adam Kleiner, Martin Detlinger, Antonio Losch, Wendelin Hellenbart, José Reinhofer, José Schardas, João Kehl, José Laub e João Simon.

Segundo depoimento de João Kaiser, presidente da União Cultural (entidade que sucedeu ao Teuto), os primeiros livros de atas, que estavam em posse dos fundadores, acabaram desaparecendo. O motivo: as restrições impostas, a partir de 1938, ao funcionamento de clubes e sociedades de estrangeiros no país e as ligações estabelecidas, pelo governo brasileiro, entre imigrantes alemães ou japoneses, por exemplo, a ascensão do nazifascismo, com a criação do Eixo. Afinal, o mundo assistia, naquele ano, à anexação da Áustria pela Alemanha e à invasão e desmembramento da Tchecoslováquia, simples vestíbulos da barbárie da Segunda Guerra Mundial, desencadeada, em 1º de setembro do ano seguinte, com a invasão da Polônia.

O segundo presidente do Teuto foi Stefan Bachert, conhecido como o *homem do cachimbo*, alusão evidente ao fato de sempre estar fumando um cachimbo. Bachert havia sido soldado, na Primeira Guerra Mundial, e acabou ganhando, como lembrança dos serviços prestados ao Exército Imperial austro-húngaro, um cachimbo de porcelana longo (objeto típico da Europa Central), com dedicatória. O seu sucessor na direção da entidade foi João Isler. O Teuto funcionou à rua Piauf, 178, até o ano de 1938 - pelo menos no que diz respeito às atividades esportivas. O clube, propriamente dito, estava situado do outro lado, à rua Wenceslau Brás. Em 1936, houve mudança parcial para a rua Afonso Pena, esquina com Saldanha da Gama (atual rua Marechal Deodoro), na propriedade de David Pinto. Em 2 de setembro de 1938, assembléia-geral deliberava a mudança de nome da entidade (em função do decreto-lei 238, de 18 de maio de 1938). O resultado da reunião foi a transformação do Teuto em Sociedade Esportiva São Caetano, decisão aprovada por unanimidade. A nova diretoria, eleita na mesma oportunidade, exerceu mandato até dezembro do ano seguinte. Emílio Germano Gottschalk foi, portanto, o primeiro presidente da nova sociedade; Antonio Garbelotti, vice-presidente; Oswaldo Richtman, primeiro-secretário; Wilhelm Stefan, segundo-secretário; Arno Sommer, primeiro-tesoureiro; Robert Schick, segundo-tesoureiro. A comissão de sindicância era composta por João Barbi, Adam Oppe, Gerardo Lindhardt e João Isler. Segundo dados fornecidos por João Kaiser, os seguintes sócios estiveram presentes à assembléia-geral que deliberou a mudança do nome do Teuto: Hans Hamerka, Robert Schick, João Hamerka, Nicolau Schunk, João Pratscher, Henrique Enis, José Sepelfeld, José Luts, Nicolau Rosani, Antonio Tremmler, Francisco Hellenbart, Mathias Lasinski, Mathias Sendelbach, Suzanne Kersch, Maria Kersch, Crista Hapke, Tereza Klein, H.K. Linhart, Konrad Enis, Martin Feller, Adolfo Einsendecker, Pedro Basting, Jacob Schwald, João Kozar, Johann Metzger, Nicolau Bastiani, Mathias Postgiebel, João Kaiser, João Bernath, Pedro Gerber, Carlos Wagner, Lorenz Detlinger, Antonio Gesellmann e Mathias Gesellmann.

A diretoria eleita em 1940 estava assim constituída: presidente, Emílio Germano Gottschalk; vice-presidente, João Isler; primeiro-secretário, Oswaldo Richtman; segundo-secretário, Walter Spinello; primeiro-tesoureiro, João Barbi; segundo-tesoureiro, Lothar Sommer. A diretoria de 1941 havia reconduzido Gottschalk e Isler; Walter Spinello passou a ocupar a primeira-secretaria; Antonio Martinez era o segundo-secretário; Francisco Hellenbarth, o primeiro-tesoureiro; Arthur Garbelotto, o segundo-tesoureiro. Em 1942, o *oriundo* Arthur Garbelotto acabou sendo eleito presidente da entidade; o vice era Emílio Germano Gottschalk; Walter Spinello permanecia na primeira-secretaria; Licchio Perla Milan era o segundo-secretário; Antonio Martinez, primeiro-tesoureiro, e Lothar Sommer, segundo-tesoureiro. É interessante notar a simbiose entre imigrantes da Europa Central, mais especificamente os *Donauschwabern* e descendentes dos antigos colonizadores italianos. O sinal mais claro desse fato é a indicação de Arthur Garbelotto para a presidência da Sociedade Esportiva São Caetano (entidade, originalmente, fundada pelos suábios). Oscar Garbelotto, filho de Arthur, afirma, em depoimento, que tem conhecimen-



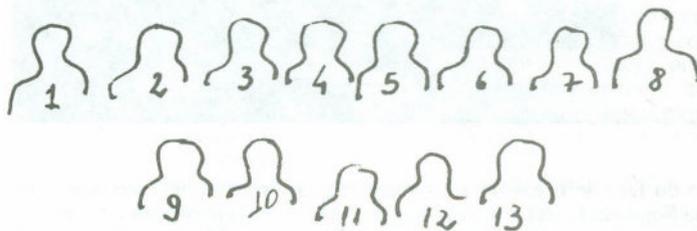
Paulo e Júlia Kraus, em foto de 1929. Paulo foi o primeiro presidente da Sociedade União Esportiva Teuto-Brasileira



Sede atual da União Cultural de São Caetano do Sul, à rua Piaui



Equipe principal de futebol da Sociedade Esportiva São Caetano (ex-Teuto). Circa 1942, na Avenida Goiás, onde ficava a Tecelagem Nice



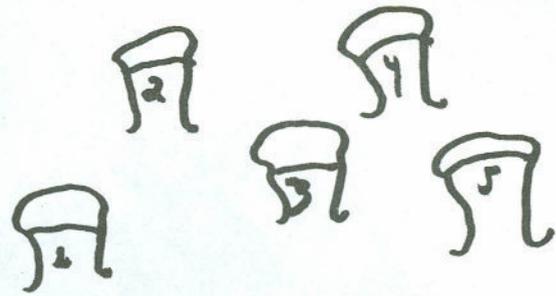
- 1- Antonio Bussolani, presidente; 2- Mathias Zeller; 3- José Schank;
- 4- Antonio Zeller; 5- João Kaiser; 6- Pedro Gerber; 7- ?;
- 8- Konrad Enis, diretor esportivo; 9- Valter Spinello;
- 10- João Pats; 11- Afonso Lucas; 12- André Lang; 13- João Isler



- 1- Cláudio Musumeci; 2- Alberto do Carmo Araújo; 3- João Kaiser;
- 4- Antonio Dall'Anese; 5- Walter Braido; 6- Sebastião Lauriano dos Santos;
- 7- João Bonaparte; 8- Oswaldo Martins Salgado



Solenidade nas dependências da União Cultural de São Caetano, nos anos 70



1- Richard ?; 2- Nicolau Bastian; 3- Nicolau Rosani Filho;
4- Gustan; 5- Nicolau Rosani

A banda de Nicolau Rosai, em foto de 1929, durante a inauguração da Sociedade União Esportiva Teuto-Brasileira

to do fato de o pai ter sido convidado a dirigir a entidade, nos anos da Segunda Guerra, devido aos problemas que envolviam o funcionamento de um clube fundado por alemães. Suábios que fundaram o Teuto acabaram, em verdade, assumindo, no Brasil, sua condição de alemães étnicos, a partir do momento em que fizeram funcionar a Escola Alemã de São Caetano, como veremos adiante. O conflito mundial, que opunha a Alemanha nazista de Hitler a uma boa parte do mundo, acabou tendo repercussão, portanto, na situação desses imigrantes de cidadania diversa, mas etnia germânica, que moravam na cidade.

Em 1943, Arthur Garbelotto foi conduzido à presidência do Conselho Deliberativo, tendo como vice Victorino Garbelotto. Em 1943, o presidente da entidade era Antonio Bussolani. No ano seguinte, Carlos Vamondes; depois, em 1945, Luis Astolfi; nas gestões de 1947 a 1950, Marcelino Fernandes. A renovação da cúpula dirigente da sucessora do Teuto e a integração com os diversos segmentos étnicos e/ou sociais da cidade parecia consumada, em definitivo.

Em 28 de outubro de 1951, a Sociedade Esportiva São Caetano e a antiga Escola Alemã decidiram fundir-se numa nova entidade, que se passou a denominar União Cultural de São Caetano. O idealizador da fusão foi João Kaiser, filho de Miguel Kaiser, ex-aluno da Escola Alemã e sócio da Sociedade Esportiva Teuto-Brasileira desde 1937. Assim, Kaiser procurou o presidente da Sociedade Esportiva, Marcelino Fernandes e, ainda, Nicolau Schunk, João Bernhart, Antonio Lesch e Martin Feller. Todos os fundadores da Escola Alemã acabaram sendo convocados e chegaram a analisar a idéia da fusão com Heinz Heller, último presidente da escola, a quem foi encaminhado documento subscrito por algumas dezenas de ex-alunos do estabelecimento de ensino. É muito interessante notar que, na longa lista de assinaturas do ofício dirigido a Heller, pode ser detectada a presença de sobrenomes que não são de origem germânica, como é o caso de Paulo Rákóci, João Sabó (Szabó?) Filho, Henrique e José Sabó (Szabó), o primeiro, com certeza, húngaro, e os três últimos, muito provavelmente de origem magiar. Eram, ao todo, 106 assinaturas. Naquele domingo, 28 de outubro, a assembléia-geral das duas entidades deliberou aprovar a fusão das duas entidades. O novo clube mudou-se para as dependências da antiga Escola Alemã, à rua Wenceslau Brás. Marcelino Fernandes foi eleito presidente da União Cultural e foi reconduzido no cargo até 1955, ano em que acabou sendo substituído por Lourenço Jacob Sauer. Com a renúncia de Sauer, João José Isler

presidiu a entidade até 1962, ano em que João Kaiser começou seu longo mandato.

A Escola Alemã

Iniciava-se o ano de 1930. Ainda não haviam transcorrido dois anos sequer da primeira - e fracassada - tentativa de emancipação político-administrativa de São Caetano, movimento comandado pelo Partido Municipal. Fazia dez anos que o bonde havia chegado ao distrito. No dia 6 de janeiro de 1930, 16 imigrantes ucranianos, muitos deles residentes aqui, realizavam uma reunião à rua das Mimosas, 67, Vila Bela, São Paulo, para votar os estatutos da *Ukrainski Narodni Soiúz* (União Popular Ucraniana), entidade de cunho cultural e assistencial. NO dia 25 de janeiro, a quinta reunião dos ucranianos já era realizada em São Caetano; nascia, assim, a primeira entidade cuja sucessora é a Sociedade Unificação, ainda hoje existente no Bairro Fundação e que continua ativa [6.].

Era o ano em que foi fundada a primeira escola religiosa da cidade, o Colégio Santo Antônio, e quando a General Motors se instalou, oficialmente, em São Caetano, para montar veículos e os refrigeradores Frigidaire [7.]. O ano de 1930 foi bastante agitado politicamente no país: em outubro, eclodia a Revolução, que punha fim à República Velha e levaria Getúlio Vargas à presidência. Os reflexos do movimento seriam sentidos na cidade, sob formas diversas. O presidente da Sociedade Beneficente Internacional União Operária, fundada em 1907, José Mariano Garcia Júnior, eleito juiz de paz, dois anos antes, filiado ao Partido Republicano Paulista, ex-agente do Correio, funcionário municipal, acabou sendo preso, junto com o coronel Saladino Franco, no final do mesmo ano, e foi afastado do serviço público, para ser, mais tarde, reintegrado [8.].

Fazia 14 anos que São Caetano havia sido elevada a Distrito de Paz do Município de São Bernardo, comarca da Capital, através da Lei nº 1.512, do Congresso Legislativo. Fazia quatro anos que as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo S/A haviam se instalado em São Caetano. O projeto de lei dos deputados Antonio Feliciano, Gamma Cerqueira e Zoroastro Gouveia, para elevar São Caetano à categoria de Município, não havia sido aprovado pela Assembléia Legislativa do Estado fazia apenas um ano, anulando, assim, o movimento autonomista liderado por Armando de Arruda Pereira, Antonio Fláquer,



Foto dos alunos da Escola Alemã de São Caetano, em 3 de maio de 1930, na primeira festa realizada no terreno pertencente à escola, à rua Wenceslau Brás, 45/47. Ao fundo, as bandeiras brasileira e alemã. Na primeira fila, da esquerda para a direita, atrás da menina vestida de branco, Maria Anna Kaiser; na mesma direção, de chapéu, Nikolaus Schunk; na frente de Schunk, com camisa e gola branca, João Kaiser; na frente de Kaiser, o quarto à direita é Johan Bernat.

Bonifácio Paulino de Carvalho, Matheus Constantino e outros [9.]. Era o ano em que, no dia 1º de maio, os grupos que integravam o clube *Tropica*, no velho Bairro da Ponte (atual Bairro Fundação) consolidariam o *Lazio*, entidade originária da antiga rua Ruy Barbosa, via pública depois incorporada ao terreno da Matarazzo [10.]. Era uma época em que o Bairro da Ponte era o centro de São Caetano; quando o meio de transporte mais eficiente em direção à capital era o trem da São Paulo Railways. Fazia menos de dois anos que o time de futebol do São Caetano Esporte Clube, entidade fundada em 1914, havia se sagrado campeão do Interior, em 1928. Três anos antes, o Largo da Matriz (atual Praça Comendador Ermelino Matarazzo) havia sido o palco das grandes festividades do cinquentenário da fundação do Núcleo Colonial de São Caetano. Fazia oito anos que a primeira sala de projeção de filmes - o Cine Central - havia sido inaugurado, à atual rua Perrella [11.].

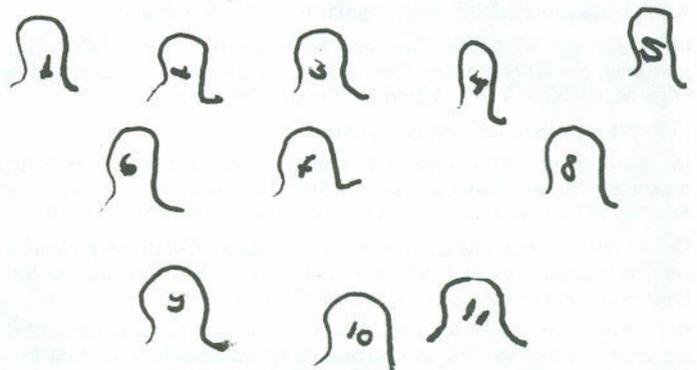
No dia 13 de fevereiro de 1930, os imigrantes suábios, que, um ano antes, haviam fundado a Sociedade União Esportiva Teuto-Brasileira, reuniam-se para organizar uma escola de língua alemã em São Caetano. Seria a Escola Alemã de São Caetano, presidida, inicialmente, por Georg Kirenz. A escola funcionaria até à véspera da Segunda Guerra Mundial, quando acabou sendo fechada. Eram os tempos em que a Alemanha, a Itália e o Japão formavam o *Eixo* e os imigrantes desses países sofreriam as consequências do delírio nazifascista, sobretudo naqueles países que combatiam ao lado dos Aliados.

A primeira diretoria da Escola Alemã era constituída por Miguel Kaiser, vice-presidente; Gerhardt Wagner, primeiro-secretário; Franz Kersch, segundo-secretário; Martin Feller, tesoureiro e Viktor Kasper, Bernardo Vogel, Martin Detlinger, Nikolaus Schunk, Nikolaus Kromer, Johann Bernath, Johann Keller, Josef Kersch, diretores. Um ano mais tarde, o nome da entidade foi mudado para Associação Escolar Teuto-Brasileira de São Caetano. A diretoria da mantenedora da escola primária de língua alemã passou a ser a seguinte: João Keller, presidente; Gerhardt Wagner, vice; Johann Feist, primeiro-secretário; Josef Kersch, segundo-secretário; Viktor Kaspar, primeiro-tesoureiro; Martin Feller, segundo-tesoureiro, e vogais, Wendelin Eichinger, Miguel Puri e Nicolau Rosani.

Um ano mais tarde, a associação comprava de Francisco Massei os lotes de terreno 75-76, à rua Wenceslau Brás, para ali instalar a Escola Alemã. Tratava-se de uma área de aproximadamente 1.400 m². Johann Keller ficou na presidência da mantenedora até 1936. No ano seguinte, foi substituído por Adolf Eisendecker. Em 2 de setembro de 1938, uma assembléia-extraordinária dos associados da entidade decidia transformar a antiga Associação Escolar Teuto-Brasileira de São Caetano no *Deutscher Kulturverein São Caetano* (Associação Alemã de Cultura São Caetano), e a diretoria da sucessora da Es-



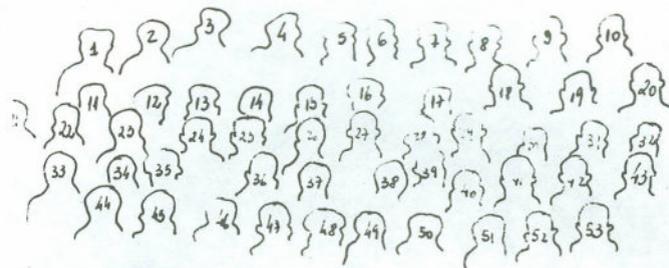
Quadro de futebol da Sociedade União Esportiva Teuto-Brasileira, em 1930



1- Antonio Gerber; 2- João Lefort; 3- Edie Ehrenberger; 4- Lorenz Pinzi; 5- Carlos Wamondes; 6- Henrique Szabó; 7- Konrad Enis; 8- Franz Detlinger; 9- Drago ?; 10-João Pilo; 11-Jorge?



Alunos da Escola Alemã, em foto de 1930



- 1- José Hager; 2- Roberto Baade; 3- Bernard Schmidt; 4- Franz Kraemer;
 5- José Lorenz; 6- Gustav Buss; 7- Eduard Nackur; 8- João Kaiser;
 9- João Hoffman; 10- André Pats; 11- Pedro Heski; 12- ? Zechmeister;
 13- Anton Zeller; 14- ?; 15- ?; 16- Karlheinz Buss; 17- Roberto Ertner;
 18- Miguel Heski; 19- Georg Pasku; 20- Nikolaus Schunk; 21- Carlos Wachtler;
 22- Henrique Enis; 23- Georg Teubel; 24- João Pats; 25- Franz Müller;
 26- João Hemerka; 27- Henrique Köter; 28- Nicolau Zahne; 29- João Bernat;
 30- Emil Flöter; 31- Adam Mutter; 32- João Zeller; 33- Henrique Enis;
 34- Henrique Köter; 35- Bubi ?; 36- João Isler; 37- Franz Kraemer;
 38- Adam Hoffman; 39- Nicolau Pasku; 40- ? Dennis; 41- ? Zahner;
 42- Francisco Schütz; 43- Gustav Vogel; 44- ?; 45- ?; 46- ?; 47- ?; 48- ?;
 49- Franz Müller; 50- Christian Seifert; 51- João Hemerka; 52- ?; 53- ?

cola Alemã seria constituída por Heinz Hellner, presidente; Karl Laufkoetter, vice; Max Hapke, primeiro-secretário; Ernst Paul Kuebbers, segundo-secretário; Josef Kersch, primeiro-tesoureiro e Karl Diel, segundo-tesoureiro. Ao todo, a escola funcionaria cerca de nove anos.

Notas bibliográficas

- [1.] WAHL, Rudolph - *Die Deutschen. Eine Historie*. München, Verlag F. Bruckmann, 1953, pp. 473 e ss.;
- [2.] PINNOW, Hermann - *History of Germany. People and state through a thousand years*. Translated from the German by Mabel Richmond Brailsford. London, George Allen & Unwin Ltd., 1933, pp. 238 e ss.;
- [3.] SZILÁGYI Sándor (ed.) - *A Magyar Nemzet Története*, Budapest, Az Athenaeum Irodalmi és Nyomdai R.T., 1898, *passim*;
- [4.] VALENTIN, Veit - *The German People. Their History and Civilization from the Holy Roman Empire to the Third Reich*. Translated by Olga Marx. New York, Alfred A. Knopf, 1949, *passim*;
- [5.] SZILÁGYI Sándor - *op.cit.*, *passim* ;
- [6.] JOVANOVIĆ, Aleksandar - Ucranianos, sete décadas de presença marcante. *Raízes*, São Caetano do Sul, Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul, 6: 23, janeiro de 1992;
- [7.] RAMOS, Adriana M.C. et Mônica de SOUZA - *Cotidiano e História em São Caetano do Sul*. São Paulo: Hucitec ; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, p.80;
- [8.] MÉDICI, Ademir - Retratos familiares de velhos moradores. *Raízes*, São Caetano do Sul, Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul, 7: 30, julho de 1992; MARTINS, José de Souza - *Subúrbio. Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, p. 213;
- [9.] MARTINS, José de Souza - *São Caetano em IV Séculos de História*,

ria, São Caetano do Sul, s/ed., 1957, pp. 213 e ss.;

[10.] GARBELOTTO, Oscar- *Cenas do Bairro da Ponte (1920-1940). Raízes*. São Caetano do Sul, Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul, 6: 54, janeiro de 1992;

[11.] MÉDICI, Ademir - Era uma rua chamada Rui Barbosa (Carnavais do Caneca). *Raízes*, São Caetano do Sul, Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul, 5: 56, julho de 1991;

(*) Aleksandar Jovanovic é jornalista, doutor em Lingüística, professor da Universidade de São Paulo, membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e presidente da Sociedade Brasileira de Eslavística

Família Sáfrány encontrou melhores dias em São Caetano

Paulo HERAS(*)

Após o término da I Guerra Mundial, a família de Mihály Sáfrány emigrou da Iugoslávia para o Brasil, chegando ao porto de Santos no dia 17 de junho de 1927. Mihály - conforme lembra seu filho João Sáfrány - não queria que sua família sofresse as agruras de uma nova guerra. "Meu pai, soldado do exército austro-húngaro, naquela época já previa para os próximos 20 anos uma nova guerra na Europa", observa João Sáfrány, que reside em São Caetano do Sul há 58 anos, desde 1934.

Mihály chegou ao Brasil com sua esposa Piroska, e quatro filhos: João, com 14 anos; Miguel, com 13 anos (já falecido), e os gêmeos José e Piroska, com seis anos de idade. "Nossa principal dificuldade foi com o idioma; andávamos com caderninhos para anotar as palavras que aprendíamos, principalmente, as de uso mais corriqueiro. Já as mulheres choravam muito, por causa da alimentação (totalmente diferente da européia) e pela falta de higiene. O impacto foi muito grande e, eu mesmo, cheguei a sentir medo, quando nos contaram uma história de que os bugres haviam matado muitos brancos naquela região", lembra o filho mais velho.

A região a que se refere João Sáfrány, fica no Estado do Paraná, para onde a família se dirigiu logo após a chegada ao Brasil, mais precisamente para a cidade de Cambará. Permaneceram durante dois anos trabalhando na lavoura, seguindo depois para São Paulo, cidade de Xavantes, onde também trabalhavam na lavoura do café, cereais e na criação de gado e pequenos animais.

As condições de trabalho, muito rudimentares, associadas ao fato de terem estabelecido contato com outros imigrantes residentes em São Caetano do Sul, motivaram a família Sáfrány a tentar melhor sorte nesta cidade. Os Sáfrány chegaram a São Caetano no ano de 1934. O pai e os filhos foram trabalhar em indústrias da região.

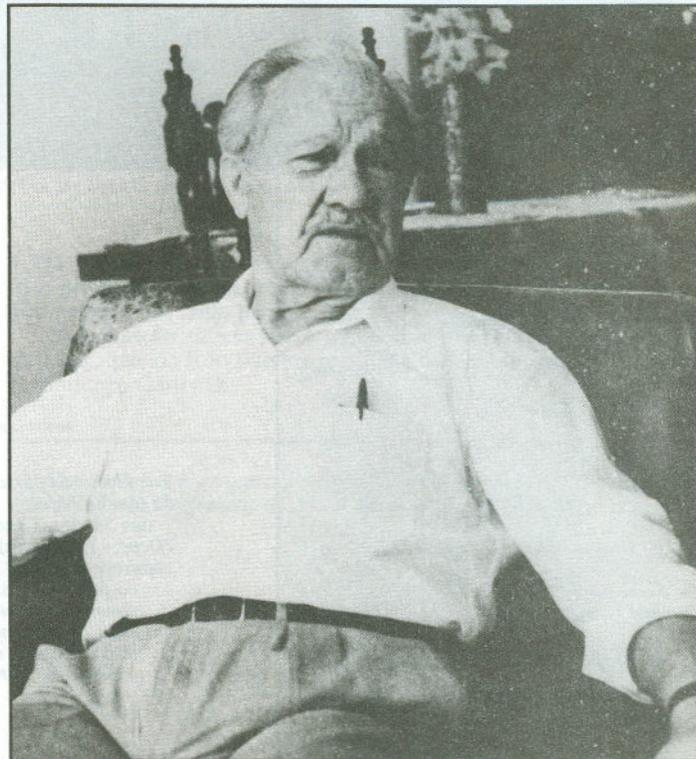
Ao chegar ao Brasil, João Sáfrány (nascido em 15 de dezembro de 1913, na cidade de Luk), já possuía conhecimentos práticos de ferramentaria. Seu primeiro trabalho foi na General Motors e, 10 anos depois, em razão de sua capacidade inventiva e dinamismo, João Sáfrány inaugurava sua própria indústria metalúrgica, em 23 de junho de 1944. Especializada em produtos dentários, a empresa funcionou durante 40 anos, produzindo também máquinas para limpar e

Acervo: João Sáfrány

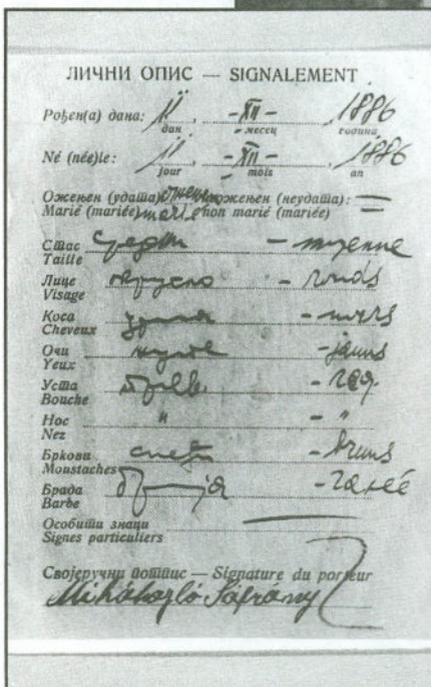
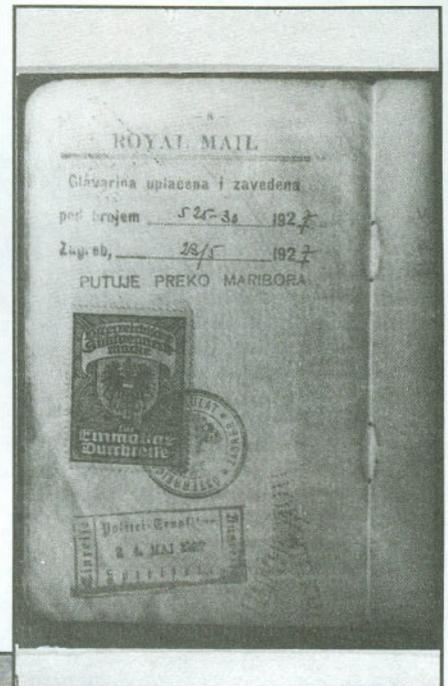
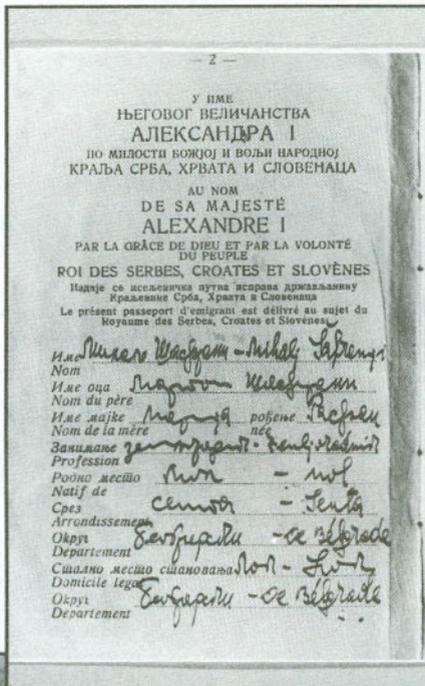


João Sáfrány recebe o então vereador Antonio Dall'Anese, em jantar para amigos, pela sua naturalização

Acervo: Prefeitura de São Caetano do Sul

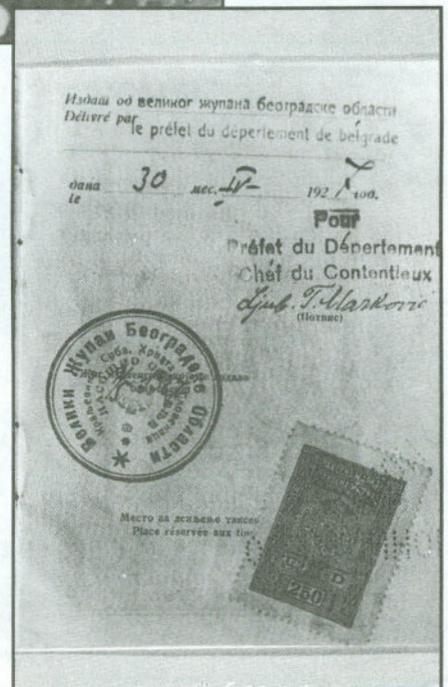


João Sáfrány em foto tirada no início de 1993



Acervo: João Sáfrány

Fac-simile do passaporte de imigrante da família Sáfrány, emitido pelo Reino dos Sérvios, Croatas, e Eslovenos (Depois Iugoslávia), em 1927, em que aparece a foto de todos os membros da família e dados biográficos resumidos como, por exemplo, o local de nascimento do patriarca Mihály, isto é, a localidade de Senta, ao norte da Sérvia.





Carteira de sócio do Clube Comercial. Uma época que deixou saudade



Estela Sáfrány (filha), ao centro, em foto publicada no O Jornal de São Caetano do Sul

conservar relógios. “Depois sozinho, procurando aprimorar meus inventos e trabalhando em outros, e buscando o melhor relacionamento com meus funcionários, produzimos aparelhos distribuídos e conhecidos em todo o Brasil”, afirma o empresário, hoje com 79 anos de idade. “E durante 40 anos (menos no ano em que papai morreu) eu sempre promovi festa junina, por ocasião do dia 23, quando eu mesmo temperava o churrasco e preparava o quentão com mel de abelhas. Era um dos churrascos mais concorridos”, relembra.

Suas atividades e relações como empresário incentivaram-no também a buscar maiores conhecimentos em idiomas, e fala com fluência servo-croata, alemão, húngaro, castelhano e português. “Muitos amigos e ex-funcionários têm pedido para que eu reabra a Metalúrgica e não afasto totalmente essa possibilidade”. Até porque João Sáfrány continua em atividade, produzindo, sob encomenda, outra invenção sua para terapia ortopédica.

Como industrial, teve participação destacada no setor, inclusive como conselheiro fundador da Confederação das Indústrias de São Paulo - Delegacia de São Caetano do Sul, em 1.957. Representando sua empresa, participou de diversos congressos do ramo metalúrgico, promovidos em cidades do Estado de São Paulo.

Das atividades sociais, João Sáfrány lembra com saudade do Clube Comercial, tendo integrado a diretoria da entidade como conselheiro. “Aquele foi um clube de elite e o mais familiar que tivemos em São Caetano. É uma pena que tenha acabado”, lamenta. João Sáfrány foi casado com Estela Vestague Sáfrány e tem uma filha também chamada Estela. Seus pais Mihály e Piroska já faleceram, ele aos 95 anos de idade e dona Piroska, aos 70 anos. “Cuidei de meus pais durante muitos anos e a eles devo minha formação”- ressaltou o imigrante. João Sáfrány obteve a naturalização brasileira em 10 de julho de

1.974. “Foi com muito orgulho que recebi o documento de brasileiro e promovi na época um jantar de confraternização para cerca de 100 pessoas, reunindo parentes e amigos”.

Sua atuação empresarial e social foi reconhecida em 26 de junho de 1.981, quando João Sáfrány recebeu a Comenda da Legião de Honra Giuseppe Garibaldi.

(*) Paulo Heras é jornalista e hoje atua na Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul.

Imigração e a Presença da Família de Antonio Gallo

Orlando GALLO

Foi após a independência, ainda no tempo do Brasil-Império, que se já propunha o estabelecimento de correntes migratórias, para que o vazio território brasileiro fosse povoado, nessa época o país tinha cerca de 9 milhões de habitantes.

A tarefa de povoar o nosso imenso território era muito grandiosa e os nossos recursos eram muito escassos.

A contribuição externa, através da imigração entre 1850 e 1950 chegou a atingir a 5 milhões de pessoas. A imigração teve também como objetivo substituir a mão-de-obra escrava, o que deu início ao ciclo do café em nosso país.

Com a extinção do tráfico de escravos negros em 1850, conforme a "Lei Euzébio de Queiroz" e, mais tarde as Leis do Ventre Livre, do Sexagenário e finalmente a Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel, em 13 de maio de 1888, que extinguiu a escravidão no Brasil, alterou-se profundamente a vida no Império, e como consequência mais importante surgiu a necessidade da introdução do imigrante europeu em nosso país.

Não havia no Brasil reservas suficientes de mão-de-obra para suprir as necessidades da agricultura. Com isso, o governo e empresários sentiram a necessidade na busca da mão-de-obra européia. A primeira experiência nesse sentido, já havia sido feita em 1840, quando foram reunidas em Limeira, Estado de São Paulo, oitenta famílias portuguesas.

Em 1847 foram introduzidos imigrantes suíços e alemães. Nos anos seguintes, a iniciativa particular criou em São Paulo, várias colônias de imigrantes europeus. Iniciava-se assim, gradativamente, a substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalho livre.

A princípio a maioria desses imigrantes era composta de portugueses, depois de alemães e, numa etapa posterior, que se iniciou por volta de 1873, de italianos. Esta última teria papel preponderante na vida rural e urbana do Brasil.

Os principais locais de fixação dos imigrantes italianos foram os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

A afinidade linguística e a identidade religiosa foram fatores significativos para a sua pronta e fácil integração a população brasileira.

Desempenharam importante papel no surto cafeeiro de São Paulo, introduziram o cultivo da vinha e seu aproveitamento industrial e fundaram cidades.

Em São Caetano esse processo de colonização teve seu início em 1877. A primeira leva de colonos italianos com destino a São Caetano, saiu da Cappella de Maggiore no distrito de Vittorio Veneto, na província de Treviso.

Foi juntamente com esses primeiros colonos, que Antonio Gallo, sua esposa dona Ninfa Gallo e filhos, embarcaram, com outras 28 famílias, com destino ao Brasil, no dia 1 de Julho de 1877.

Da província de Treviso, saíram em direção ao porto de Gênova onde foram embarcados no vapor Europa da Companhia Florio e Rubattino.

Esses primeiros imigrantes eram camponeses pobres, sem terra, procedentes de uma das regiões mais pobres da Itália, naquela época - O Vêneto. Traziam em suas mentes a esperança de melhores condições de vida em outro continente.

Entre esses colonos, havia vários vínculos de parentesco, que ao longo dos séculos foram contraídos entre si, ainda na Itália.

Antes de sua partida os imigrantes assinaram um contrato em que ficava estabelecido, que seriam locados na província de São Paulo, em locais onde o governo determinasse. O recrutamento de colonos foi feito por Caetano Pinto Junior, que era traficante de mão-de-obra, para as fazendas de café.

Da sua chegada ao porto de Santos essas famílias de colonos foram encaminhadas à Hospedaria dos Imigrantes e de lá para São Caetano.

No Núcleo colonial de São Caetano, todos os colonos que aqui foram assentados tiveram que pagar pelos lotes de terra recebidos, inclusive os primeiros que chegaram na primeira leva em, 28 de julho de 1877. Além de pagar pelas terras, pagaram também pela alimentação e pelos adiantamentos recebidos.

Os títulos definitivos de propriedade de terras, só foram emitidos pelo governo, depois que os colonos pagaram todos os seus débitos, o que só veio a acontecer depois da proclamação da República, em 1889.

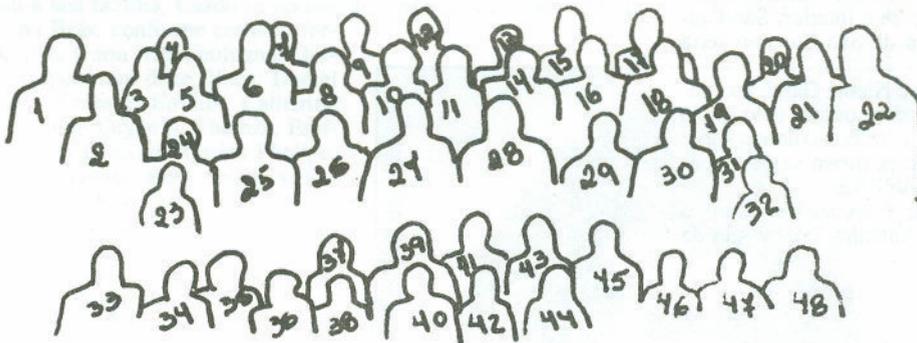
Arquivo: Família Gallo



Angelo Gallo, sua esposa Natalia Gallo e os filhos: Octávio, Lore, José, Adelaide, Tereza, Julia e Aristides, por volta de 1910.



Em 1943, por ocasião das Bodas de Ouro de Ângelo e Natalina Gallo, com seus filhos, noras, genros e netos.



- 1) Bruno, 2) Edmeia,
- 3) Hélio, 4) Milton,
- 5) Zilda, 6) Braz,
- 7) Luiz, 8) Irene,
- 9) Roberto, 10) Silvia,
- 11) Alda, 12) Odair,
- 13) João, 14) Ester,
- 15) Adelino, 16) Norma,
- 17) Aristides, 18) Octávio,
- 19) Odete, 20) Diva,
- 21) Júlio, 22) Octávio,
- 23) Lore, 24) Elza,
- 25) Julia, 26) Adelaide,
- 27) José, 28) Ângelo Gallo,
- 29) Natalina Gallo, 30) Tereza,
- 31) Rosina, 32) Vilma,
- 33) Carlos, 34) Odmir,
- 35) Ivone, 36) Vilma,
- 37) Silene, 38) Adair,
- 39) Adalberto, 40) Lourival,
- 41) Willer, 42) Yolanda,
- 43) Waldir, 44) Evaldo,
- 45) Átila, 46) Oswaldo,
- 47) Orlando e 48) Willian.

No início da colonização em São Caetano, muitas foram as dificuldades encontradas. Relatórios da época tratam da presença constante da doença e da morte de colonos, num amargo contraste do desejo de tranquilidade.

As condições de vida do local logo se mostram adversas. Nos primeiros três meses, após a sua chegada, já haviam falecido 18 pessoas no núcleo colonial, para uma população que não ia além de 120 pessoas.

No princípio os mortos eram encaminhados para o cemitério de São Bernardo. Logo depois devido a falta de espaço e ao alto índice de mortalidade na região, os mortos passaram a ser encaminhados para o cemitério da Consolação, em São Paulo, com grandes dificuldades, já que os colonos não dispunham de nenhum meio de transporte.

Em 1879, os colonos italianos já produziam em suas plantações, feijão, arroz, milho, hortaliças, batata, cevada, fumo e linho.

O início do cultivo da uva para a produção de vinho, só veio a acontecer em São Caetano em 1882, sendo que os seus primeiros pro-

dutores foram: Emílio Rossi, Giuseppe Braido, Carmine Barile, Luigi D'Agostini, Giacomo Garbeloto, Francesco Coppini, Francisco Fiorot e Antonio Gallo.

O vinho produzido em São Caetano era enviado para um depósito na rua do Tesouro, na Capital, onde era comercializado.

Mas o entusiasmo com a produção de vinho durou pouco. Uma praga que atingiu as videiras, exterminou vinhedos e diminuiu sensivelmente a produção de vinho. Era a crise agrícola.

Com o declínio da função agrícola, com o deslocamento de pequenas indústrias de São Paulo para São Caetano, e a crescente expansão imobiliária, Angelo Gallo, a exemplo de outros colonos, passou a utilizar sua força de trabalho na produção de tijolos e telhas nas olarias da região.

Na época de colonização, São Caetano teve 93 lotes rurais e urbanos, que foram distribuídos entre 1878 e 1891, esses lotes foram entregues a 70 famílias italianas e mais quatro famílias brasileiras e uma alemã que já se encontravam na localidade do dia 28 de julho de 1877.

Na fase final de restauração ao núcleo colonial de 1886 a 1891, foi muito acentuada a pressão da demanda sobre os lotes de terras disponíveis. A primeira pressão de pedidos por terras veio aos próprios filhos de colonos, que em 1886, inundaram a inspetoria de terras com pedidos de lotes na colônia. Dois filhos de Antonio Gallo, Angelo e Nicola, aparecem entre os que tiveram seus pedidos de lotes recusados. Angelo Gallo já havia obtido o lote de n. 50, em 1878 no atual bairro Oswaldo Cruz, esse lote formava um quadrilátero limitado pela rua Oswaldo Cruz, Rua São Paulo, Av. Vital Brasil e o prolongamento imaginário da Rua Amadeu Bortoletto. Seu pai Antonio Gallo, chegou a ser proprietário de seis lotes coloniais. por 465\$000, comprara, em 1885, os três lotes urbanos de Gaetano Garbelloto, que constituíam o quadrilátero hoje formado pelas ruas Herculano de Freitas, Rio Branco, Parrella e o Prolongamento imaginário da rua Santo Antonio, sem contar que possuía, também, o lote urbano n. 14, na atual rua 28 de julho. Tinha ainda o lote rural recebido no início da colonização, de n. 47, que formava um longo retângulo limitado pelo Rio Tamanduaté, pela rua Municipal e seu prolongamento até o prolongamento imaginário da rua Conceição e o prolongamento imaginário da rua B. Faria.

E comprara, igualmente, o lote 49, que pertencera a Alessandro Domênico, vizinho ao lote de seu filho Angelo Gallo, esse lote ficava na atual Vila Paula, entre a rua Amazonas, e a rua Venceslau Brás. No total, Antonio Gallo tinha 334.907 metros quadrados de terras em São Caetano, tendo sido um de seus maiores proprietários.

OBS:. Essas informações constam do Departamento do Arquivo do Estado, ordem 7188 (Núcleo colonial de São Paulo) maço 1, processo n. 1, lotes 14, 47, 49 e 50 (Antonio Gallo - Angelo Gallo). - conforme consta no livro "Suburbio" de José de Souza Martins.

Em 1885, Antonio Gallo já havia quitado todos os seus débitos para com a inspetoria de terras. Aos poucos, São Caetano foi perdendo a sua função agrícola e iniciava-se a especulação imobiliária.

Em janeiro de 1891, Antonio Gallo vendia o seu lote de n. 47, ao Banco União de São Paulo. O Bando União de São Paulo iniciava a compra e troca de vários terrenos localizados ao longo da ferrovia, entre a estação e o córrego do moinho, ao lado da General Motors.

Esse Banco previa o deslocamento de parte da indústria paulistana ao longo da ferrovia, Razão pela qual passou a concentrar a propriedade das terras que pertencera aos antigos colonos.

A estrada de ferro era um importante meio de transporte no escoamento de carga e descarga de mercadorias, entre o interior, São Paulo, e o Porto de Santos. A estação ferroviária de São Caetano seria inaugurada em 1883.

Antonio Gallo e seus filhos Angelo Gallo e Nicola Gallo, aparentemente, também perceberam, como ocorreu com outros colonos, o significado econômico das pressões de novos e velhos colonos sobre as terras do núcleo de São Caetano e aos poucos foram se desfazendo de suas terras em favor da especulação imobiliária.

Com o crescimento da indústria em São Caetano e o término da função agrícola, Angelo Gallo, passou a trabalhar na estrada de ferro Santos a Jundiá.

Durante muitos anos trabalhou na estrada de ferro, onde por questões de trabalho, foi necessário que se mudasse de São Caetano, inclusive para Piaçaguera, na raiz da serra, local onde na época existia apenas algumas casas de madeira destinadas a funcionários da estrada. Nessa região, hoje, está situado o complexo industrial da Cia Siderúrgica Paulista - Cosipa.

Mais tarde, já aposentado, Angelo Gallo, Voltou a residir em São caetano. Da mesma forma que Angelo Gallo, seus quatro filhos, José, Octávio, Aristides e Adelino, também foram funcionários da estrada de ferro, bem como 3 de seus 4 genros, que depois de muitos anos de trabalho, vieram a se aposentar como empregados que foram da ferrovia. "Lembro-me, quando criança, sentado à porta de sua casa, que meu avô, Angelo Gallo, apontava com o dedo o Rio Tamandé, e dizia que desde aquele ria até os altos de São Caetano, lá para os lados do bairro Oswaldo Cruz e Vila Paula, aquelas terras e mais alguns lotes no bairro da Fundação haviam sido de sua propriedade e de seu pai.

Eu ouvia aquilo com certa descrença.

Somente hoje, tomando conhecimento de um vasto conjunto de informações contidas no livro "Suburbio" de José de Souza Martins, é que percebo que meu avô tinha razão.

Notava também, em meu avô, uma certa mágoa, em não ter herança para deixar aos seus filhos.

Outra passagem que me vem a lembrança, era o orgulho que Angelo Gallo e outros imigrantes-fundadores remanescentes de 1877, demonstravam participando dos desfiles comemorativos dos aniversários de São Caetano, nos idos dos anos 50, como convidados que eram pela Prefeitura".

Ironicamente, Angelo Gallo, que juntamente com seu pai Antonio Gallo havia sido um dos maiores proprietários de terras em São Caetano, quando faleceu, em 23 de março de 1952, aos 82 anos de idade, era proprietário de uma única e modesta casa à rua Herculano de Freitas n. 129, onde morava.

Não deixou herança, mas deixou um grande número de descendentes, que hoje residem e trabalham, em grande parte em São Caetano, regiões do ABC, Santos e interior do Estado.

Foi a sua modesta, mas importante contribuição do processo de povoamento do nosso país, na região de São Caetano.

Neto de Emílio Rossi pesquisa suas origens

Sonia Maria Franco XAVIER (*)

No dia 16 de abril de 1.993, na rua Ubatuba, n. 282, cidade de São Paulo, o médico pediatra Plínio Rossi de Carvalho nos recebeu em sua casa para narrar alguns fatos que, pela sua privilegiada memória e interesse, podem enriquecer a história da formação do Núcleo Colonial de São Caetano do Sul.

Casado com Maria Marcela, tem quatro filhos: José Carlos, Luiz Eduardo, Cecília e Silvia. Neto de Emílio Rossi, Plínio começou a pesquisar as suas origens, estimulado por vários fatores. É filho da terceira filha de Emílio Rossi, chamada Catharina.

“Meu avô, Emílio Rossi, veio no final do século passado da Itália, chefiando um grupo que se localizara em São Caetano. Fazia parte deste grupo o casal Giuseppe Braido, com suas três filhas: Magdalena, Catharina e Thereza.

Meu avô, parece que veio só, se bem que não tenho certeza desta informação. O que sei é que ele, no ano seguinte em que chegou a São Caetano, casou-se com Madalena, filha de Giuseppe Braido.

Foi na cidade de São Caetano que ele iniciou suas atividades e formou a sua família. Casou-se no ano de 1.878 na paróquia de Bom Jesus, no Brás, conforme certidão fornecida pela Cúria Metropolitana. Dessa união nasceram doze filhos: Daniel Augusto, Ernesto Emílio, Catharina Thereza, José Eugênio, Thereza, Emílio, Antonio Estevam, Carlos Phelipe, Maria Magdalena, Rosa Augusta, Pedro Ernesto e João Luiz.

Possuía terras em São Caetano, onde plantou uvas e fabricou vinho, que era vendido na cidade de São Paulo.

As origens de meu avô, eu encontrei na cidade de Benabbio (Parocchia di Benabbio) Diocesi di Lucca, que foi onde ele nasceu, no dia 13 de agosto de 1.856, filho de Felipe Rossi e Assumpta Rossi.

Meu avô tinha um empório na cidade de São Paulo onde vendia, entre outros produtos, os vinhos fabricados em São Caetano.

Como a família era grande, os filhos se dividiam em agrupamentos e eram muito unidos entre si.

É interessante notar que meu avô prosperou bastante e os seus dois filhos mais velhos se formaram pela Faculdade São Francisco e advogaram durante muitos anos na cidade de São Paulo. Inclusive Daniel Augusto é nome de rua na Capital.

Quando os negócios de meu avô pioraram, seus outros filhos se dedicaram mais ao comércio e à indústria, e menos aos estudos.

Pelo que me lembro, e também pelo que minha avó contava, ele era um homem forte, autoritário e, ao mesmo tempo, possuía um bom coração.

Faleceu no ano de 1.921, na cidade de São Paulo, onde está sepultado, no Cemitério Santíssimo Sacramento. Minha avó ainda viveu muitos anos, mas também já é falecida.

Pelo que me foi contado por ela, ele sempre guardou um grande carinho por São Caetano, cidade onde desenvolveu atividades profissionais como agricultor e produtor de vinho”.

Comentários

Verificando publicações nos jornais antigos da cidade, encontram-se várias informações e respeito ou indicando as atividades de Emílio Rossi.

Uma destas descrições é feita pelo Jornal de São Caetano, do dia 25 de junho de 1.948, onde Emílio Rossi é considerado como administrador e intérprete da colônia italiana (1).

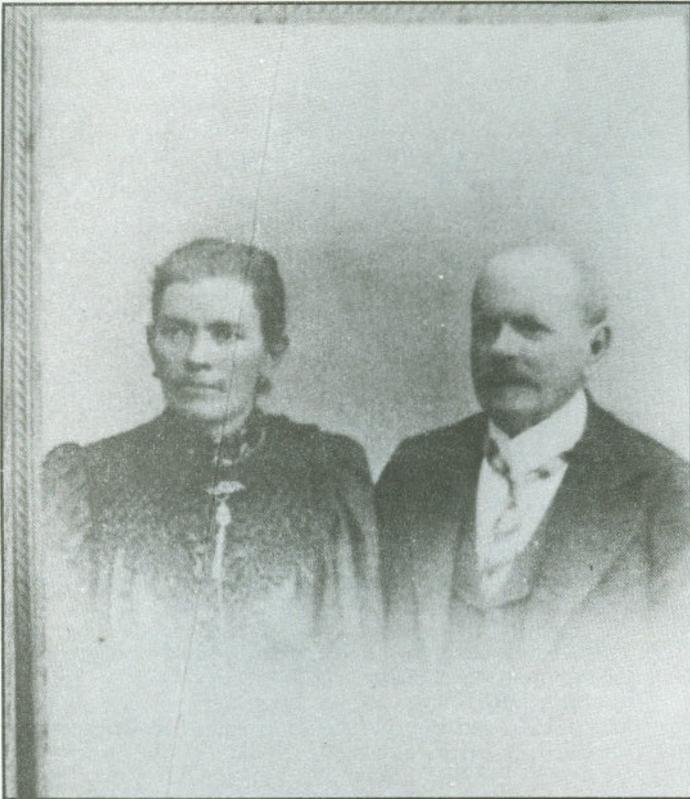
Conforme foi citado no livro *Suábrio*, o colonizador Emílio Rossi escreve no jornal *A Província de São Paulo* (atual *O Estado de São Paulo*) fazendo a defesa da uva americana contra as uvas de origem européias para cultivo em São Paulo, dada a sua melhor adaptação (2). Isto nos mostra que ele falava o português, diferente dos demais italianos do grupo que continuou se comunicando e escrevendo em italiano. Demonstra também que ele possuía um nível bom de cultura, inclusive fazendo uso do jornal para defender idéias.

Como vinicultor e comerciante em São Paulo, verificamos que realmente ele era produtor do vinho marca São Caetano. Posteriormente, como surgiram outros produtores na cidade (Giuseppe Braido, Carmine Barile, Luigi D'Agostini, Giacomo Garbelotto, Antonio Galo, Francesco Coppini e Francesco Fiorotto), resolveu mudar a marca de sua produção para Rossi. Quanto ao empório, citado pelo seu neto, verificamos que se localizava na rua do Tesouro, nº 9, na Capital (3).

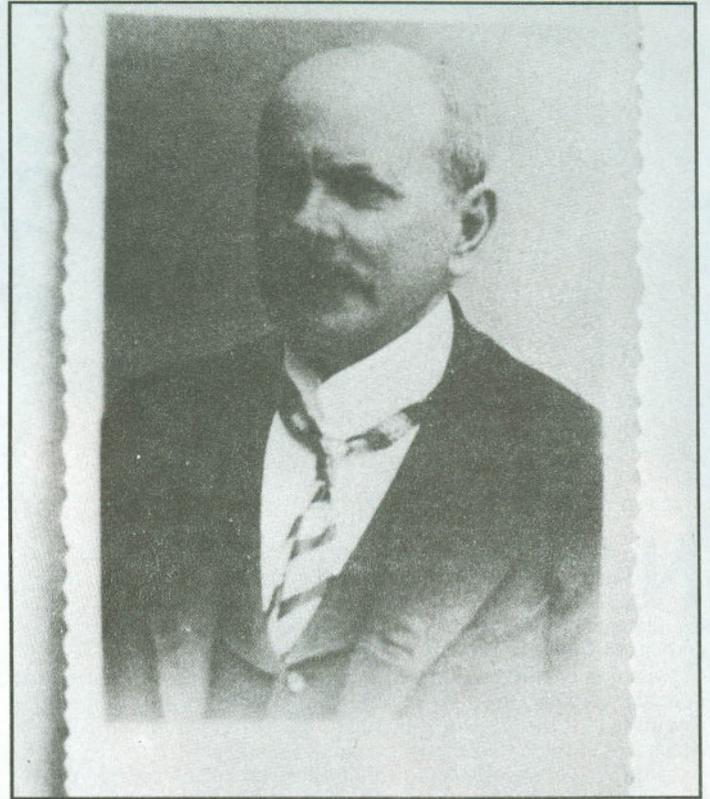
Como foi aventado pelo Dr. Plínio, houve nas duas primeiras décadas da imigração um grande progresso nos negócios de Emílio Rossi, que não foi confirmado nos anos subsequentes. Aqui duas informações podem fazer entender um pouco esta crise:



Foto de Emílio Rossi, tirada por volta de 1.878



Magdalena Braido Rossi e Emílio, foto de 1.915

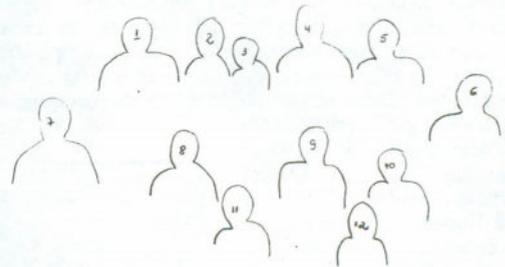


Emílio Rossi, em 1.915

Acervo: Museu Municipal de São Caetano do Sul



Família do senhor Emílio Rossi, em 1.894



- 01 - Thereza Braide (irmã de Magdalena Braide Rossi)
 02 - Magdalena Braide (Esposa do Sr. Emílio Rossi)
 03 - Carlos Felipe Rossi
 04 - Emílio Rossi
 05 - Catharina Braide (Irmã de Magdalena Braide Rossi)
 06 - Daniel Augusto Rossi
 07 - Ernesto Emílio Rossi
 08 - José Eugênio Rossi
 09 - Catharina Thereza Rossi
 10 - Maria Magdalena Rossi
 11 - Emílio Rossi
 12 - Antonio Estevam Rossi
 DOAÇÃO : Sr. Plínio Rossi de Carvalho.

1) Em 1.888, os parreirais de São Caetano foram atacados por uma praga, a filóxera, procedente de parreiras da Móoca, e foram destruídos (3). 2) No ano de 1.901 a Sociedade Beneficente Príncipe di Nápoli decidiu que seus associados deviam se servir da farmácia de Giacomo Di Matia, situada à rua do Tesouro nº 9. Coincidência: esse era o endereço do depósito ou empório de Emílio Rossi na Capital (4).

Quanto à época em que Emílio Rossi chegou a São Paulo, sua certidão de casamento do ano de 1.878, creio ser um documento que comprova sua presença nesta região. Casou-se com a filha de Giuseppe Braido, conforme certidão de Cúria Metropolitana e a cerimônia se deu na paróquia do Bom Jesus do Brás.

Não temos, entretanto, nenhuma prova documental que esclareça a data de sua chegada até receber o lote urbano nº 16, em São Caetano do Sul, em 16 de dezembro de 1.882 (5).

Notas

- (1) Jornal de São Caetano, 25/05/1.948
 (2) Martins, José de Souza - Subúrbio
 (3) Sancaetanense Jornal, 28/07/1/987
 (4) e (5) Martins, José de Souza - Subúrbio, págs 86 e 73

(*) Sonia Maria Franco Xavier é professora de Filosofia e História. Dirige o Museu Municipal de São Caetano do Sul.

Tijucussu, um Clube autêntico das gerações dos anos 70/80

Na década de 70, os grêmios estudantis e os centros acadêmicos eram colocados sob constante vigilância e suspeita de que pudessem representar um núcleo de subversão ao regime. A ditadura militar vigiava, ou proibia mesmo, o agrupamento de quaisquer pessoas, principalmente, se os motivos pudessem ter conotação política. E foi nessa época, em 1965, que um grupo de jovens estudantes de São Caetano do Sul decidiu criar o Tijucussu Clube, sob o lema Estamos trabalhando por um mundo melhor. Eles queriam participar ativamente da vida da cidade e deram ênfase especial à cultura e aos esportes, evitando assim qualquer dificuldade com os órgãos de repressão. O artigo 2.º do estatuto do Clube deixa bem claras as finalidades: "O Clube tem por finalidade precíua, promover, entre os seus associados, festividades esportivas e outras diversões, evocando os melhores preceitos de civilidade, assim como participar de acontecimentos de caráter cívico e concorrer, por todos os meios ao seu alcance para o desenvolvimento da cultura de São Caetano do Sul".

Estudantes secundários e pré-universitários frequentavam, na maioria, escolas da capital. No trajeto São Caetano/São Paulo é que a idéia começou a tomar força, conforme relembra um dos idealizadores do Tijucussu, Victor Matsudo. O Tijucussu resultou, portanto, da união de um grupo de jovens que se preocupava com a cidade e com a juventude local, e não como consequência da ação dos pais que criavam um clube para seus filhos, através de modelos importados. Por isso, os próprios estudantes organizaram o clube desde os estatutos, com orientação de advogados conhecidos. Todavia, foi indispensável o apoio dos pais, uma vez que lhes davam sustentação financeira.

A proposta era fazer com que São Caetano se alinhasse à vida de metrópole mas sem perder a noção de província. Os bons espetáculos, sobretudo os culturais, eram realizados em São Paulo e a idéia era ampliar as atividades na cidade, facilitando, dessa forma, o acesso à cultura de toda a juventude de São Caetano.

O Tijucussu Clube foi fundado no dia 28 de julho de 1965. O lançamento oficial foi no dia 13 de agosto do mesmo ano, na Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul. A entidade teve como paraninfo o senhor Otacílio Lopes e como presidente de honra, Walter Braido. A primeira diretoria do Tijucussu (o Pentágono, como era chamada) foi integrada

por: Iberê Luiz Di Tizzio (presidente), Celso Marchesan (1.º tesoureiro), Paulo José Pimenta (vice-presidente), Iara Di Tizzio (tesoureira-geral) e Victor Matsudo (secretário).

Companham o quadro de sócios-fundadores, os seguintes nomes: Maria das Graças Tecla Marchesan (Gracinha), Antonio Marchesan (Toninho), Paulo Keise Rodrigues Matsudo, Valdeci João Perrella, Nelson Infanti Junior, Maria do Carmo Jordano (Cacau), Sueli Belotti, Elaine Previato, Nádia Valverde, Antonio José Pimenta, Antonio Carlos Carvalho, Juventino Figueira Borges, Douglas Ângelo, Helena Di Biasi, Maria Rita Metran e Magali Lopes.

Após essa primeira turma, os novos associados passaram a ingressar no quadro do Clube, uma vez por ano, quando recebiam os distintivos, que eram muito respeitados, segundo relata Victor Matsudo. Os associados seguintes foram: Sandra Caldeira, Sônia Kallil, Maria Cristina de Gouveia, Sueli Furlan, Dante de Rose Junior, Marta Barros, Denise Canga, Luiz Carlos Morcelli, Alex Canga, José Carlos Canga, Adevaire Nicolini, José Roberto Perrella, Luiz Crepaldi Filho, Rosemeire Brajato, Carmem Ângela Barilo, Edson Nakur, Marili Bonaparte, Sandra Cavabini, Maria Miotto Silva, Luiz Antonio da Silva (Nêgo), Sílvia Karlovic, Ana Lúcia Karlovic, Rubens Russo e Alda D'Rose.

Os novos sócios somente eram admitidos após um período de convivência no Clube, assumindo as obrigações como os sócios fundadores e efetivos. Deviam principalmente, participar de toda e qualquer atividade do Clube. Comprovada a efetiva integração do candidato a sócio, ele ingressava no quadro. Além disso, os pais eram comunicados, através de ofício, sobre os objetivos do Clube, recebiam cópia do estatuto, e lhes era solicitada autorização por escrito, permitindo a participação de seus filhos.

Logo nos primeiros meses de existência, o Tijucussu Clube participou de duas campanhas em benefício dos flagelados do Rio Grande do Sul e de Pernambuco. A partir daí foi uma longa série de eventos: palestras, reuniões sociais, projeção de filmes, festas-baile, convescotes e torneios esportivos. Mas o mais importante foram os resultados que esses eventos trouxeram: maior união e organização da juventude de São Caetano e integração das famílias dos tijucussenses. "Como éramos todos menores de 18 anos, a promoção de convescote, por exemplo, trouxe também a família dos associados a

Crédito: José Honório de Castro

Acervo: Prefeitura de São Caetano do Sul



Para Matsudo, os jovens de São Caetano queriam atuar de modo ativo na vida da cidade

participar do Clube”, acentua Matsudo. Como as famílias aproximaram-se, os jovens chegaram a criar o Tijucussu Pai e o Tijucussu Mirim, de que participavam as crianças irmãs dos tijucussenses. O primeiro convéscofo foi realizado na cidade litorânea de Itanhaém.

Sem discriminação

“Da minha parte, foi uma das melhores coisas que me aconteceram na vida e acredito que para todos os demais tenha sido igualmente marcante”. As afirmações são de Sônia Canga, hoje professora e uma das jovens que desde os primeiros momentos participou do Tijucussu Clube. “Eu atuei mais na área social mas todos nos empenhávamos em qualquer das programações do Clube. Os tijucussenses promoviam atividades abertas à comunidade, como bailes, shows, gincanas, jogos, etc., mas também atividades sociais mais reservadas aos associados”, relembra Sônia Canga. “Tínhamos programa todos os finais de semana, sempre na casa dos pais dos associados. Foi uma época muito boa. A gente sempre tinha uma atividade e os pais sabiam onde estávamos e o que fazíamos, ao ponto de também participarem de muitas das nossas promoções”, relata. Foi na casa de seus pais, por exemplo, que, em outubro de 1966, foi realizado o “Baile de uma só cor”.

Rapazes e moças conviviam sem qualquer dificuldade dentro da agremiação. “Não havia distinção. Não é porque éramos mulheres que cuidávamos, por exemplo, só da parte social ou filantrópica. Todos participavam sem qualquer discriminação, cada um buscando as áreas de que mais gostava ou que tivesse maiores habilidades”.

Voltar a mente e a ação da juventude para trabalhos sadios, segundo Sônia Canga, foi um fator muito importante para a formação dos jovens da época. “Tanto é que aquele pessoal, hoje, é bem formado, sendo a maioria profissional de nível universitário ou pessoas bem sucedidas em outras carreiras. Ninguém se alienava ou se encaminhava para as drogas”. Também por essas razões, a professora Sônia destaca que seria muito bom para os filhos dos tijucussenses terem dado continuidade ao Tijucussu Clube. “Talvez a realidade, hoje, faça com que ele não de interessem, pois são várias as opções de lazer e as formas de participarem da vida da sociedade. Para nós, no entanto, foi um período muito participativo e útil para a comunidade, além do lado da diversão. Éramos muito unidos e isso não ocorre atualmente. É uma pena”.

Ainda hoje, os tijucussenses das décadas de 70 e 80 lembram com entusiasmo de todo o movimento daquele período. Documentos importantes para a memória do Tijucussu Clube, como o convite para o lançamento da entidade, no dia 13 de agosto, fotos, recortes de jornais e outras lembranças encontram-se espalhadas entre os associados mais antigos. E dificilmente eles abrem-mão desses arquivos pessoais.

Segundo Sônia Canga, já foram realizados três encontros dos tijucussen-

José Honório de Castro

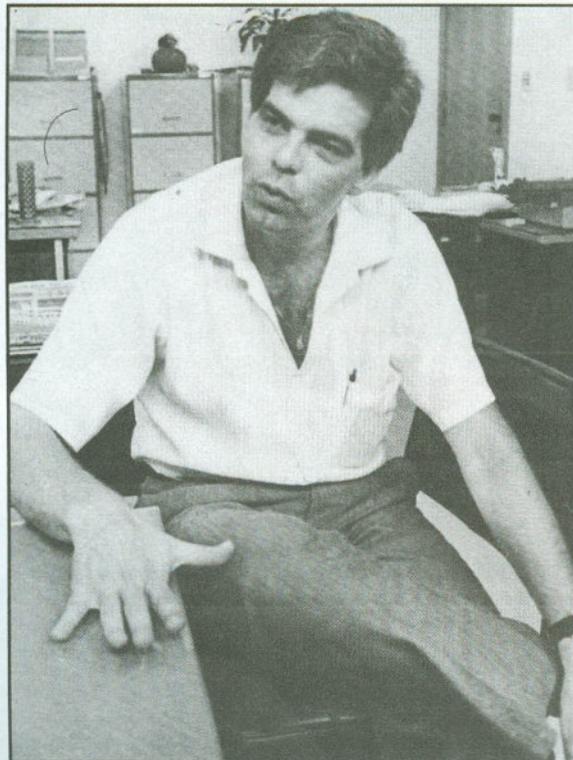
Acervo: Prefeitura de São Caetano do Sul



Sônia Canga lamenta que os filhos não tenham continuado as atividades do Clube

Gilson Cirino dos Santos

Acervo: Prefeitura de São Caetano do Sul



Laranjeira presidiu momento de transição e deixou o Clube antes do esvaziamento

ses. “Nos dois primeiros, nós chamamos também os integrantes de outros clubes de jovens da época para participarem. No último jantar, reunimos apenas os integrantes do Tijucussu. Nos encontrarmos, hoje, é quase uma necessidade”, enfatiza.

Olimpíadas Colegiais

Um dos principais momentos do Tijucussu Clube foi em 1968, durante a primeira gestão do prefeito Walter Braido. “O Município tinha três escolas e esse número passou para, aproximadamente, 20 unidades. E o esporte foi o ponto de união dos estudantes. Foi quando o Tijucussu realizou a Olimpíada Colegial, com o objetivo básico de conagração, antes da competição em si. Como não existia organização dos alunos em torno de grêmios estudantis, as inscrições eram feitas pelas lideranças de cada escola. Os jovens passaram a se organizar também, através de eventos paralelos, como Olimpíadas de Matemática, de Redação, Oratória, Pintura e aqueles que não tinham habilidades específicas, ainda assim participavam, através de concurso de torcidas, eleições de miss, etc”.

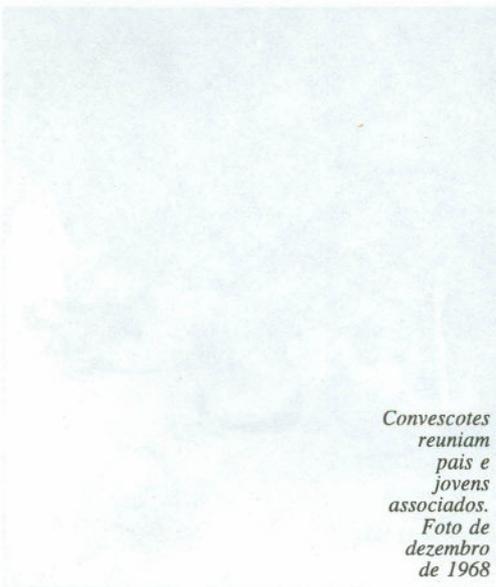
As Olimpíadas foram crescendo, ano a ano, com a adesão cada vez maior dos estudantes, a tal ponto que, na sua VI versão, em agosto de 1973, passou a integrar o Calendário Turístico do Estado de São Paulo. “Foi tão marcante a mobilização da juventude, que trouxemos, pela primeira vez na cidade, a presença de um governador do Estado, na época, o governador Laudo Natel”. Nessa ocasião, o Tijucussu Clube já havia conseguido também, uma sede própria cedida pela Prefeitura. A sede foi instalada no salão em frente ao Auditório Municipal Santos Dumont, à Avenida Goiás, nº 1.111.

Transição e Esvaziamento

Em 1978, a XI Olimpíada Colegial já contava com a participação de cerca de 20 escolas, reunindo, aproximadamente, 10 mil estudantes. O evento assumiu tal proporção que, logo após o encerramento das competições e entrega de premiação, os tijucussenses já iniciavam a organização da Olimpíada seguinte. Nesse ano, 1978, Abel da Silva Laranjeira presidia o Tijucussu Clube. “A mobilização dos jovens era muito grande e o concurso de Rainha das Olimpíadas tinha um número recorde de inscrições, tanto que nós tomamos uma decisão muito importante, que foi a mudança da eleição do Teatro Paulo Machado de Carvalho para o Estádio, recorda Abel Laranjeira. Essa mudança. Conforme narrou, implicou em que toda a estrutura da eleição da rainha fosse reforçada, ou seja: maior patrocínio da iniciativa privada; organização e segurança para lotar o Estádio. “E nós conseguimos. Essa eleição foi o grande evento em relação a todos os anos anteriores. Nós, os organizadores, quando vimos aquela festa, o estádio lotado, não deu para segurar, choramos mesmo, de muita alegria”, relembra Laranjeira.



Abertura
do desfile
cívico
de 7 de
setembro
de 1972



Convencotes
reuniam
pais e
jovens
associados.
Foto de
dezembro
de 1968



Bandeira
do Clube



Palestras promovidas reuniam dezenas de interessados

Acervo: Tjucussu Clube



Jantar de confraternização, realizado em dezembro de 1966

Acervo: Tjucussu Clube



Apresentação do Grupo de Balé Toshie Kobayashi, em 28 de abril de 1973



Dirigentes do Tijucussu fazem visita ao prefeito Oswaldo Masei, em 1971

Acervo: Tijuçussu Clube



Grupo de participantes das provas das Olimpíadas Colegiais

Acervo: Tijuçussu Clube



Flagrante do I Tiju Yê-Bossa, em agosto de 1966



Grupo de associadas do Clube, que atuaram na realização de grandes eventos



Dirigentes do Tijucussu visitam prefeito Walter Braido, em abril de 1973



Governador Laudo Natel (direita) visita São Caetano



Concursos da Rainha das Olimpíadas sempre foram muito movimentados

Outro momento emocionante, segundo o ex-presidente, também ocorreu em 1978. Nesse ano, por determinação do governo federal, no dia 7 de setembro, às 17 horas, todas as atividades deveriam ser interrompidas para a execução do Hino Nacional. Ora o final do jogo de basquete e final das Olimpíadas, no Estádio. E o jogo foi interrompido e no maior silêncio ouvimos o Hino Nacional.

Abel da Silva Laranjeira classifica a sua gestão, assim como de seu antecessor na presidência do Pentágono, José Carlos Giatti, como de transição. "Nós fazíamos parte do pessoal de trabalho de campo e ao assumirmos o Pentágono foi uma transição de comando da turma mais velha para os mais novos. Se bem que o pessoal antigo, continuou dando todo o apoio".

Já nessa época, as atividades do Tijucussu Clube eram menos intensas. Talvez porque os dois grandes eventos anuais (Olimpíadas e Festival de Teatro Amador), tomassem a maior parte do tempo dos tijucussenses. "Depois de 1978, eu deixei o clube para começar a trabalhar, assim como outros também saíram", destaca Laranjeira. A falta de renovação dos associados, de jovens com disposição para levar adiante, inclusive de lideranças que os comandassem, provocou o seu esvaziamento e o encerramento das atividades.

Resultados concretos

Apesar do apagar do Tijucussu, muitos resultados concretos persistem ainda hoje. Conforme avaliação de Victor Matsudo, a construção dos centros esportivos, a criação das escolinhas de esportes e do Celafiscs - Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul, resultam das promoções esportivas do Clube. "O

Laboratório adveio da realização paralela às Olimpíadas, do Simpósio de Esportes Colegiais. Fomos, então chamados a participar de um grupo que elaborou um plano global de esportes para São Caetano. Participaram do grupo, Norma Pinto de Oliveira, Carlos Ventura, Laércio Elias Pereira, Atilano dos Santos e eu, complementa Victor Matsudo (Paulo HERAS).

NOTAS

(*) Mantivemos a grafia da palavra Tijucussu com dois ss em função do fato de a entidade ter sido assim conhecida e assim ter sido registrado o seu nome. Cabe, no entanto, lembrar que, de acordo com a Norma Ortográfica da língua portuguesa, a grafia correta é Tijucussu, pois em palavras de origem tupi, ou aquelas que provêm de línguas africanas e/ou estrangeiras o som de s deve ser escrito com cedilha.

Ginásio Vocacional de V. Santa Maria, experiência fascinante mas reprimida.

José Roberto GIANELLO (*)

No dia 4 de abril de 1.965, Walter Braido assumia, pela primeira vez a Prefeitura de São Caetano do Sul. A cidade transformou-se num verdadeiro canteiro de obras, especialmente pela construção de nove prédios para o curso de primeiro grau, possibilitando o acesso ao ensino a cerca de 25 mil jovens sancaetanenses. Dois fatos marcaram a primeira administração de Braido, na área da Educação: o município ficou conhecido como a cidade onde escola não é problema, e o outro foi a assinatura de convênio com o Serviço de Ensino Vocacional (órgão subordinado ao Gabinete do secretário da Educação do Estado de São Paulo), para construção de edifício que abrigasse o Ginásio Vocacional. Na ocasião, Oscar Garbelotto respondia pelo Departamento de Educação e Cultura do Município.

Foi construído um conjunto de quatro prédios. Cada um deles ocupava área semelhante à do antigo Paço Municipal da Avenida Goiás, contendo salas de aula, oficinas, escritórios, refeitórios, cozinhas, teatro. Era praticamente uma cidade em miniatura (1). O local escolhido foi o antigo Bosque do Povo, na Vila Santa Maria (hoje, Bairro Santa Maria) que, em 1.965, era coberto de mato e tinha uma lagoa poluída. A área do bosque abrigaria o Centro Educacional São Caetano Di Thiene que, além do Ginásio Vocacional, contaria com um Centro de Recuperação Infantil (atual Fundação Municipal Anne Sullivan) e o Teatro Municipal Dr. Paulo Machado de Carvalho.

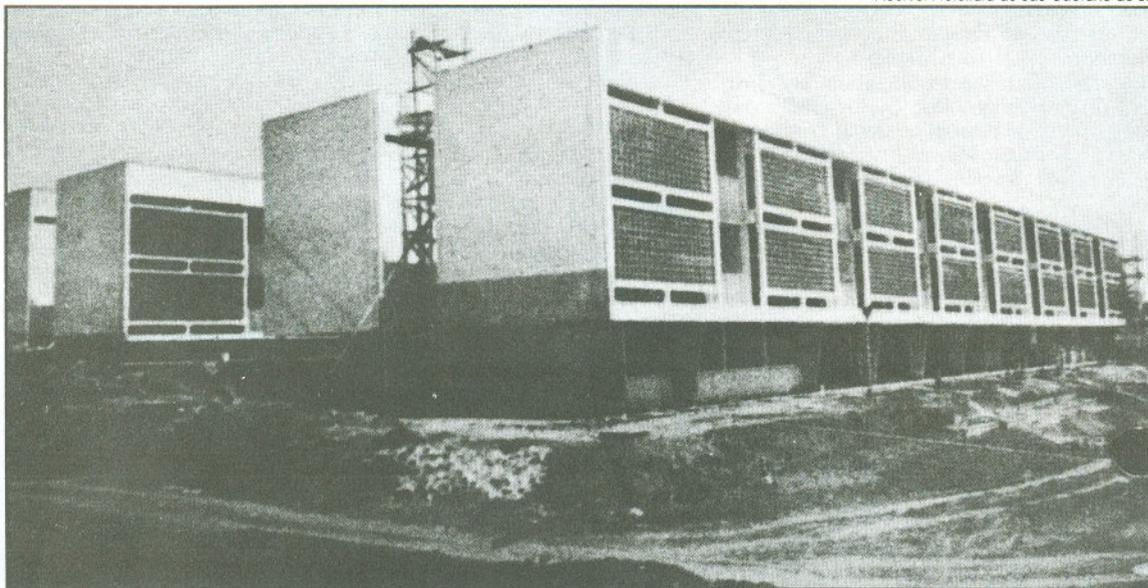
O Ginásio de Vila Santa Maria seria o sexto da rede estadual do Serviço de Ensino Vocacional. Os outros funcionariam nas seguintes cidades: São Paulo, Americana, Rio Claro, Batatais e Barretos. O estabelecimento, em São Caetano, recebeu a denominação de Ginásio Vocacional Roberto Costa de Abreu Sodrê. Atualmente abriga a EEPSP Professora Eda Mantoanelli.

Justamente numa cidade em que escola não era problema, o Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria tornou-se uma escola-problema, independente das forças políticas municipais e à revelia de toda a comunidade e da opinião pública. Esta, pouca coisa soube sobre os fatos que envolveram o julgamento de uma das mais disputadas experiências educacionais realizadas no Brasil. O Ensino Vocacional, em São Caetano, começou a funcionar em junho de 1.968, contando na primeira série com 200 alunos, de um total de mil candidatos às vagas.

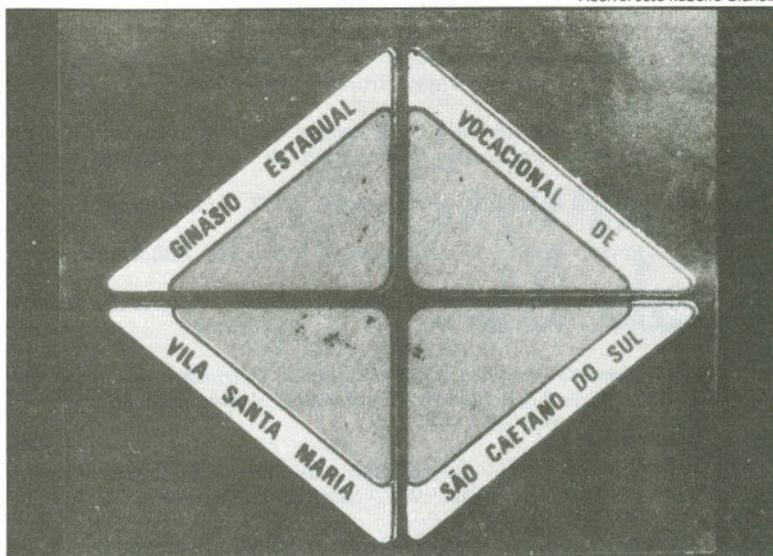
A polêmica e a extinção dos ginásios vocacionais, por forças militares, da polícia e do Exército, culminou com a prisão de vários professores e da coordenadora do Serviço de Ensino Vocacional, Maria Nilde Mascellami. A nova pedagogia educacional recebeu registros na imprensa da época. Na revista Realidade, de fevereiro de 1.967, o jornalista José Hamilton Ribeiro, assinava reportagem sobre os ginásios vocacionais, sob o título Já existe a Escola de Amanhã. Na capa da revista, a chamada para a matéria era: A Escola do futuro já existe e no sub-título acrescentava: Um novo tipo de ginásio, onde tudo é diferente, não há exames, viaja-se muito, não há aula, e até a cola é livre (3). Exageros à parte, o ginásio vocacional era realmente diferente dos outros em tudo. Não tinha nota, nem exames, nem matérias isoladas. Nem tinha aula, se comparada à situação de um professor falando à frente de uma classe de alunos. Afinal, seu objetivo não era apenas a escolaridade intelectual promovida pelos ginásios comuns. A meta era desenvolver a personalidade do aluno, ajudá-lo a descobrir o ramo de atividade para o qual teria aptidão e prepará-lo para enfrentar um mundo difícil e em permanente modificação.

A característica principal deste era situar o aluno em seu meio-ambiente, com um programa de estudo adaptado à sua cidade. Assim,

Acervo: Prefeitura de São Caetano do Sul



Conjunto de quatro prédios que abrigariam o Ginásio Vocacional e outros estabelecimentos.



Adesivo
plástico
divulgava
o Ginásio
Vocacional

na cidade de Americana, fundada por americanos, os alunos da primeira série podiam começar o ano estudando a Guerra da Secessão, dos Estados Unidos. Em Batatais, os alunos da primeira série começavam as atividades em volta de um quadro de Portinari, pintor nascido na região e que deixou muitas obras espalhadas pela cidade. Em, Barretos, tudo estava à bairrada de um curral de zebús. Aqui em São Caetano do Sul a avaliação da qualidade de vida resultou em denúncia dos alunos a respeito da péssima água fornecida à população da cidade pela antiga Comasp, atual Sabesp.

O ano escolar era dividido em bimestre e em cada bimestre havia uma unidade de estudos. A primeira unidade era o próprio Ginásio Vocacional. Todas as áreas preparavam, seu programa a partir desta fonte. O jornalzinho interno era uma atividade promovida e orientada pela área de Português; o professor de História começava pela leitura do Diário Oficial, particularmente pelo exemplar de 27 de junho de 1.961, uma data histórica para o vocacional (nesse dia o ginásio começava a existir, por força de um decreto do governador do Estado). O professor de Geografia, ao perguntar à classe como era o caminho para o ginásio, começava a dar noções de relevo e topografia. Outro professor, pedindo para que os alunos calculassem a distância entre suas casas e a escola, introduzia as primeiras noções de matemática.

Ao fim do segundo mês, cada classe está organizada em cinco ou seis equipes de trabalho, segundo uma técnica chamada Sociograma. Cada membro do grupo completa o outro, descobre-se e incentiva-se a liderança. Ninguém recebe trabalhos para fazer em casa. A equipe sim, tem tarefas que podem ser resolvidas no ginásio mesmo. Os integrantes das equipes estudam seus problemas juntos, primeiro sob a orientação do professor, depois fiscalizando-se a si próprios.

O trabalho em equipe, a técnica de aprender fazendo, o estudo do meio, e a execução de projetos, tornam o ginásio vocacional ativo e movimentado. Já na primeira série, os alunos começam a fazer: meninos e meninas são encarregados do funcionamento da cantina. Orientados pela área de Práticas Comerciais, enquanto tomam conta do estabelecimento, vão recebendo, sem sentir, aulas de matemática (cálculos, juros, operações comerciais); de História (como surgiu o comércio no mundo, que países cresceram à custa dele); Português (redigir relatórios e prestação de contas), Geografia (quais alimentos são encontrados na região; que tipo de solo favorece o crescimento de cereais utilizados nas cantinas, etc.), Ciências (Conservação de alimentos, combinação de elementos que entram na fabricação de refrigerantes) e assim por diante.

Estudar o meio é conhecer, em contato direto com a realidade, o que se deve aprender. Os locais de visita não são recolhidos ao acaso. Os professores discutem antes e depois procuram extrair dos alunos as opiniões que interessam para cada área. Assim, um local escolhido especialmente para a área de Ciências, serve também para as de Geometria, Inglês, Práticas Comerciais, e outras áreas. O estudo do meio deve acompanhar a evolução de cada ano escolar. Na primeira série, as pesquisas são feitas na própria cidade. Na etapa seguinte, quando se estuda o Estado, os alunos podem viajar para o litoral, ci-

dades industrializadas, pontuárias, agrícolas, etc. Na terceira série, o interesse é voltado para o País e as pesquisas podem ser feitas nos estados de interesse. Na quarta série, quando o mundo está em foco, a visão que cada aluno adquire é testada com trabalho de observação direta dentro da própria comunidade, de modo que todos sintam que têm um papel a desempenhar na sociedade.

As matérias dividiam-se em três grupos: Cultural Geral, Iniciação Técnica e Práticas Educativas. As matérias de Cultura Geral eram Português, Matemática, Ciências, Estudos Sociais e Inglês ou Francês, todas obrigatórias para os quatro anos. As matérias de Iniciação Técnica compreendiam: Artes Industriais, Artes Práticas, Práticas Comerciais, Práticas Agrícolas e Educação Doméstica. Estas São Obrigatórias apenas nas duas primeiras séries. Já na terceira série, os alunos podem escolher duas entre as cinco últimas e se desobrigarem das demais. A matéria Práticas Educativas incluem: Educação Física, Musical, Social, Moral e Cívica, Religiosa, Familiar, e Artística, ministradas ao longo dos quatro anos de curso.

Ao final do ginásio, o aluno recebe um laudo vocacional que lhe indica as profissões para as quais tem aptidão. O laudo leva em consideração a folha de observação do aluno, testes psicológicos, projetos realizados e as escolhas feitas pelo aluno na terceira e quarta séries.

Em toda essa estrutura e dinâmica se resumia o Ginásio Vocacional, coordenado pela professora Nilde Mascellani. A idéia nasceu da observação de duas classes experimentais, que ela ajudou a criar no Instituto de Educação, na cidade paulista de Socorro, em 1.958. A moderna pedagogia buscava eliminar as maiores falhas do ginásio convencional.

Problemas políticos do Vocacional

O Ensino Vocacional surgiu como um desafio sobre o panorama do ensino médio, após os insucessos de todos os esforços realizados até então, com os métodos tradicionais. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o objetivo do ensino médio era a formação do adolescente, e o ginásio convencional preparava os jovens ou para profissões liberais, industriais ou agrícolas. Preparando os jovens só para o trabalho profissional, ficava claro que a vocação não entrava nestes compartimentos (4).

Um dos estudiosos desta nova concepção de ginásio, o pedagogo Lauro Oliveira Lima, observou que o termo vocacional não seria o correto, e que o verdadeiro nome desta experiência pedagógica deveria ser Escola da Comunidade, pois pretendia colocar à disposição da comunidade local (escola), toda a capacidade dos professores e técnicos com que contasse.

Quando o Vocacional se preparava para a criação do segundo ciclo (colegial), começaram os problemas. A primeira crise foi um episódio grotesco. A recusa em receber um aluno, indicado pelo então secretário da Educação, Ataliba Nogueira, que, na opinião da diretora da escola, não tinha condições de ser aceito, provocou o seu afastamento. O episódio assumiu proporções de escândalo. Todos os professores colocaram o cargo à disposição, e a coordenadora foi logo reintegrada ao cargo.

As obras em São Caetano estavam quase concluídas e o Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria nascia com o decreto-lei nº 9.200, de 22 de dezembro de 1.965. A inauguração ocorreu no dia 12 de março de 1.968 e o ano letivo começou em 17 de junho de 1.968. Mas a escola teve vida curta. Sobreviveu apenas até o decreto nº 52.460, de 5 de junho de 1.970. Em seu artigo primeiro sentenciava: "Os Ginásios Vocacionais da Capital, de São Caetano do Sul, de Americana, de Rio Claro, de Batatais e Barretos, passaram a denominar-se ginásios estaduais integrantes da rede comum de estabelecimentos estaduais de Ensino Secundário (...)" (5).

Os militares invadiram e destruíram os ginásios vocacionais sob a alegação de vários problemas: conduta subversiva, atitudes de rebeldia contra as disposições governamentais; incentivo ao movimento estudantil. Enfim, todos os mesmos pretextos próprios do regime, que, naqueles tempos, não só fechava escolas, mas teatros, jornais, rádios, televisões, etc.

Memória e resgate da experiência

A professora Nilde Mascellani é uma lutadora. Em março de 1.986, ainda buscava a recuperação da memória do Vocacional. O Serviço de Ensino Vocacional (SEV) contava em sua fase final com uma estrutura sólida de apoio com os seguintes setores: Setor de Pesquisa Psicopedagógica, Setor de Treinamento do Pessoal, do Magistério, Setor de Projetos de Prédios Escolares, Setor de Materiais de apoio Pedagógico, Setor de Recursos Audio-visuais e Biblioteca.

Todo esse serviço e a rede de ensino foram extintos pelas forças militares no final de 1.969. Diretores, professores e vários alunos foram presos, processados, aposentados pelo AI-5 e outros atos arbitrários. As escolas foram invadidas em 12 de dezembro de 1.969, pelo Exército e Polícia Militar. Nestas invasões muitos materiais foram danificados e outra parte levada para os porões do II Exército. Nessa ocasião, alunos, professores e pais trataram de esconder aquilo que podia ser salvo das escolas. Durante 16 anos esses documentos ficaram dispersos. Uma parte significativa pôde ser resgatada e está em poder da professora Mascellani.

Com o advento do novo regime no Brasil, muitos professores, estudantes universitários e técnicos de diferentes níveis têm se interessado pela experiência. O interesse varia desde a necessidade de reconstrução histórica até a elaboração de teses, passando pela debate de política educacional brasileira no momento atual.

Os professores selecionados para trabalhar no Vocacional de São Caetano do Sul foram preparados e treinados pelo Serviço do Ensino Vocacional, do dia 30 de abril de 1.968 até a véspera do início das aulas, que começaram no dia 17 de junho do mesmo ano (7). O Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria seria uma experiência com características próprias, pois seria o primeiro em meio período, com sete classes de primeira série.

A equipe selecionada para desenvolver a experiência foi a seguinte:

Orientadora Pedagógica, Vera L. Gomes Barbosa; Orientadora Educacional, Arlete d'Antola; Estudos Sociais, Dayse Serra Ribeiro; História, Célia Schimbuola Zamarrenho; Português, Lídio Tesato e Guilherme Pucca; Física, Leila Maria Vasconcelos; Ciências, Luisa Alonso; Matemática, Irene T. Felizetti e Terezinha de J. Ferreira Leone; Educação Musical, Ana Almerinda D. Rios; Educação Física, Mitsuko Ikeda; Artes Plásticas, Eunice Simões; Práticas Comerciais, José Pereira Leite; Artes Industriais, Maria Zair A. Nunes e Edeni Della Bolla; Educação Doméstica, Sonia Soares Carvalho; Teatro, Antonio Aparilio Petrim; Recursos Audio-Visuais, Orlando Costelli; Recursos de Publicações, Sueli Bruni Alves, e Auxiliar de Orientação, Maria Lúcia Gomes Barbosa.

Estes nomes e mais o da coordenadora do SEV, Maria Nilde Mascellani, do ex-prefeito Walter Braidó e do ex-diretor de Educação e Cultura da Prefeitura, Oscar Garbelotto, ficarão gravados na memória e na história da Educação de São Caetano do Sul e do Brasil. Foi com o esforço e abnegação de todos eles que se tentou, até onde foi possível, instalar em São Caetano o que de mais moderno, ousado e revolucionário havia, naqueles tempos, em termos de Educação. Enquanto isso, os nomes dos responsáveis pela repressão, jamais serão lembrados pelo povo. Vem-nos à mente, as palavras de Karl Foerster, que se enquadram à história do Ensino Vocacional e, particularmente, ao Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria: "Jamais, o passado retorna./ Mas, quando com brilho se encerra./ Sempre brilhante, seu reflexo perdura".

(1) - *Cidade Nova - Publicação da Prefeitura de São Caetano do Sul. Administração Walter Braidó (1.965/1.969).*

(2) - *São Caetano do Sul - Onde Escola não é Problema - 91 Aniversário (1.968) - publicação da Prefeitura de São Caetano do Sul.*

(3) - *Revista Realidade - Fevereiro de 1.967, Editora Abril.*

(4) - *Revista Visão - 31 de janeiro de 1.970, Soc. Editorial Visão.*

(5) - *Diário do Executivo - Governo do Estado - Palácio dos Bandeirantes, 6 de junho de 1.970.*

(6) - *Memorial do Vocacional (Projeto do Patrimônio Cultural, Pesquisa e Ação Educacional) - Professora Maria Nilde Mascellani - São Paulo, março de 1.968.*

(7) - *SEV - Informa - Órgão Interno do Serviço de Ensino Vocacional n. 1, Ano 1, junho de 1.968 - Setor de Publicações.*

- A professora Dirce Martins Morras, ex-professora dos ginásios vocacionais de Batatais e da Vila Santa Maria, e atualmente coordenadora pedagógica da EEPG Padre Luiz Capra, de São Caetano do Sul, auxiliou com documentos e depoimento gravado na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em 17 de fevereiro de 1.992, sobre sua experiência nos ginásios.

(*) *José Roberto Gianello é sociólogo e integra o Grupo Independente de Pesquisadores da Memória do Grande ABC.*

O Grêmio Estudantil 28 de Julho

Acervo: Jornal de São Caetano



- 1 - Norival José Oliva; 2 - Laércio Mombelli
- 3 - Enio Campoi; 4 - Salvador Kalmar
- 5 - Fuad Sayar; 6 - Sidney Cavassani
- 7 - Edilson Salgelli; 8 - Paulo Gonçalves
- 9 - Ramis Sayar; 10 - Daniel Fiorotti

O estudante Fuad Sayar exerceu por muitos anos a Presidência do Grêmio com dedicação e competência, sempre assessorados por colegas de real valor. Graças a um trabalho de equipe, o meio estudantil local pôde presenciar notáveis e surpreendentes realizações. Na foto, Fuad aparece presidindo uma das reuniões da nova Diretoria. Ano 1958.

Grêmio Estudantil 28 de Julho, do Colégio Estadual "Coronel Bonifácio de Carvalho", em São Caetano do Sul, foi um dos mais importantes órgãos de estudantes da cidade, nas décadas de 50 e 60. Atuantes em todos os setores, esses jovens mantinham ativos departamentos de cultura, esportes e social. Foram famosas as atividades culturais do Grêmio e deixaram saudades os bailes, como o Baile do Pinguim, reunindo o melhor da sociedade local. Na parte esportiva, acirradíssimas foram as disputas nos Est-Aca.

Com equipes do estadual, preparadas pelo Grêmio para enfrentarem as equipes do Centro Acadêmico e Instituto de Ensino.

Palestras e conferências foram organizadas com esmero pela equipe cultural, sempre com o apoio da direção e dos mestres do colégio. O cantor Jerry Adriani, na época aluno do estadual, surgiu para a vida artística de suas primeiras apresentações nos shows promocionais pelo Grêmio.

Para completar a organização, o Grêmio editava sua própria revista, "O Archote", com noticiário, debates, esportes e literatura, além do humorismo. Vale destacar a participação e a colaboração da sociedade e das empresas sancaetanenses, em todas as realizações.

Acervo: Oscar Garbelotto



A revista *O Archote* era o órgão oficial do Grêmio Estudantil 28 de Julho. A edição da foto, ano III, n. VI, setembro/outubro de 1958, trazia a Palavra da Direção, de Nelson Piretello, sobre a regularidade das publicações e agradecimentos às empresas que apoiavam o Grêmio. No final do texto: "Aos colegas, desejamos que conseguiram sair-se esplendidamente nos exames finais..."



Escolas

Como apareceu o Instituto de Ensino Sagrada Família

Verino Segundo FERRARI(*)

Formado contador em 1934, era a minha vontade seguir mais adiante, pois sempre desejei ser professor. Talvez por não ter oportunidade de obter o diploma de conclusão do curso primário, por falta de escola naquela época. Logo após ter sido diplomado contador, abri um escritório de contabilidade, no centro de São Caetano do Sul. Durante o dia cuidava do escritório e a noite lecionava mesmo sem o diploma de professor. Como era do meu agrado exercer essa profissão, procurei instruir-me da forma necessária, até a conquista do sonhado diploma.

Lecionei um ano, em uma sala na esquina das ruas Amazonas e Baraldi. Em seguida, no Liceu Acadêmico São Paulo, durante, mais ou menos, três anos. Isto em 1937, já diplomado como professor.

Em uma noite, quando me dirigia para lecionar no Liceu, entrei na Igreja Sagrada Família para fazer as minhas orações. Alguém me bateu nas costas era o Padre Alexandre Grigolli. Ele disse: "Quero abrir uma escola aqui na Igreja e desejo que você seja o diretor dela". Para mim foi uma grande surpresa, mas ao mesmo tempo uma grande satisfação ao receber essa proposta. Para isso, precisava pedir demissão no Liceu e arrumar um substituto. Tudo foi muito rápido. O substituto foi encontrado e eu pude colocar em prática o início da nova escola.

Em princípio, ficou estabelecido que a parte legal seria de minha responsabilidade, o Padre Alexandre e o Padre Artur preparariam o necessário para o funcionamento.

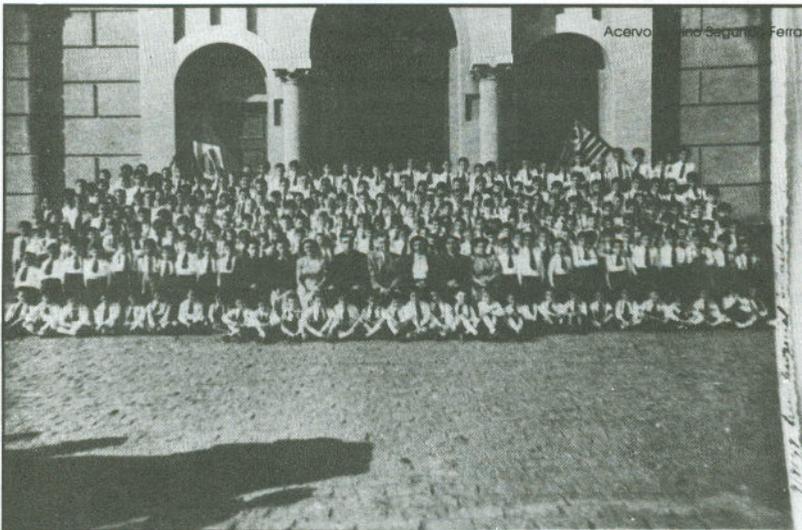
Haviam três salas, em frente a Rua Niterói, e uma pequena sala que serviria de secretaria para as matrículas, todas elas sem ilumina-

ção elétrica. As salas com carteiras de madeira muito precária e um quadro negro era o cenário pobre da nova escola.

Era março de 1939, mês dedicado a São José, assim entendeu o Padre Alexandre e disse que a escola se chamaria Escola Paroquial São José. Partindo deste ponto, comecei a preparar os papéis referentes ao registro da escola, no departamento de ensino, à rua Florêncio de Abreu, em São Paulo.

Dei entrada nos papéis necessários para que fosse expedido o registro de funcionamento da escola. Com a vinda de pessoa competente para avaliar as condições do futuro estabelecimento de ensino e depois de receber a aprovação, iniciamos as matrículas. Conseguimos matricular uma classe no primeiro ano, uns poucos alunos no segundo e no terceiro. Os três cursos funcionavam em apenas duas salas. As primeiras professoras foram Bernadette Pereira Mayer e Santina Leonor Fiorotti.

A 15 de maio de 1939, recebemos os documentos necessários para o funcionamento. O registro da escola trouxe o nome de Verino Segundo Ferrari como diretor. A primeira visita do inspetor escolar foi registrada em ata: "Termo de visita" - "Visitei hoje a Escola São José, de São Caetano do Sul, dirigida pelo professor Verino Segundo Ferreri. Horário de funcionamento das 8 às 11:30 horas e das 19 às 21 horas. Professores registrados: Verino Segundo Ferrari, Bernadette Pereira Mayer e Santina Leonor Fiorotti. Nas duas classes de I período estão matriculados 80 alunos dos quais comparecem 76. Constatei nas classes boa ordem, disciplina e aproveitamento. São Caetano do Sul, 2 de agosto de 1939, F. Paes de Barros - Inspetor Escolar".



Estudantes e professores da Escola Paroquial São José, que deu origem ao Instituto de Ensino Sagrada Família. A foto é de 9 de setembro de 1949.

Eu lecionava a noite ao lado da Sacristia, pois não havia iluminação nas salas, nesta oportunidade a classe era variada, com alunos de todas as idades, esse curso durou dois anos.

A escola funcionava razoavelmente, mas necessitava de carteiras escolares melhores e, principalmente, material escolar. Resolvemos buscar ajuda na Prefeitura de Santo André, na época São Caetano estava na qualidade de Distrito. Lá, fomos atendidos em parte. Havia má vontade, pois a Prefeitura desejava enviar professores para lecionar na escola, mas logo a primeira não preencheu as finalidades e a dispensamos.

A escola progredia. Em 1940, contava com classe distintas, em suas respectivas salas: primeiro, segundo e terceiro anos, divididos em dois períodos, manhã e tarde. Aceitávamos somente alunos do sexo masculino, pois existia um entendimento com o Externato Santo Antonio, que se responsabilizaria pelas alunas. Este entendimento não deu certo, pois havia dificuldades nas famílias com meninos e meninas. Procuravam seus próprios interesses em virtude do serviço de transporte de alunos.

Uma das dificuldades que a escola teve que enfrentar foi o das mensalidades, para possibilitar os pagamentos dos professores, isto porque a escola estava à sombra da Igreja e os alunos eram, no início, obrigados a assistir à missa e apresentar o cartão de presença às segundas-feiras, caso contrário deveriam trazer justificativa pela falta. Muitos pais pensavam que a escola deveria ser gratuita e isto deu muito trabalho para explicações.

A escola voltou a solicitar ajuda da Prefeitura de Santo André, que já havia demonstrado algum interesse. Mas a Prefeitura impôs em troca da verba, que a escola mudasse de nome: Escola Paroquial São Caetano.

Nossos professores recebiam o que era possível, todos queriam o progresso da escola. Eu mesmo, na posição de diretor, recebia apenas uma ajuda de custo. A escola progredia e superou até mesmo a saída do Padre Alexandre Grigolli, que foi substituído pelo Padre Ezio. Ele também percebeu que a escola poderia crescer com as modificações necessárias. Tudo ia bem, apesar da falta de salas. Então pensou-se em empréstimo na Caixa Econômica do Estado, três milhões de cruzeiros, através da hipoteca do prédio da escola. O Padre Artur e eu, fomos à casa do presidente da Caixa para apresentar a necessidade do empréstimo. Conseguimos. O Padre Ezio construiu, na esquina das Ruas Niterói e Rio Grande do Sul, salas de aula e secretaria.

O empréstimo hipotecário foi liquidado em 120 parcelas mensais, com juros.

Com as novas salas, a escola crescia e já tínhamos em funcionamento, nos dois períodos, três classes de primeiro ano, três de segundo, um misto segundo e terceiro, dois de terceiro ano e dois de quarto.

O trabalho da administração cresceu, inclusive o de direção. Padre Arthur, Padre Aldo e Padre Luciano revejavam-se. Percebi o crescimento e já achava que era hora de mudanças na Diretorias, pois no escritório havia também mais trabalho, e minha remuneração era indefinida.

Um caso na escola vale a pena ser contado. Um dia, ao chegar na escola, fui atender uma professora que havia solicitado a possibilidade de um aluno, que por motivo de doença, não havia feito uma prova. A professora desejava dar nova oportunidade ao aluno. Perguntei se ele merecia e a professora disse que sim. Então a liberei para que fizesse a prova. Ela mostrou esta prova a outra professora, que imediatamente a rasgou. Quando a procurei para as devidas explicações ela me disse que eu não era professor por ter atendido o aluno.

No meu escritório de contabilidade, o trabalho aumentava e encontrei mais um motivo para deixar a Diretoria da escola.

Neste relato gostaria de contar um outro fato, que marcou, minha fase na Diretoria. A mãe de um aluno veio reclamar que seu filho era um menino muito travesso. Quebrava pratos, copos, subia com os pés nas cadeiras, no fogão, enfim que era um verdadeiro diabinho. Eu deixei a mãe falar a vontade e depois eu disse se era só isso que ele fazia. A mãe, muito nervosa me disse: "O senhor como educador é isto que me oferece?". Eu pedi que ficasse calma e que me ouvisse. Expliquei a ela que se o filho fosse doente ou tivesse paralisia infantil o caso seria muito pior e ela reclamaria por ele não fazer Travessuras. A mãe entendeu o que eu expliquei e até pediu desculpas.

Lá pelo ano de 1958 e 1959, o Padre Ezio já havia percebido que a escola poderia progredir muito mais, pois já contava com o professor Eugênio Voltarelli, mais um professor que gostaria de ver o progresso da escola. Então, ele me procurou e também ao professor Giacomo Benedetti. Formamos um grupo de trabalho, afim de viabilizar o que fosse necessário para fazer uma escola maior.

Delineamos um plano para novas salas. Em 1961, mudamos o

nome para Instituto de Ensino "Sagrada Família". As carteiras duplas foram substituídas pelas individuais e uma parte pelas universitárias. A Diretoria passou para o professor Eugênio Voltarelli. O financiamento que precisávamos foi possível já que eu era diretor do Banco Real do Progresso.

A escola além do curso primário, deu início ao curso de mecanografia, eu fiquei como diretor responsável, e como regente da classe, o professor Francisco Ângelo Abaitaguara. O curso teve pouca duração. Então cogitou-se por uma escola de segundo grau e que deu certo, com a abertura do Curso Comercial Básico, para a formação de Técnico em Contabilidade.

Este curso começou a noite no ano de 1961, e teve sua duração até 1984, pois com a morte do seu diretor, num acidente de avião, e, 1983, a direção ficou sob a responsabilidade da professora Rose Mary Correa Rocha Voltarelli. A escola passou a funcionar razoavelmente, porém todas as classes noturnas foram desativadas em 1984.

Com a extinção do curso de mecanografia, fui contemplado com a tesouraria da escola, de 1961 até 1984, com trabalho feito graciosamente. Depois que eu saí, a direção da tesouraria passou para Antonio Carlos Domingos Benedetti, que até hoje exerce a função.

A professora Rose Mary foi substituída, no dia 19 de dezembro de 1986, pelo professor Olyntho Voltarelli Filho, que nesta data começou um trabalho muito grande para o desenvolvimento da escola. Ele conseguiu melhorar o padrão de ensino, aumentou as classes, transformou a secretaria, a Diretoria em sala de aula, transferiu estes departamentos das dependências, onde funcionava um cinema, dando espaço para cursos infantis, além da secretaria, diretoria e tesouraria.

O Instituto de Ensino "Sagrada Família" é uma escola que em março de 1992 completou 53 anos de existência e é mantida pela Associação dos Estigmatinos para Educação e Instrução Popular (Padres Estigmatinos). Sua anuidade é a mais baixa de todo o ABC. Serviu nossos jovens da melhor maneira possível.

(*) Verino Segundo Ferrari é professor, contador e administrador de empresas.

Esportes

União de empresários e comerciantes faz nascer o São Caetano Atlético Clube

Humberto Domingos PASTORE(*)

Durante todo o ano de 1972, a população de São Caetano do Sul vibrou com o time de futebol que levava na camisa o nome de sua cidade. Mas foi em 1971, que a história do clube começou. Nessa época, existia no Município o Saad Esporte Clube. A agremiação quase alcançou a primeira divisão do futebol paulista, só não conseguiu por ter perdido, nos últimos minutos, a partida realizada no Parque Antártica, contra o time de Marília.

Era realizada também naqueles anos, com grande sucesso, uma copa com a participação de seleções de São Caetano, Santo André, São Bernardo, Diadema, Mauá e Ribeirão Pires. Dentro desse clima, foi fácil brotar a idéia de que o Município poderia ter um time que defendesse seu nome.

Empresários, comerciantes e profissionais liberais resolveram colocar em prática essa idéia e provar, ao mesmo tempo, que era possível fundar, manter e dirigir um clube de futebol, sem qualquer ajuda financeira do poder público. Os mentores do clube iniciaram a formação do quadro de associados e passaram a realizar festas e outros eventos para levantar fundos.

Uma das primeiras tentativas para a criação do clube, foi dialogar com o presidente do Saad Esporte Clube, Felício Saad. O Objetivo era de ele se sensibilizar com o pensamento geral e mudasse o nome do time para São Caetano Esporte Clube ou São Caetano Futebol Clube. A resposta, no entanto, foi negativa. Diante da posição irreduzível do dirigente do Saad, a comissão executiva do futuro clube procurou a direção do São Caetano Esporte Clube e propôs a criação de um time de futebol autônomo e profissional da entidade. Isso ocorreu em outubro de 1971. Dirigentes do São Caetano Esporte Clube dividiram-se: o presidente Nardine Garbelotto foi contra a proposta, enquanto o vice-presidente, Airton Sigolo, era favorável. Finalmente, em novembro de 1971, a diretoria votou contra a criação do futebol profissional dentro da agremiação.

Apesar das negativas, os idealizadores do time de futebol não esmoreceram. Ao contrário, partiram para a formação de um novo clube. O grupo de empresários, comerciantes e profissionais liberais passou a reunir-se com frequência, buscando a melhor forma de concretizar a idéia.

A imprensa da cidade, através do

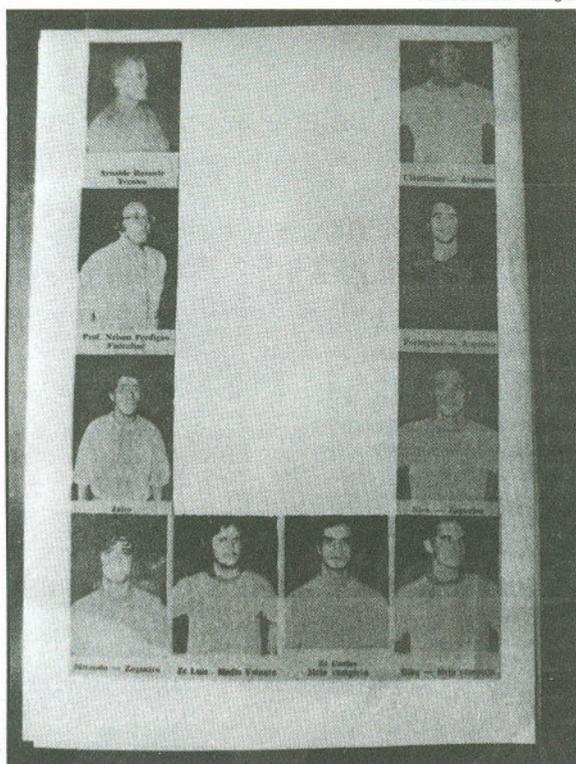
Jornal de São Caetano e do Jornal do Lar aderiu à proposta e passou a publicar matérias incentivando a formação do São Caetano Atlético Clube. O Jornal do Lar chegou a fazer a seguinte comparação: esta campanha é uma jornada tão gloriosa como a de 1948, quando idealistas participaram da Campanha Autonomista e São Caetano se desmembrou de Santo André e passou a ter vida própria".

Finalmente, no dia 13 de janeiro de 1972, às 9:30 horas, os idealizadores da nova agremiação abriram uma conta no então Banco de São Caetano, em nome do São Caetano Atlético Clube, que nascia com 50 sócios. Cada um deveria contribuir, mensalmente, com vinte cruzeiros. Essas Informações foram publicadas no Jornal de São Caetano, edição do dia 29 de janeiro de 1972, que, em reportagem de página inteira, também publicou fotos dos sócios-conselheiros.

A direção do clube divulgava a meta de formar um quadro de 100 associados e o São Caetano Atlético Clube passou também a ter cobertura da Rádio Cacique, no programa diário de Luiz Roberto Dobriev.

A primeira diretoria executiva do São Caetano Atlético Clube foi formada no dia 18 de fevereiro de 1972, durante reunião dos associados realizada no salão da Associação Cultural e Artística de São Caetano. Para presidir o novo clube foi eleito Luiz Mori, e também compuseram a diretoria as seguintes pessoas: José Alt, vice-presidente geral; Geraldo Prates, vice-presidente esportivo; Mário Clementino Moreira, vice-presidente social; Carlos Paez, diretor administrativo; Celso Mendes Purro Nogueira, vice-diretor administrativo; Leonardo Sperate, diretor financeiro; Manoel Cardena Luca, vice-diretor financeiro; Antonio José Dall'Anese, diretor geral de esportes; José Batista de Toledo e Antonio Júlio Pedrosa de Moraes, diretores de propaganda.

O Conselho Deliberativo do SCAC ficou assim constituído: João Antonio Saez Cervantes, presidente; João Dal'Mas, vice-presidente; Francisco Martinez, secretário. Membros: Alarico Suhlendonik, Altamiro Dias da Mota, Alécio Strabelli, Antonio Constantino da Silva Sobrinho, Antonio Vita Lopes, Aron Goodamn, Carlos Putini, Carlos Jacome Formiga, Cazerio Migliani, Dacid Garcia Peres, Domingos Glenir Santarnechi, Dionisio Giuliani, Eneas Couto, Ethore Michelin Ventura, Francisco de Souza Sechi, Gilberto Prado Arevaldo, Giro Striani, Heliton Be-



Parte da equipe do São Caetano Atlético Clube: Arnaldo Razante, técnico; Nelson Perdigão, preparador físico Jairo, Miranda, Zaqueiro; Zé Luiz, Médio Volante; Zé Carlos, Meio Campista; Biba, Meio Campista; Nico, Zaqueiro; Português, Arqueiro, e Claudionor, Arqueiro. Ano 1972.

DIÁRIO DO GRANDE ABC

Terça-feira, 22 de agosto de 1972

2.º CADERNO

Auspiciosa a estréia do São Caetano A. C.

Quando se começou a jogar em campo e pôde assistir a partida em nome do São Caetano, não era o Ademar, conhecido e conhecido futebolista, mas o jogador de São Caetano, o jogador de São Caetano, o jogador de São Caetano...

...no campo, domingo, do São Caetano. Aos 5 minutos, Claudionor, uma das melhores figuras do futebol brasileiro, com o chute de precisão, marcou o primeiro gol da partida. O jogador foi cobrado por Uliassi, o goleiro de São Caetano, mas não conseguiu evitar o gol. O jogo terminou em empate por 1 a 1.

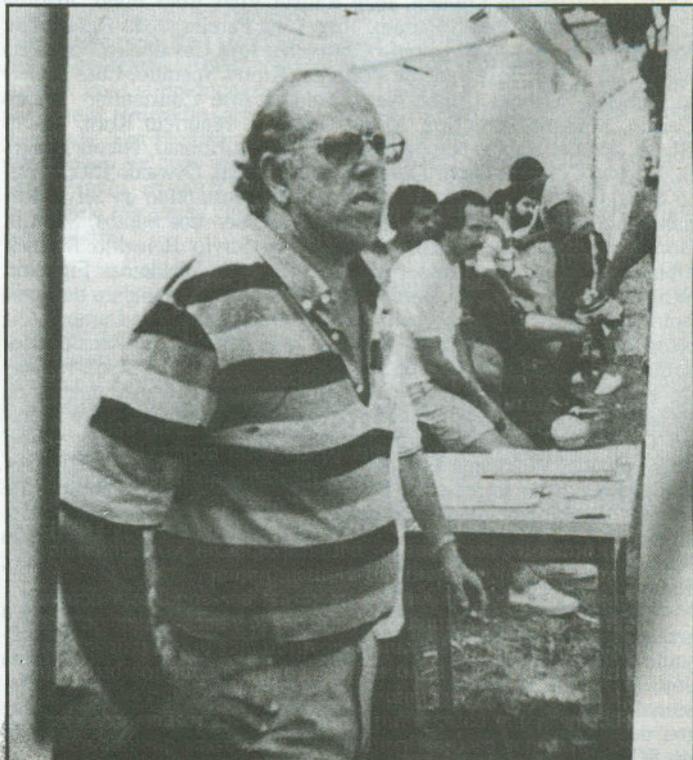


Antonio Dall'Anese foi diretor de Esportes do São Caetano Atlético Clube (foto de época)

O Diário do Grande ABC comenta a estréia do São Caetano AC, em edição do dia 22 de agosto de 1972.



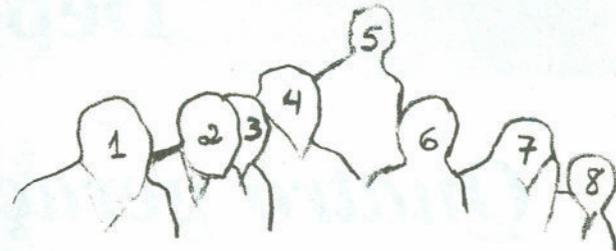
O Jornal de São Caetano relata o empate, por 1 a 1, no jogo de estréia entre São Caetano AC e Santo André. Segundo o jornal, um resultado satisfatório. Ano 1972.



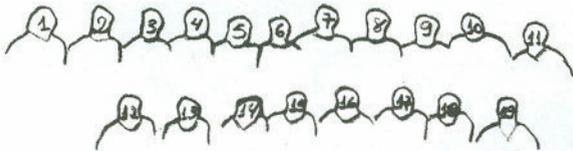
Walter Rocca foi o primeiro técnico do São Caetano Atlético Clube.



Estréia Oficial de São Caetano Atlético Clube contra o Santo André. Ano 1972.



1 - Arnaldo Razzante; 2 - Reinaldo Zamai;
3 - Davi ?; 4 - Walter Braido;
5 - Fabio Ventura; 6 - Oswaldo Martins Salgado;
7 - Nelson Perdigão; 8 - Giro Striani



1 - Nelson Perdigão; 2 - Portugues;
3 - Colete; 4 - Miranda;
5 - Zé Luiz; 6 - Dadinho;
7 - João Flávio; 8 - Mayer;
9 - Nico; 10 - Claudionor;
11 - Arnaldo Razzante; 12 - Guina;
13 - Paulinho; 14 - Douglas;
15 - Saa; 16 - Zé Carlos;
17 - Biba; 18 - Sapito; 19 - Joaquim



O time posa para a foto antes do jogo contra o Santo André, no Estádio Lauro Gomes. Ano 1972.



Nelson Perdigão (à direita) orienta o treinamento físico dos jogadores de Caetanão, no Estádio Distrital Natale Cavalheiro, no Bairro São José.

Celeste), Dadinho (seleção), Coleti (Santo André), Miranda (São Paulo), Zé Luiz (Palmeiras), Zé Carlos (seleção), Biba (seleção), Saa (Tamoyo), Paulinho (Tamoyo), Sapito (seleção), Mayer (São Paulo), Jairo (Juventus) Neo (seleção), Guina (São Paulo) João Flávio (interior), Landelinha (América do Sul), Reinaldo (Portuguesa), Alen (São José), Clovis (Cerâmica) e Zé Carlos (Vila Bela). Muitas outras partidas foram realizadas pelo São Caetano Atlético Clube dentro e fora da cidade. Em Piquete, enfrentou a forte equipe da Estrela, diante de um público de duas mil pessoas, empatando por um tento. Contra o Mogi Mirim, empatou por zero a zero. Faz parte da história da agremiação de três jogos contra a Mercedão, da Associação Atlética Mercedes Benz.

Falta de campo

Nos meses de setembro e outubro, os dirigentes do Caetanão travaram uma verdadeira batalha para conseguir a utilização do Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida. Todavia, o time não conseguiu o objetivo, que era dividir o estádio com o Saad. Sem dispor de um campo, o São Caetano Atlético Clube não dispunha mais de condições para continuar o trabalho que nasceu espontaneamente da sociedade. Porém, de tudo o que foi feito, uma certeza ficou clara: muito pode ser feito através da união em torno de um objetivo, assim como, ficou a experiência de que um time de futebol pode nascer e crescer sem depender exclusivamente do poder público.

(*) Humberto Domingos Pastore é jornalista

Outros três jogos-treino foram disputados pela Caetanão, como o São Caetano Atlético Clube passou a ser chamado pela torcida. o time venceu o Barbarense, de Santa Bárbara do Oeste; perdeu para o Vasco da Gama, na cidade de Americana, e empatou com o Rige-sa, de Valinhos, jogo que terminou em pancadaria.

A empolgação da torcida e o entusiasmo dos dirigentes eclodiram mesmo em 20 de agosto de 1972, quando o time do São Caetano estreou, oficialmente, numa partida amistosa contra o Santo André, realizada no Estádio Lauro Gomes de Almeida. O jogo terminou empatado por um tento, e a comissão estava sob o comando de Arnaldo Razzante, uma vez que Nelson Perdigão voltava a ser o preparador físico. O massagista da época era o profissional Pedro Tramontina.

O São Caetano Atlético Clube orgulhava-se de ter em seu time, craques conhecidos em toda a cidade. Oriundos de várzea de São Caetano, muitos deles também integravam a seleção. estes eram os atletas da época: Claudionor (seleção), Português (seleção), Nico (Alvi

Depoimentos

Quatro gerações - Depoimento de Flóvido Roveri

Silvio José BUSO (*)

Acervo: Família Roveri



Flóvido e Mafalda Roveri

Acervo: Família Roveri



Maria Garbelotti, mãe de Mafalda Roveri. Cecília Roveri (no colo), Dirceu Roveri (em pé), Silvia Garbelotto (sentada à esquerda) e Neusa Braido (sentada à direita)

Esta é a história que meu bisavô viveu e contou para os filhos. Um destes filhos foi meu avô, que viveu e contou para os filhos e um destes filhos foi meu pai. Ele passou a história, que hoje conto para meus filhos e netos.

Revendo uma das fotos, Flóvido Roveri, junto com a esposa Mafalda Gabelotto Roveri e os filhos Dirceu, Cecília e Flávio começou a recordar os tempos da família em São Caetano do Sul.

Meu bisavô, conforme a narração de Flóvido, Fillipo Roveri, foi um dos muitos daqueles imigrantes italianos que junto com a família chegaram às terras do Tijucuçu. Fillipo Fixou-se em uma gleba de terras, tendo como vizinhos: Luigi D'Agostini, Giuseppe Braido, Giovanni Tomé, Caetano Garbelotto e Luigi Baraldi. Essa gleba (1) ficava onde hoje estão as ruas Major Carlo Del Prete, Santo Antônio, Alagoas e Perrella. A estrada de ferro passava dentro de sua propriedade.

Fillipo cultivava em suas terras e com os produtos colhidos sustentava uma família numerosa. O tempo passa, a família vai crescendo. Os filhos Francisco, Antonio, Delmira, Corina e Hermínia ajudam nos afazeres diários. Em 1883, juntamente com Giovani Peruch são encarregados pela colônia, de mandar fazer em uma fundição, dois sinos para a Matriz Velha, que seria construída sobre a pequena capela beneditina.

Francisco (meu avô), casado com Maria Delboni, juntamente com os irmãos continuavam morando junto com os pais, naquela gleba, prosseguindo com o trabalho e as tradições da família, criando os filhos Luiz, Antonio, Fausto, Luiza e Santa, naquele tremendo espaço verde, tendo o pomar como regalo aos olhos das crianças.

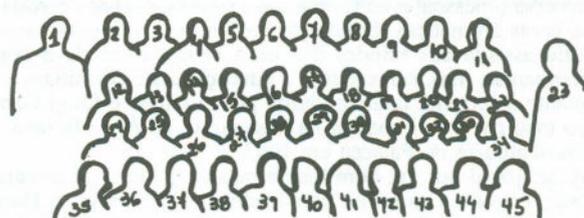
Meu pai, Luiz, casou-se ainda mocinho com Josefina Lorenzini. Toda a terra foi sendo dividida entre a família e meu pai construiu sua casa na rua Perrella. Meu pai, conta Flóvido, trabalhou, juntamente com os irmãos, com Silvério Perrella, mas logo formou uma socie-



Luiz (Luigi) Roveri



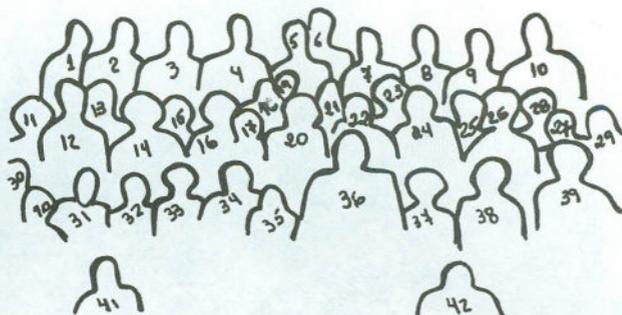
Grupo Escolar "Senador Flaquer", cerca de 1931.



- 1) Perrenou, 2) Amália D'Agostini, 3) ?, 4) Zaira Parente, 5) ?, 6) ?, 7) ?, 8) Irene Capeli, 9) Dirce Assêncio, 10) Olga de Mura, 11) ?, 12) ?, 13) ?, 14) ?, 15) ?, 16) ?, 17) ?, 18) ?, 19) Naim, 20) ?, 21) ?, 22) ?, 23) Maria de Lurdes, 24) ?, 25) Lurdes Pina, 26) ?, 27) ?, 28) Noemia, 29) ?, 30) ?, 31) ?, 32) Eua Lodi, 33) Letícia Fioroti, 34) Ilda Escarpano, 35) ?, 36) ?, 37) Mafalda Garbelotto, 38) ?, 39) Elena Valério, 40) ?, 41) Gina, 42) ?, 43) Augusta Molinari, 44) ?, 45) ?.



Família Luiz Roveri, cerca de 1953.



- 1) Luiz Lorenzine, 2) Avelino Roveri, 3) Francisco Roveri, 4) Aurelio Roveri, 5) Flávio Roveri, 6) Horacio Roveri, 7) Pedro Furlan, 8) Rodolfo Baione, 9) ?, 10) Antonio Ribeiro, 11) Nila Furlan, 12) Iris Roveri, 13) Antonia Roveri, 14) Claudete Roveri, 15) Olga Roveri Furlan, 16) Aparecida Roveri Crivelari, 17) Lurdes Roveri Crivelari, 18) Elza Roveri, 19) Antonio Roveri, 20) Francisca Roveri, 21) Mafalda G. Roveri, 22) Vilma Baione, 23) Ivone Roveri, 24) Idalina Maria Roveri, 25) Margarida Roveri, 26) Clarice Roveri Ribeiro, 27) Santa Lorenzine, 28) ?, 29) Cláudio Roveri, 31) Dirceu Roveri, 32) Dione Roveri, 33) Josefina Roveri, 34) Josefina Roveri, 35) a bisneta Selma, 36) Luiz Roveri, 37) Cecília Roveri, 38) Darci Crivelari, 39) Cleonice Roveri, 40) Flávio Luiz Roveri, 41) Romualdo Crivelari, 42) Luiz Roveri Neto.

dade, por volta de 1930, com Antonio, meu tio, e Jacob D'Agostini. Eles montaram uma olaria na vila Califórnia, próximo de onde fica a Coral Tintas. A sociedade foi logo desfeita. Ele então, montou uma serraria na rua Perrella, perto dos Leoni e eu desde menino ajudava a cortar madeira.

Lembro-me que a madeira vinha por trem e caminhão, na forma de troncos. Era madeira de Jundiá e arredores. Nós cortávamos em pedaços pequenos que serviam para queimar em fogões e padarias. Estávamos em 1935 e 1936. A lenha era vendida por metro e eu entregava também nas casas, pois tínhamos uma carroça puchada por um burro tihoso, que se chamava Pinhão. Era divertido conduzir o Pinhão pelas ruas, de São Caetano. Às vezes batia a mania em Pinhão de morder as pessoas e uma vez fui mordido por ele.

Nessa época era hábito de todas as famílias, receber muitos amigos em casa. Era um fato cultivado pelos criundi em São Caetano. Papai recebia o pessoal e os levava aos tonéis de cachaça curtida com frutas e ervas aromáticas, brindando aos amigos com uma variedade ímpar. Eu assistia aos brindes dos mais velhos e até dava vontade de experimentar, mas, o respeito e a educação, não permitiam.

Quanto à serraria, também durou pouco tempo e Luigi Gambaro levou meu pai para trabalhar na Matarazzo, na Água Branca. Meu velho aposentou-se lá. Faleceu em 1963.

Ajudei papai por um bom tempo mas eu gostava de mecânica e meu irmão Aurélio e eu fomos convidados por um amigo, o Humberto Cecatto, para trabalhar na firma Lorenzetti, onde aprendemos muito. Depois fui trabalhar com Matheus Constantino, na sua metalúrgica, como torneiro mecânico repuxador. Nessa época, eu era um praticante de esportes e gostava mesmo de jogar basquete. no ano de 1937, fomos campeões de basquete inter-clubes municipal, jogando a final contra o São Bernardo. Este jogo aconteceu no ginásio do Araçuan, em Santo André. Casei-me com Mafalda Garbelotto.

Flávio continua sua história: Em 1953, montei com meu irmão Aurélio, uma pequena indústria metalúrgica na rua Perrella. Nessa época, Mafalda e eu, tínhamos três filhos que estão aqui dando palpites na história.

Da União Operária fui sócio desde mocinho e me lembro que

as reuniões aconteciam inicialmente na rua Alagoas, no bar e adegado do Paco, carinhosamente chamado de Paquito. Depois fomos nos reunir num pequeno salão da rua 28 de Julho, perto da Igreja Velha e, mais tarde, tivemos nossa sede na rua Conde Francisco Matarazzo. Sou tesoureiro desde 1975 e meus antecessores foram o Mario Previato e Argemiro Previato.

Flávio, o nome é complicado. Todos o chamam de Próvido e ele tem alguns documentos como Próvido. Acontece que seu pai na hora do registro, disse Próvido, o escrivão entendeu Flávio, e pronto, assim ficou''

(*) *Silvio José Buso é técnico em Saneamento Ambiental e pesquisador do Gipem (Grupo Independente de Pesquisadores da Memória do Grande ABC).*

Relato de Francisco Dester

Prezado amigo Oscar
Eu, Francisco Dester, conheço você desde moleque, quando jogaste pelo São Cristovão e Rio Branco. tive muitos bons amigos na Fundação pois estudei, tirei o diploma no Grupo Escolar Senador Flaquer.

Conheci muito as famílias Garbelotto, Lorenzini, Dal'Mas, D'Agostine, Morselli, Pierim, Tomé, Garcia, Spaquaquercia, Campanella, Biacolo, Buso, Vincenzi, Sereno Segala, Milani, Pereira e o Hermógenes Walter Braido, quando ia jogar bocha com o Vitório Dal'Mas no Bar do Momi.

Lembro muito de uma passagem em 1942, em jogo de Paulistas e Cariocas, os Paulistas ganharam de 4 a 2. Aproveitamos, eu, o Haroldo Franco e Mario Moucinho e tomamos um porre de vinho na casa do falecido Fernando Piva, na rua Humaitá, Vila Lucinda, perto do Moinho Santa Clara. Lá estávamos esperando terminar o ensaio da Banda Lira de São Caetano, onde figurava meu pai, Ernesto Dester (baixo), Campanella (clarinete), Zé Pedreiro (piston), Galhardo (caixa) e os dois filhos do mestre no contra-baixo.

Enquanto esperávamos, íamos de bicicleta, uma velha Monark de quadro rebaixado, até a estação, on-

de tinha um rádio, para saber o resultado do jogo. Os paulistas estavam perdendo de 2 x 0 virou o jogo e ganharam de 4 a 2. Entre as idas e vindas descobrimos a adega do Piva e aí começamos com garrafas, litros e garrafões. No fim, era tal a bebedeira que sobrou vinho para todo o lado, até no vaso sanitário. Ninguém foi a escola no Senador Flaquer. Que ressaca. Eu falava para minha mãe: nunca mais tomo vinho, vou morrer... A mãe do Haroldo, dona Madalena, para nos desculpar na escola informou que comemos muitas amoras vermelhas e ficamos doente. Mas nosso ilustre professor José Bonifácio Fernandes não foi na conversa e passou-nos um pito.

Após a ressaca, à noite, os três nos encontramos, já bons, em frente à casa do amigo Cirilo, de família de "bichos d'agua" na rua Humaitá.

Comíamos mexerica e, na farra, jogávamos as cascas na varanda da casa do Cirilo: uma casquinha pró Cirilo, uma para a mãe, uma para o pai...". A coisa ficou preta quando o pai do Cirilo, que estava na varanda com uma "mauser", deu uns tiros, gritando: "umas balinhas prá vocês, seus moleques arteiros e vezeiros." Que corrida...

O Meu pai Silvano

Silvia Tintori Fleury (*)

Silvano Tintori nasceu em 10 de outubro de 1908, em San Marcelo Pistoiesi, uma vila nas montanhas da região de Pistóia. Seu pai, Tito Tintori, casado com Santina Pardini, era contador de uma indústria metalúrgica e como a maioria dos moradores da pequena vila, também empregados da empresa, moravam em uma das casas da própria companhia.

Quando surgiu o fascismo, grande era a pressão exercida sobre os que não aceitavam o partido. Na época, Silvano era um adolescente muito alto e forte, característica que contribuíram para que fosse em exímio lutador de luta greco-romana.

Certo dia, algum delator contou aos fascistas sobre a existência, naquela vila, de senhores de idade, que eram totalmente antifascismo. A reação foi imediata, os partidários de Mussolini invadiram casas e obrigaram que alguns desses senhores tomassem óleo de rícino. Em razão da idade avançada e de uma quantidade extremamente grande do líquido, aquelas pessoas passaram muito mal. Não só Silvano como todos na vila ficaram indignados, pois em San Marcelo Pistoiesi a amizade unia tanto os moradores, que eram como uma grande família.

Passado algum tempo, os mesmos fascistas voltaram, provavelmente para fiscalizar a ordem que haviam imposto na vila. Foi nessa ocasião que Silvano, reconhecendo os agressores, não teve dúvida, deu-lhes uma tremenda surra, vingando a maldade cometida. Os velhos que tomaram óleo de rícino eram como se fossem meus avós, palavras do próprio Silvano.

O pai, Tito, prevendo a prisão e morte do filho, resolveu mandá-lo para o Brasil, provisoriamente (Ti-

to esperava que fosse por pouco tempo), aproveitando um grupo de carvoeiros que viria trabalhar na Serra do Mar, em Paranapiacaba. Seu tutor, um dos carvoeiros, foi Zelindo Borelli, que faleceu a pouco tempo, com mais de noventa anos, já que com 17 anos jamais poderia viajar sozinho.

Silvano chegou ao Brasil em 1926, instalou-se em Paranapiacaba, durante nove anos, para trabalhar na São Paulo Railways - SPR, uma firma inglesa.

Vinha para São Caetano, às vezes, para visitar patrícios que chegaram logo depois que ele e numa dessas visitas conheceu Gina Cavana, com quem casou em 1935, Moraram ainda seis meses em Paranapiacaba, depois vieram definitivamente para São Caetano e fixaram residência na rua Roberto Simonsen, antiga rua Santo Antônio.

Em São Caetano do Sul teve dois filhos: Silvia Tintori Fleury casada com Sebastião Fleury e Dino Silvano Tintori casado com Gislene Tomazzo Tintori.

Silvano nunca mais quis voltar para Itália, pois queria guardar na memória a lembrança da vila de sua infância. Faleceu em 12 de outubro de 1971, sem nunca mais ter visto seus pais, apenas por fotos, que faleceram no período da segunda Guerra de morte natural, ainda na mesma casa onde ele nasceu.

Por Silvia Tintori Fleury.

(*) *Silvia Tintori Fleury é neta dos colonos italianos fundadores de São Caetano, Luiz Cavana e Ema Cavana.*

As lembranças de Priscila Mezadri

São Caetano Sul tem por tradição abrigar imigrantes e migrantes do interior do Estado. Isso acontece a cada momento e algumas histórias migratórias merecem ser registradas como a de Priscila Bruna e Gutemberg Mezadri. O casal veio de Cabreúva, com quatro filhos: Laerte, Adolfo, José e Vicente, tentar uma vida melhor. A família faz parte do desenvolvimento da cidade, através do seu trabalho e da luta diária frente ao bar e restaurante, que montaram à rua 28 de Julho. Lá, recebiam fregueses importantes como o ex-prefeitos Walter Braidó, Anacleto Campanella e Oswaldo Massei. Priscila era responsável pelas refeições e pelos bolos de fubá, que conquistaram boa parte da comunidade. A benção por toda a luta aconteceu na Matriz São Caetano, onde os filhos promoveram as Bodas de Ouro dos pais. Lembrança das mais marcantes na vida de Priscila, que ela conta com detalhes:

“Nasci na cidade de Cabreúva, interior de São Paulo, no dia 20 de novembro de 1914. Papai (Nicolau) e mamãe (Elvira) também nasceram lá. Minhas recordações da época em que eu era apenas

uma criança são das mais felizes. Muita coisa boa se passou entre minhas cinco irmãs e eu. Da infância para a adolescência, um acontecimento muito importante marcou meus 15 anos, comecei a namorar e um ano depois estava casada com Gutemberg Mezadri. Um mineiro muito bom, nascido em Conquista, Minas Gerais, no dia 4 de janeiro de 1909.

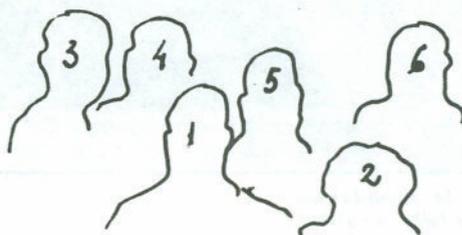
Meu marido, um humilde lavrador, levou-me para morar com sua família de 12 pessoas. Aqueles momentos felizes de criança e início da adolescência transformaram-se em doces lembranças para os dias difíceis depois de casada. Trabalhava muito, praticamente o dia inteiro. Depois vieram os filhos, quatro: Laerte, Adolfo, José e Vicente. Quatro trabalhadores como o pai.

Seis anos se passaram e meu sogro resolveu mudar para São Caetano com toda a família. Meu marido e eu continuamos em Cabreúva. Os caminhos começaram a ficar menos doloridos e cansativos. Abrimos um açougue. Nós dois e um funcionário eficiente lutávamos por dias melhores. Meu marido vendia ovos e frangos em São

Acervo: Museu de São Caetano



A família Mezadri reunida, em 1945, em algum lugar de São Caetano.



- 1 - Precílio Mezadri
- 2 - Dona Boneca
- 3 - Vicente Mezadri
- 4 - José Mezadri
- 5 - Adolfo Mezadri
- 6 - Laerte Mezadri



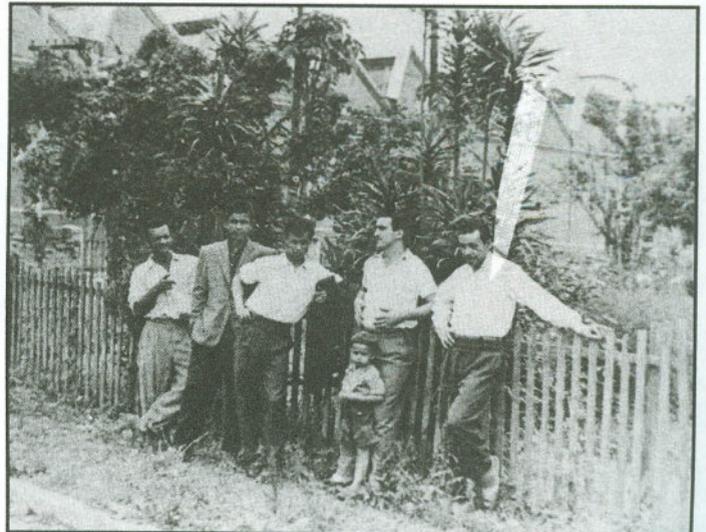
O Bar e Restaurante de "Dona Boneca" à rua 28 de Julho, sempre recebia os fregueses como amigos, foto de 1951.



- 1 - Joanin Garbelotti
- 2 - engenheiro alemão (?)
- 3 - ?
- 4 - José Mezadri
- 5 - Adolfo Mezadri



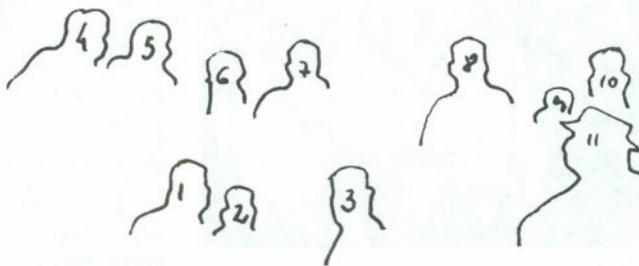
O Bar e Restaurante de "dona Boneca" Mezadri, à rua 28 de Julho, em 1948



Adolfo Mezadri (quarto da esq. para a dir.) reunido com amigos, em 1952, na esquina das ruas Mariano Pamplona com Ceará. Ao fundo, as Indústrias Matarazzo.



O Bar e Restaurante de "Dona Boneca Mezadri" era o ponto de encontro de amigos, à rua 28 de Julho. 1952.



- 1 - José Mezadri
- 2 - Carlos ?
- 3 - Renato Braidó
- 4 - ?
- 5 - Mauro Braidó
- 6 - Dona Boneca
- 7 - Adolfo Mezadri
- 8 - ?
- 9 - ?
- 10 - ?
- 11 - Ferdinando Georgette

Paulo, trabalho que ajudou para a nossa mudança para São Caetano.

Após dois anos, mudamos. Meu marido foi trabalhar em uma fábrica. Ganhava um salário que mal dava para comer. Por isso, eu lavava roupas para senhoras da sociedade, para ajudar nas despesas da casa.

Com o tempo, conseguimos montar um novo negócio, desta vez uma quitanda. As prateleiras foram feitas pelo Gutemberg. As madeiras, ele as foi buscar na Vila Zelina e as transportou nas costas, com a ajuda dos quatro filhos. Apesar de todo o trabalho, o início foi bastante duro, até que os fregueses tornaram um hábito fazer as compras na quitanda.

Eu costumava a fazer bolo e batata doce. Vendiam bem, além das frutas e verduras, Fazíamos também ótimos lanches. Aos poucos, funcionávamos como bar, mercearia e quitanda. Ampliamos o local e os meninos (filhos) ajudavam revezando com os horários nos trabalhos nas fábricas. As tarefas triplicaram quando começamos a servir refeições completas. O prato principal era feijoada. Os ingredientes comprávamos no frigorífico de José Belo.

O progresso

Lembro bem dos primeiros sobrados. Por volta de 1951, as obras espalharam-se na rua Ceará. Quem supervisionava tudo era o Braidó, o ex-prefeito Walter Braidó, que nas horas vagas tomava café e comia do nosso bolo. Muitas pessoas e políticos bastante conhecidos frequentavam o bar como ex-prefeitos Anacleto Campanella e Oswaldo Massei. Aquele ponto já não era um bar, mas sim um restaurante, apesar do nome carinhoso que os fregueses costumavam chamar: "Bar da Dona Boneca".

Outra obra marcante na cidade foi a Matriz de São Caetano. Lá, meus filhos promoveram minhas Bodas de Ouro, com direito a festa e viagem ao nordeste. muita coisa ficou marcada. São Caetano está marcada nas melhores fases da minha vida. Desde a nossa chegada, quando a cidade ainda não havia se desenvolvido, sabia que encontrava aqui o complemento da felicidade da minha infância."

João Aguiar e suas memórias de Guerra

Jocimara SPERATE (*)

O Exército brasileiro tem em sua essência um passado heróico, de grandes lutas e defesas. A partir de sua organização, o território nacional fica sob sua guarda e segurança. Das históricas batalhas, pela integração, pela sobrevivência da liberdade e pelo povo, uma se destaca entre tantas: a participação na Segunda Guerra Mundial. O papel do Exército, através da FEB - Força Expedicionária Brasileira - foi importante não só na defesa do litoral como para lutar nos campos da Itália, contra as forças nazi-fascistas.

O Brasil entrou na Guerra, em 1944, enviando à Itália cerca de 25 mil homens, sob comando do General João Batista Mascarenhas de Moraes.

A primeira tropa desembarcou em Nápoles, no dia 17 de julho de 1944 e a última, 22 de fevereiro de 1945, todas incorporadas ao V Exército Americano. Entre os mais de 25 mil homens estavam alguns sancaetanenses, um deles é João Aguiar. É ele que relata parte do drama vivido pelos soldados da FEB.

"Fui sorteado para servir no Exército. Se é que pode-se falar em sorteio em época de Guerra. Naquele tempo era na base de Caçapava. Cheguei no dia 10 de dezembro de 1941. Bastante deprimido, deitei num colchão velho que me deram e ali fiquei pensando no que poderia acontecer se realmente fôssemos para a Guerra. Um medo muito grande tomou conta de mim e a esperança de sair de lá, sem enfrentar a morte, tinha acabado. Tentei pedir dispensa, mas não consegui. A Guerra nunca esteve nos meus planos.

Todos conseguiram uma atividade dentro da companhia. Eu ficava lá, sem nada para fazer. Até hoje não sei porque. Era muito triste ver os dias passarem. Só esperando o dia que seríamos transferidos para a companhia de Taubaté. Em 1942, fomos para lá. Por sorte as instruções em Taubaté eram dadas por um capitão muito bom, o Nogueira. Ele, rapidamente, percebeu que eu não estava preparado para a luta, então me deixou encarregado da correspondência. Nada como o trabalho... Às 7 horas, eu já começava a separar as cartas mais urgentes e as protocolar para a distribuição entre os oficiais e soldados da companhia. Foi com esse serviço que fiz inúmeros amigos e consegui pensar, bem menos, na Guerra. No fim de 1942, o capitão foi transferido para Minas Gerais. Antes disso, ele me chamou e perguntou se eu gostaria de ir com ele, pois a companhia do VI Batalhão, a nossa, seria a primeira a ir para a Força Expedicionária. Mesmo assim, resolvi ficar e enfrentar a situação.

Até 1944, ficamos recebendo instruções em Taubaté e a cada dia a ansiedade aumentava. Nesse mesmo ano, fomos para o Rio de Ja-



Amaro Francisco Alarça e João Aguiar

Acervo: João Aguiar

neiro, onde tivemos a certeza da nossa ida para a Itália. Não tinha mais volta. No Rio, os cariocas viviam brincando com os soldados. Nossa participação estava virando brincadeira, pois se falava tanto na nossa ida para a Guerra, mas a viagem sempre era adiada. A responsabilidade dos adiamentos do então presidente da República, Getúlio Vargas.

Na última formatura da tropa, o presidente Getúlio participou da rotina militar. No final, ele apresentou-se e disse: "Tudo que pude fazer pelos jovens soldados brasileiros, eu fiz. Agora, não está nas minhas mãos. Vocês embarcaram, em breve, para a Itália". A situação que eu tanto temia finalmente aconteceu.

Meu azar foi tão grande, que fiquei com pneumonia antes da viagem. Doente e ansioso pela ida à Itália, quanto sofrimento. Fiquei os 15 dias que antecederam a viagem na cama. Simplesmente, esqueceram-me lá. Nada de médicos ou remédios. Chegaram a falar em baixa. Mas não teve saída. No dia 2 de julho de 1944, embarquei junto com a tropa.



João Aguiar em lembrança do Serviço Militar de Caçapava, de 1943



João Aguiar recebe medalha durante festa em homenagem aos expedicionários, na Igreja Matriz, no bairro Fundação, em 1945.



Festa em homenagem aos expedicionários na Igreja Matriz, no bairro Fundação, em 1945.



João Aguiar, Castilho e Garcia, na vila Militar, no Rio de Janeiro, 1944



Juramento à Bandeira, no Regimento em Caçapava, em 1942.



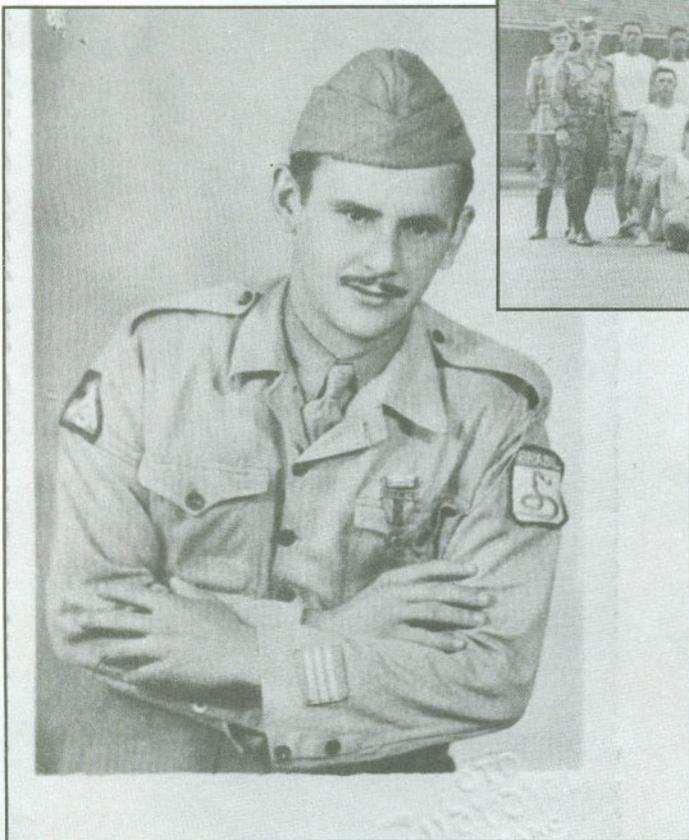
João Aguiar com seu uniforme da Força Expedicionária Brasileira

Luiz Mantovani Filho e João Aguiar, no Brasil, em 1944, a pouco mais de 300 metros dos alemães. em 1944



Em algum lugar da Itália: Em pé, Tomás Mantoani Filho, João Aguiar, Braguinha, ? , ? , Cabo Alvarenga. Sentados, Sargento Romeu, Palermo e ?.

I Companhia do VI Regimento da Infantaria de Caçapava, em 1942.



João Aguiar



LBA - Legião Brasileira de Assistência presta homenagem aos expedicionários. No centro, João Aguiar, em 1945



Associação dos ex-Combatentes do Grande ABC realizaram Missa do Dia das Mães, na Igreja Matriz, no bairro Fundação, em 1946.



Tomas Mantoani Filho e João Aguiar, no front, na Itália, a pouco mais de 300 metros dos alemães, em 1944



João Aguiar, com a arma, na Itália, em 1945



Desfile dos combatentes, em São Caetano, no fim da guerra, em 1945.


 Nº 02378

MINISTERIO DA GUERRA
 FORÇA EXPEDICIONARIA BRASILEIRA

Certificado de Reservista da 1ª Categoria
Certifico que o

SOLDADO JOÃO AGUIAR Nº 2 8 103 699
BRASILEIRO

da classe de 1920, nascido em
Campinas - Est. de São Paulo

filho de Paulo Aguiar nome do pai serviu no

TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITALIA

no período de 2-VII-1944 a 6-VII-1945,
DATA DATA

incorporado a 64 REGIMENTO DE INFANTARIA
NUMERO DO REGIMENTO

tendo sido licenciado do Serviço Ativo
 no dia 11 de Agosto de 1945, ingressando na
DATA

Reserva do Exército Nacional

Certificado de Reservista entregue a João Aguiar no dia 11 de agosto de 1945

V EXERCITO
 IV CORPO
 Ia. D. I. E.
 ESTADO MAJOR
 Ia. SECCAO

Q. G. Avanç., 12 de Abril de 1945

Soldados do Brasil

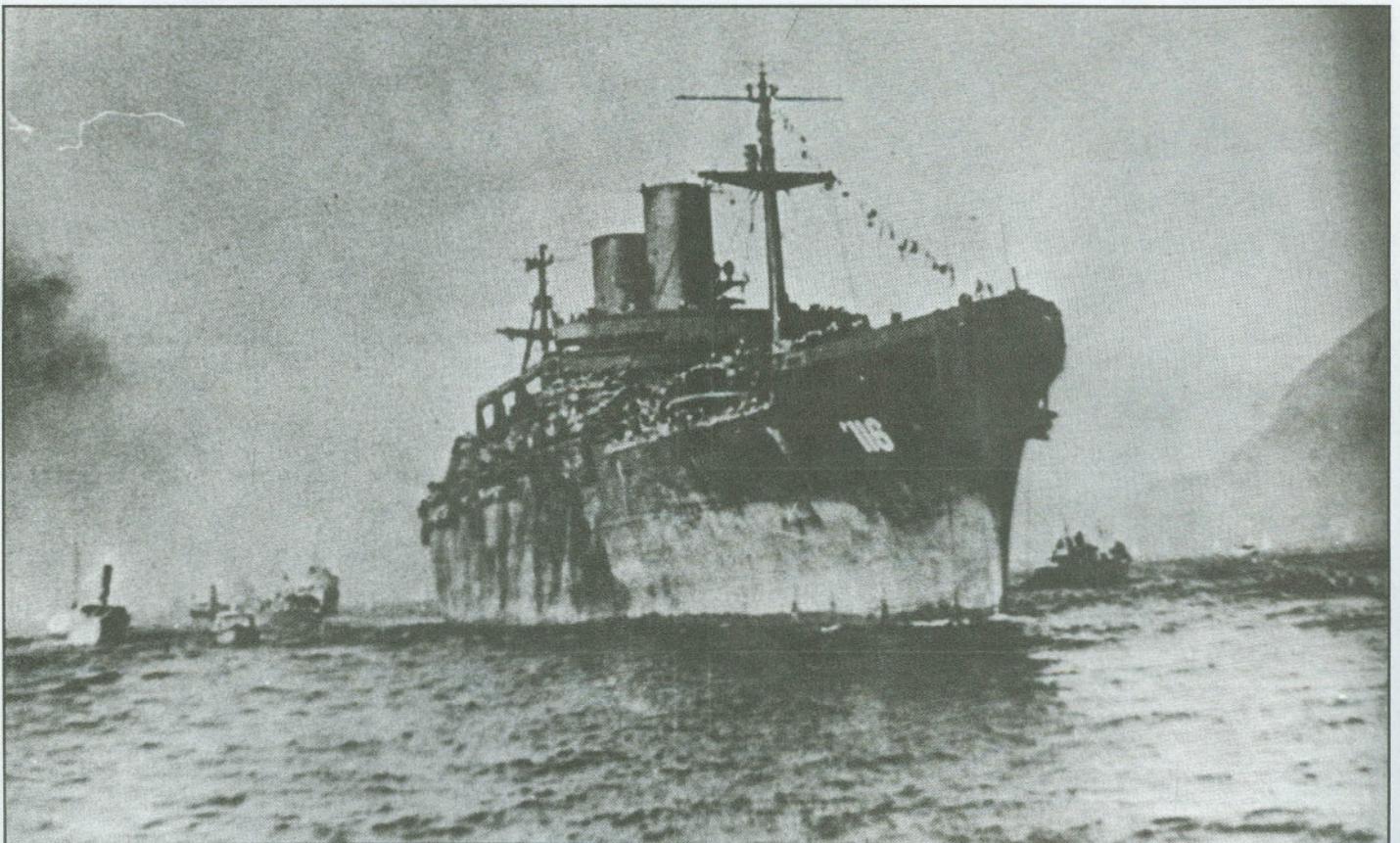
A hora decisiva chegou. O fim do nosso inimigo se aproxima com extrema rapidez. A arrogante Alemanha, invadida por Leste e por Oeste, já não suporta os duros golpes que lhe assestam os bravos Exércitos das Nações Unidas.

Na Itália, onde nos trouxe compromisso militar e o desejo indiscutível de participação no conjunto que ora faz extinguir o mais tirano dos regimes de todos os tempos, as forças aliadas sob o Comando Geral do Marechal Alexander, reiniciaram a ofensiva.

A nossa Divisão, que tem sabido cumprir com galhardia as honras missoes impostas pelo IV Corpo, aguarda o momento de lançar-se ao inimigo. E quando essa hora nos for indicada, quero ver os valentes soldados do Brasil, em ímpeto que o sentimento da honra militar incentiva, atirarem-se sobre o alemão, com a vontade férrea de não o deixar mais respirar, até a completa asfixia.

Avante, pois. É o último esforço que o Brasil exige de nós. Tenhamos certeza do êxito, que depende exclusivamente de cada um dos soldados da F. E. B. A vitória decisiva já se faz anunciar. Ela, mais uma vez vô-lo digo, depende de cada um. Sabemos cumprir o nosso dever, único meio de podermos, cabeça alçada, chegada a Paz, retornar ao nosso país tão querido com a convicção firme e indiscutível de o haver servido com amor e desinteresse.

Documento distribuído aos combatentes, no dia 12 de abril de 1945



Navio de guerra General W.A. Mann, que levou os soldados à Itália

No navio, a primeira informação foi de que não havia mais volta e quem morresse no navio iria para o mar. A ordem para a terra foi a de que era preciso matar para defender. Nesse sistema o medo e a ansiedade cresciam a cada dia de viagem. Nossa única distração eram os jogos de dominó. Cartas eram proibidas.

Meu trabalho, dentro do navio, era no "rancho", a cozinha, junto com os americanos. De manhã a noite eu ficava na cozinha. Eram mais de mil homens para alimentar, três vezes ao dia. Não tinha tempo para mais nada. Isso só terminou no dia 16 de julho de 1944, quando aportamos na Itália.

Na Itália, muitas coisas aconteceram. Muita história de luta e morte. Uma das mais marcantes aconteceu em Parma. Alguns soldados estavam na Casa dos Oficiais. Os alemães conseguiram se aproximar da casa e os encurralaram. Sob fogo, os brasileiros escaparam pelo telhado do sobrado, bastante alto. Um dos oficiais, no salto, quebrou as duas pernas. Na loucura da fuga, nenhum dos soldados o socorreu. Quase no fim da Guerra, ele já havia sido dado como morto, encontraram seu corpo nos fundos da casa, já em decomposição. Quem viu, com certeza, não esqueceu a cena.

Outros ataques foram enfrentados por nós. Vi muita gente morrer. Muitos fatos de pura emoção, como no dia em que fui encarregado a consertar as linhas telefônicas. Em pleno campo de batalha, um soldado estava tocando a música "Casinha Pequenininha" para uma outra tropa, em outro front, através do telefone. No momento em que vi aquilo, lembrei do Brasil e de minha família. Quanta tristeza. Quanta saudade.

Toda essa tortura terminou no dia 8 de maio de 1945, com o fim da Guerra. Ficamos na Itália por mais três meses, aguardando o embarque das tropas para o Brasil. Os americanos montaram um acampamento, uma verdadeira Vila Militar, em Nápoles. Para mim, pelo menos, o fim da Guerra só aconteceu quando cheguei no Rio de Janeiro, no dia 18 de julho de 1945. Até hoje, tenho na memória as cenas de morte e da miséria que assolaram as cidades italianas, deixando-as em total destruição. Nunca mais vou esquecer esse pesadelo."

A FEB na Itália

Os soldados que incorporavam a Força Expedicionária Brasileira iniciaram suas operações bélicas nas cercanias de Pisa, com a tomada de Massarosa, a 16 de setembro de 1944. Dois dias depois, entraram em Camaiore; conquistaram a Monte Prano no dia 26 e avan-

çaram para o vale do Serchio e outros postos avançados da Linha Egóptica (do mar Tirreno ao Adriático).

Em novembro, decidiu-se o ataque a Monte Castelo, defendido por poderosa artilharia e campo minados. Essa operação durou três meses, sofrendo duas tentativas frustradas, 29 de novembro e 12 de dezembro.

Com o fim do inverno, reiniciaram-se os preparativos para tomar Monte Castelo. A X Divisão Americana de Montanha incumbiu-se da ofensiva aos montes Belvedere e Della Torraccia (sudeste e noroeste de Castelo). No dia 20 de fevereiro, enquanto os americanos tomaram Belvedere, a Força Aérea Brasileira bombardeou posições inimigas sediadas em Mazzancona (entre Belvedere e Monte Castelo).

Na manhã do dia seguinte, a ação do Regimento Sampaio (I de Infantaria), liderado pelo Coronel Caiado de Castro, desfechou o ataque brasileiro, simultâneo à investida americana contra Torraccia. Com o apoio da artilharia, comandada pelo General Cordeiro de Farias, a resistência inimiga foi finalmente vencida.

Após a vitória do Monte Castelo, os soldados de VI e XI regimentos da FEB conquistaram o reduto de catelnuovo caiu a 14 de abril de 1945, depois de quatro dias de luta sob intenso bombardeio. Em seguida, a FEB tomou a Vila de Zocca, a cidade de Parma, e venceu a batalha de Collecchio, fazendo muitos prisioneiros.

Ainda em abril, os brasileiros cercaram a CXLVIII Divisão Alemã de Infantaria (que tentava atingir Parma e transpor o rio Pó), obrigando-a à rendição incondicional: foram feitos 14.779 prisioneiros.

Concluída essa operação, a FEB ocupou Lodi e Alexandria, a 1 de maio; no dia seguinte entrou em Turim, de onde enviou uma patrulha para Susa (32 quilômetros da fronteira francesa), que se uniu à XXVII Divisão do Exército francês.

Os remanescentes da FEB voltaram ao Brasil em quatro navios, que começaram a chegar em agosto de 1945. No cemitério de Pistóia (perto de Florença) ficaram os restos mortais de 443 soldados brasileiros.

Em outubro de 1960, suas cinzas foram transladas para o monumento nacional dos mortos na Segunda Guerra, erguido no aterro da Glória, no Rio de Janeiro. (Fonte: Enciclopédia Abril).

(*) *Jocimar Sperate é jornalista.*

Cenas da minha infância

AS CORRIDAS DE BARCO

Oscar GARBELOTTO (*)

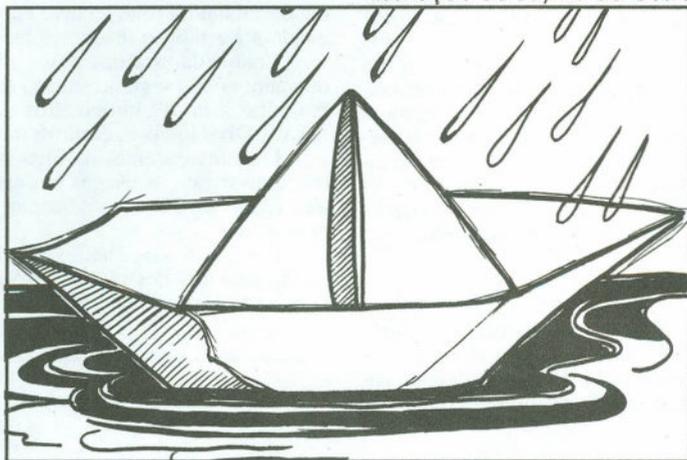
Cerca de 18 horas do dia 27 de outubro de 1992. O céu repentinamente fica escuro, nuvens negras avançam rapidamente do horizonte causando uma chuva torrencial, com raios e trovões. É a primeira chuva típica de verão, embora seja primavera. Vou à varanda do apartamento, como sempre faço quando chove. Gosto muito de ficar apreciando a chuva. É fascinante vê-la cair nas árvores sacudidas pelo vento; ou aproximar-se do horizonte lavando telhados, ruas, plantas...

Nesta tarde, assim que saí à varanda, um forte cheiro de terra molhada levou-me, imediatamente, a recordar de algumas coisas já perdidas na memória, de uma infância bem remota, lá pelos idos de 1939 ou 40, velhas e esquecidas brincadeiras vieram-me à mente: "o que é, o que é: cai de pé e corre deitado?" É a chuva, é a chuva... você não acertou!". Era a resposta sempre jocosa, quando não adivinhavam.

As chuvas fortes eram sempre prenúncio de boas brincadeiras com barcos de papel. Assim, logo que começava a trovejar, corria apanhar uma folha de jornal fazia o meu barco. Rapidamente pronto, era só aguardar que a chuva parasse. As de primavera ou verão são geralmente torrenciais, mas param logo. Daí nossa ansiedade. Pronto: parou a chuva. Imediatamente saía à rua para me encontrar com os inúmeros companheiros, também com seus barcos para "navegar". Era o Mario Migliani, o companheiro de infância, o Avelino de Almeida, seu primo Guilherme D'Agostini e outros. A rua 28 de julho, onde morava, não era boa para "navegar". Muito plana naquele trecho, não apresentava valetas próprias para uma emocionante "navegação". Lá íamos todos para a rua Rio Branco, um pouco além do clube Lazio, do bar do Carmelo ou da tinturaria do Lodi. A valeta mais propícia era a que descia pelo lado direito da rua, em direção à 28 de Julho. Lá eram soltos os barcos, na enchurrada que, nervosa, percorria as valetas em inúmeras quedas. Em minha cabeça, eu era o marinheiro daquele frágil barco, procurando enfrentar corredoiras, quedas d'água e pedra, rumo a um destino no imaginário. A "competição" pouco durava com os barcos de papel que, rapidamente, molhavam e se desfaziam em qualquer "queda" mais rebelde. O jeito, então, era improvisar com pequenos pedaços de madeira achados nas imediações. Substituíamos os barcos e continuávamos a disputa pela rua Rio Branco, abaixo, até que a água parasse de correr. Agora era esperar uma nova chuva, para nova brincadeira...

Na minha infância, os brinquedos eram muito raros. Geralmente, nossas brincadeiras eram em torno de objetos que a grande maioria das crianças fazia. Era um mutirão, uns ensinando os outros, transmitindo experiências em como se fazer carrinho de "rolemans", "pa-

Ilustração de Jayme da Costa



pagaios", "Cavalos de pau", "espadas e espingardas", barcos e capacetes de papel. Este último para a célebre brincadeira, acompanhada de marchinha: "Marcha soldado, cabeça de papel. Se não marchar direito vai preso pro quartel".

Brinquedos comprados eram poucos e apenas no Natal. Ainda privilégio dos mais abastados, tão poucos na época.

Daí alguns sonhos. Naquele verão, algo me fascinava: um pequeno barco de "celulóide", exposto na pequena loja da rua Rio Branco, ao lado do bar do Carmelo e que depois foi a tinturaria Reinal Lodi. Todas as vezes que por lá passava em direção à casa de meus avós Piccolo, fica-

va alguns minutos "namorando" o barco. Era um navio de passageiros, com o casco todo em vermelho e a porta das cabines em amarelo.

Como boa mãe, Thereza deve ter percebido meus ansiosos olhares e certa ocasião paramos na loja. O pretexto de minha mãe foi para comprar alguma coisa, mas algo estava a mim reservado: ganhar o barco. Foi uma festa e alegria incontida. Imaginei o que diriam seus amigos: "Um barco de verdade... não é de papel!"

Ansioso peguei-o nas mãos e mais encantado fiquei, pois o barco mesmo leve, pelo material, ainda tinha dentro lastro de areia para poder "navegar". Rezava todos os dias para um boa chuva... Finalmente ela veio e lá fui, orgulhoso, para a competição na enchurrada, aquele dia e outros tantos, até que meu querido barco, não mais resistindo, abriu-se em dois, mas, até então, fui sempre o campeão das competições das "corredoiras".

(*) Oscar Garbeloto, advogado e professor universitário. Ocupou, na administração pública, os cargos de diretor do Departamento de Educação e Cultura e diretor do Instituto Municipal de Ensino Superior (IMES). Atualmente, preside a Fundação Pró-Memória de São Caetano. Dedicou-se ao estudo e pesquisa da História local. Descende de um dos fundadores da cidade, Antonio Garbelotto.

Para entender a formação da Grande São Paulo

Ademir MEDICI (*)

Jurgen Richard Langenbuch possuiu uma chácara de recreio às margens da represa Billings, na Vila Balneária, em São Bernardo, e isto pode ser apontado como um dos motivos sentimentais que o levou a escrever um livro para quem queira entender a história geográfica da região do ABC e da área metropolitana paulista.

A estruturação da Grande São Paulo - estudo de geografia humana (Fundação IBGE, Rio de Janeiro, 1.971), que Langenbuch escreveu como tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, da Universidade de Campinas, é um livro clássico (e, infelizmente, esgotado). Pode ser consultado em bibliotecas, museus e arquivos históricos e, eventualmente, localizado para aquisição em algum sebo.

Nesta obra, Langenbuch fala da São Bernardo onde teve sua chácara. Cita com constância São Caetano e Santo André, no vale do Tamanduateí, primeiro grande corredor industrial do que é hoje o ABC paulista. Mas, principalmente, o autor viaja pelos demais municípios da Grande São Paulo. Fala da geografia urbana, é certo. Mas reúne informações preciosas da história de toda a área, a partir de meados do século XIX.

Langenbuch utiliza extensa bibliografia. Recorre a estudiosos de renome como Aziz Ab'Saber, Aroldo de Azevedo, Pasquale Perone e Caio Prado Júnior. Mas não descarta fontes como o jornal popular A Gazeta Esportiva. Sua linguagem, aliás, é tipicamente jornalística. Transforma-se em fonte fácil de consulta.

A estruturação da Grande São Paulo está para a região metropolitana o mesmo que o álbum de São Bernardo, de João Netto Caldeira (Cruzeiro do Sul, São Paulo, 1.937) para o ABC paulista. Com a vantagem de avançar até meados dos anos 60, ampliar a área geográfica estudada e tratar do tema de modo técnico e científico, sem a preocupação muitas vezes comercial demonstrada por Caldeira no seu álbum, igualmente esgotado.

Há uma outra vantagem no trabalho de Langenbuch: Se A Estruturação não foi reeditada, o autor continua interessado no tema. Mais do que isso: Langenbuch retornou à região 21 anos depois da publicação do seu livro. Foi o ano passado, na mesma São Bernardo, onde proferiu conferência sobre o tema dentro do II Congresso de História do ABC, promovido pelo Serviço de Documentação da História Local, órgão da Secretaria da Educação da Prefeitura, com apoio do Grupo Inde-

pendente de Pesquisadores da Memória do Grande ABC, o Gipem.

Se A Estruturação pára nos anos 60, o autor tratou de atualizar a obra na conferência de 1.992.

No último capítulo de seu livro, "A estrutura atual da Grande São Paulo", Langenbuch cita uma capital paulista com pouco mais de 5,1 milhões de pessoas concentradas nos municípios vizinhos. É um dado meramente estimativo de 1.966. Em 1.992, tais números saltavam para 9 milhões de habitantes na Capital e outros seis milhões no entorno metropolitano. Quinze milhões de habitantes na Grande São Paulo.

É uma grande metrópole que se caracteriza exatamente por ter crescido muito rapidamente em pouco tempo, o que é uma coisa pouco comum. O Rio de Janeiro mesmo cresceu muito mais lentamente, o mesmo ocorrendo com a maioria das metrópoles mundiais"- analisou Langenbuch na conferência feita em São Bernardo.

Na verdade, em todo o seu trabalho, o autor mostra este crescimento vertiginoso de São Paulo e seus arredores. Em 1.836, a cidade de São Paulo tinha meros nove mil habitantes, que passaram a 19

mil em 1.874. Ampliando o espaço ao redor da Capital, para efeito de estudo - a região metropolitana como a entendemos hoje não havia ainda sido delimitada e o autor deu a delimitação que lhe pareceu mais conveniente -, Langenbuch descobriu que, em 1.836, a hoje área metropolitana tinha 38 mil habitantes. E saltou para 72 mil em 1.872.

Neste período do século XIX, São Paulo era uma capital muito modesta. Possuía a Faculdade de Direito e isto a projetava. A faculdade atraía estudantes de todo o Brasil. Estes, vinham de navio. Desembarcavam em Santos e cavalgavam do Litoral até São Paulo. No caminho, normalmente, pernoitavam no Pouso do Rio Grande, atual Distrito de Riacho Grande, onde Langenbuch teve sua chácara. Ou então na sede da Freguesia de São Bernardo, hoje centro histórico do Município de São Bernardo do Campo.

São Paulo, pois, era ponto de convergência dos caminhos de tropas da Província. A partir do interior as estradas convergiam para São Paulo e daí em direção a Santos. Ao redor da Capital sobreviviam aglomerados humildes. O maior deles, Moji das Cruzes, tinha no máximo três mil habitantes. A função destes aglomerados, muitas vezes, era a de pouso de tropas e de pessoas, como se falou do caso São

Crédito: SDHI/São Bernardo



Langenbuch, em São Bernardo (Vinte e nove de Julho de Hum mil novecentos e noventa e dois)

Bernardo. Vários outros aglomerados tinham servido como aldeamentos indígenas até fins do século XVIII. Estão nestes casos Pinheiros, Carapicuíba, Barueri, São Miguel, Embu.

Tais povoados iriam se transformar, juntamente com outros tantos, em bairros demograficamente dos mais importantes da Capital ou no conjunto de municípios que formam a região metropolitana, objeto de estudo da tese e do livro de Juergen Richard Langenbuch.

A estrutura do trabalho é dividida em cinco grandes capítulos, a saber:

1. Os arredores paulistanos em meados do século XIX;
2. A evolução pré-metropolitana dos arredores paulistanos (1.875 - 1.915);
3. Período 1.915 - 1.940: o início da metropolização;
4. A partir de 1.940: a grande metropolização recente;
5. A estrutura atual da Grande São Paulo.

O livro é editado em 1.971. Passa a ser utilizado, discutido, analisado e citado basicamente pelo meio acadêmico. E o que ocorre depois disto?

Richard Langenbuch analisou, na conferência de São Bernardo, que a partir de 1.970 consagram-se antigas tendências e o desenvolvimento suburbano toma novas feições.

Os fatos novos se sucedem, com novos centros de compra, shoppings, centros empresariais, crescimento vertical. Crescem as favelas e cortiços também. Surgem os conjuntos residenciais de alto luxo. A classe média é atraída por projetos residenciais como os de Alphaville e Tamboré.

Os próprios municípios suburbanos, que até os anos 70 tinham funcionado como receptáculo de novas indústrias e de descentralização de indústrias a partir da Capital, começam a ficar saturados, em função da falta de espaço físico. É o caso típico do ABC.

A classe trabalhadora chega a constituir um partido político. E os movimentos de proteção ambiental se multiplicam em defesa de espaços arranhados como os da Serra do Mar, Mata Atlântica e represas Billings e de Guarapiranga.

A história se perde. Langenbuch cita Barueri, a antiga aldeia indígena. É possível que muitos moradores de Tamboré e Alphaville nunca tenham ido ao centro de Barueri e não tenham informações sobre sua história. Idem no caso do ABC, onde citadas como São Bernardo e Santo André comemoram sua história a partir de uma vila chamada Santo André da Borda do Campo, que nada tem a ver com a atual ABC. Ou São Caetano, que prefere comemorar oficialmente sua história a partir da chegada dos imigrantes italianos, a partir do final do século passado, sem grandes lembranças da fazenda dos beneditinos, do início do século XVIII.

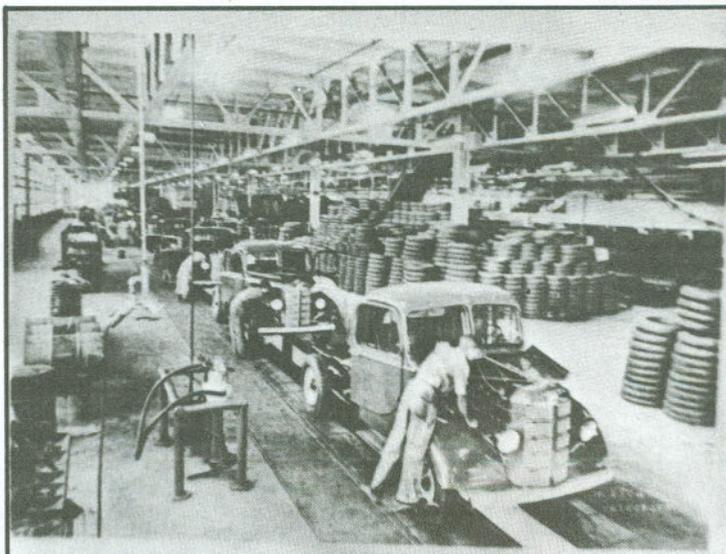
Dá porque é importante lembrar a obra de Langenbuch, redescoberta pelo movimento de memória do ABC. João Netto Caldeira escreveu o álbum de São Bernardo e continuou na região algum tempo mais militando na Imprensa local (1). Mas deixou a região sem uma atualização de seu trabalho. Langenbuch, cheio de idealismo, está presente e à disposição para novos estudos e conferências. Por que não reeditar a sua obra, atualizada? O desafio está colocado.

(1) Caldeira criou o semanário *O Município*, sediado em Santo André. O jornal circulou entre 30 de maio de 1.937 e início de 1.938, cf. Valdenzio Petrolli, "História da Imprensa no ABC paulista", Metodista, 1.983.

São Caetano no livro de Langenbuch

Os tópicos seguintes referem-se à presença de São Caetano no contexto da Grande São Paulo. São algumas das passagens referentes ao Município citadas por Juergen Richard Langenbuch em sua tese e livro. Os tópicos são apresentados cronologicamente dentro dos blo-

Acervo: Ortiz Picazo



Linha de montagem da General Motors, no Vale do Tamanduateí (anos 40)

cos de capítulo a que foi subdividida a obra de Langenbuch.

Introdução

"De modo bastante acentuado, o consenso popular e a administração pública tardaram a se aperceber da dicotomia existente entre a São Paulo "político-administrativa" e a São Paulo "geográfica". O vulgo se habituou, faz algum tempo, a considerar São Caetano do Sul, Santo André e São Bernardo do Campo como espécie de prolongamento de São Paulo, esquecendo-se que Guarulhos e outras localidades encontram-se na mesma situação.

Os arredores paulistanos em meados do século XIX

"Proprietária de terras era também a Ordem Carmelitana de São Bento, possuidora da fazendas São Caetano e São Bernardo" (cf. Henrique Raffard, alguns dias na Paulicéia", in Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo LVII (1.892).

"Temos nos detido de forma específica com as grandes estradas radiais. Convém lembrar que, além destas, os arredores paulistanos eram entrecortados por numerosos outros caminhos, vicinais uns, de importância areolarmente mais ampla outros. Este é o caso, por exemplo, da estrada de carros de boi que unia a fazenda São Caetano (da qual se originaria o núcleo colonial, atual cidade homônima) ao Brás, citada em vários documentos" (cf. José de Souza Martins, "São Caetano do Sul em IV Séculos de História).

"Temos nos detido de forma específica com as grandes estradas radiais. Convém lembrar que, além destas, os arredores paulistanos eram entrecortados por numerosos outros caminhos, vicinais uns, de importância areolarmente mais ampla outros. Este é o caso, por exemplo, da estrada de carros de boi que unia a fazenda São Caetano (da qual se originaria o núcleo colonial, atual cidade homônima) ao Brás, citada em vários documentos" (cf. José de Souza Martins, "São Caetano do Sul em IV Séculos de História).

A Evolução pré-metropolitana dos arredores paulistanos (1.875 - 1.915)

"No mesmo ano (1.877), em 2 de julho são instalados os quatro núcleos de Santana, Glória, São Caetano e São Bernardo, estes nas antigas fazendas jesuítas homônimas.

A colônia de São Caetano que também visitei em 1.879, então já era bem interessante - a capelinha rodeada de umas 17 casas com boas hortas, três fornos para tijolos, telhas e louça, tudo tinha risonho aspecto neste núcleo a 10 quilômetros da Capital, com uma população quase toda italiana, sendo a décima parte brasileira" (cf. Henrique Raffard, op.cit).

"São Bernardo e São Caetano se incluem na freguesia de São Bernardo, que no dito ano (1.886) contava com 3.667 habitantes. A população dos dois núcleos correspondia portanto a 31% de efetivo demográfico local"

Em São Caetano (hoje São Caetano do Sul) este ramo industrial (cerâmica) se desenvolvia também, mas aí representava a continuidade de uma tradição já existente nos tempos da fazenda jesuítica, onde a Ordem possuía uma bem montada olaria, fundada anteriormente a 1.758, e que abastecia a cidade de São Paulo, utilizando-se (...) do rio Tamanduateí" (cf. José de Souza Martins, op.cit).

"(...) o operariado estrangeiro não era, é claro, autóctone dos arredores paulistanos. No caso de São Caetano e Estação São Bernardo ainda é possível que fôsse composto por imigrantes das respectivas colônias provável sobretudo no primeiro caso, pois a colônia circundava a estação, junto à qual ficava sua sede".

"Santo André (então Estação São Bernardo) já definia a sua vocação de importante subúrbio industrial (no período 1.875 - 1.915). E, escala menor, mas ainda expressiva, tal se verificou com São Caetano do Sul (então São Caetano) e Osasco.

Período 1.915 - 1.940: O Início da metropolização

"Contiguamente à divisa de São Bernardo fôra implantado o loteamento Vila Bela, já esparsamente edificado em 1.930. Este loteamento se encontra junto ao aglomerado de São Caetano, com o qual



Vista aérea de São Caetano: indústrias mascam-se com residências (1940)

na ocasião não apresentava solução de continuidade; esta contudo se verificava entre Vila Bela e o loteamento paulistano já arruado mais próximo, qual seja o Parque da Vila Prudente. O fato sugere a existência de intensas relações entre São Caetano e Vila Bela, que devem ter presidido pelo menos o desenvolvimento inicial deste bairro: tem-se a nítida impressão que o mesmo constitui um prolongamento de São Caetano. As divisas intermunicipais começavam a perder seu sentido”.

“A faixa São Caetano - Santo André é a única porção dos arredores paulistanos a se transformar em verdadeira “Zona industrial suburbana” durante o período em causa (1.915 - 1.940). A mesma se destaca pelo grande número de indústrias que aí estabelecem, pelo tamanho das mesmas, e pela diversidade de ramos industriais.

Dados estatísticos do município de São Bernardo, referentes a 1.938, mostram a notável evolução que conheceu o parque industrial da comentada faixa. Naquele ano São Caetano contava com 69 fábricas que ocupavam 8.127 operários e correspondiam a um capital empregado de 114.981:257\$000; para Santo André as cifras correspondentes são, respectivamente, 72, 7.661, 86.600:712\$000 (cf. Raul de Andrada e Silva, “A cidade de Santo André e sua função industrial”, in “Revista do Arquivo Municipal”, volume 79, 1.941).

“Cabe salientar que a faixa São Caetano - Santo André, além de se tornar a principal zona industrial suburbana, se tornava também a zona suburbana mais populosa. Como expressivo corolário desse desenvolvimento verifica-se, em 1.938, a transferência da sede do município de São Bernardo para Santo André”.

A partir de 1940: A grande metropolização recente

“Na linha da Santos-Jundiá em direção a Santos verifica-se uma intensificação do parque industrial de São Caetano e Santo André, e a implantação de fábricas em trechos lineares da ferrovia ainda não afetados pela industrialização suburbana”.

“Na estrada de ferro Santos-Jundiá, em direção a Santos, verifica-se a fusão entre os três “Subúrbios-estação” de São Caetano (que passa a se chamar São Caetano do Sul), Utinga e Santo André. São

Caetano do Sul, por sua vez, funde-se com São Paulo. A fusão se concretiza através de instalações industriais ao longo da ferrovia, e do casario residencial através das áreas colinosas, que bordejam a faixa ferroviário-industrial por ambos os lados”.

É interessante o caso São Caetano-Santo André. Quando os mesmos ainda não se haviam fundido, integravam um município; hoje, que constituem um bloco urbano compacto, formam dois municípios”.

“Alguns bairros paulistanos, tais como Vila Califórnia e Olaria se desenvolveram a partir de São Caetano do Sul, que funciona como “subcentro” com relação a eles”.

“O bairro Vila Prosperidade, que integrava o município de Santo André, foi recentemente transferido a São Caetano do Sul, com a qual é mais relacionado”.

A estrutura atual da grande São Paulo

“São Caetano do Sul mantém intensas relações migratórias com o centro de São Paulo e com os bairros intermediários: Brás, Cambuci, Moóca, Ipiranga, Vila Prudente. Uma linha de ônibus transversal liga São Caetano do Sul à Penha, sita num quadrante completamente diferente da cidade. É o único subúrbio paulistano a contar com a linha deste tipo. Mas a principal originalidade de São Caetano do Sul, no tocante a relações com bairros paulistanos, reside na verdadeira inversão de hierarquias que se verifica em sua linde setentrional: o “subúrbio” São Caetano do Sul funciona como “subcentro” com relação a “bairros” paulistanos: Vila Califórnia, Olaria, Vila Industrial, que são ligados a São Caetano do Sul por linhas de ônibus”. (Rio de Janeiro - 1.971).

(*) *Ademir Medici é jornalista e responde pela coluna Grande ABC Memória, do jornal Diário de Grande ABC. Tem vários livros publicados, um dos quais, inédito, focaliza a formação dos bairros de São Caetano.*

O Rol dos Confessados do Bairro de São Caetano

Wanderley dos SANTOS (*)

As primeiras constituições do Arcebispado da Bahia, feitas e ordenadas por Dom Sebastião Monteiro da Vide, em 1707, vigoraram para todo o Brasil até o início do século XX. Incluíam ordem para realização de verdadeiros censos populacionais, sob a denominação de Rol dos Confessados ou Desobrigados. Embora feitos anualmente, poucos foram os róis que substituíram aos arquivos eclesiásticos. A antiga Freguesia da Sé da Cidade de São Paulo preservou três volumes destes róis, referentes a 1784, 1800 e 1802. Tais documentos permaneceram no arquivo paroquial até 1918. Naquele ano, foram transferidos para o Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, hoje denominado Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva.

Os róis condessados da Freguesia da Sé incluíram a região do ABC, através dos bairros de São Caetano, Mercês, São Bernardo e Caguaçu.

Em 1784, o Bairro de São Caetano possuía 42 casas e 267 habitantes, sendo 19 da Fazenda dos Beneditinos (1). No rol de 1800, houve um decréscimo: 40 casas, com 173 habitantes, dos quais 12 eram da Fazenda (2).

Os limites do bairro eram imprecisos, de vez que no rol de 1784 inclui nomes do Caguaçu, correspondente aos atuais Municípios de Santo André e Mauá.

A lista a seguir refere-se aos confessados do Bairro de São Caetano, em 1784:

1) Antonio da Silva, Maria Pires, Francisco, Maria da Incarnação e Joana (escrava). 2) Francisco Cardoso da Silveira, Ana Furquim, Francisco José, Joaquim e Felisberto. Escravos: Miguel, João, Josefa, Inácia, Jacinto, Antônia e Maria. 3) Antônio José Mariano, Francisca Maria das Chagas. 4) Teodósia (forra), Salvador e Florêncio. 5) Francisco Leite, Gertrudes Maria e Salvador (agregado). 6) Josefa (forra). 7) Bento Machado, Tereza e Ana. 7) Bento Pinto, Leonor Dias, Ana, Rita, Inácio (agregados), João e Josefa (escravos). 9) Salvador Soares de Siqueira, Ana Maria de Jesus, Antônio, Salvador, Leonor, Francisca, Gertrudes (agregada) e os escravos João, Bento e Maria. 10) Maurício Cardoso, Cecília Correa, Gabriel, Joana e Antônio. 11) Francisco Cardoso, Gertrudes, Maria. 12) João Francisco da Rocha, Ana Cardoso. 12) J. (ilegível) Cardoso Alves. 14) Manuel da Rocha (Viúvo), Ana e Rosa. 15) Feliciano Teles de Menezes, Angela Maria de Jesus. 16) Maria da Costa Tomé e Joaquim. 17) Pedro Correa de Vasconcelos, Caetana Maria de Jesus, José e o escravo Joaquim 18) Marta Gonçalves, Inácia. 19) André Rodrigues, Clara Maria. 20) Salvador de Freitas, Isidora Machado e Ana. 21) Bernardino Alves, Josefa Maria e Antônio Soares (agregado). 22) Lourenço Lopes e Angela Maria. 23) Bernardo Pimentel, Cristina Maria, Ana, Gertrudes e Ana Soares (agregada). 24) Alexandre Francisco de Vasconcelos, Maria Teresa, Ana e os escravos: Antônio, Pedro, Pedro (sic), Ana, Maria. 25) Do-

mingas (forra) e Salvador. 26) Maria Pereira da Silva, Manuel, Maria, Ifigênia, Ana e os escravos Antônio, Ursula e Antônia. 27) Marcos Bueno da Conceição, Lira de Siqueira. 28) Manuel José Nogueira, Elena Maria e a escrava Maria. 29) Maria de Moraes e Oliveira, Manuel, João de Francisca. 30) Martinho Pereira, Florêncio Cardoso, Ana e Francisca. 31) Joaquim Francisco, Gertrudes de Lima, Angela Francisca e agregados, Antônia, Quitéria, Inácia, José. 32) Bento Cardoso, Inês Pedrosa, Ana, Maria e Escolástica. 33) João da Cruz, Ana Maria, Francisco e a agregada Gertrudes Maria. 34) Vito Antônio (viúvo), Bento e o escravo Tomé, 35) Francisco Alves Ferreira, Isabel Maria de Siqueira, Ana, Teodora, Francisca, Margarida, Manuela, Rosa, Inácia (agregada), João, Teresa e os escravos João, André e Gaspar. 36) José Soares de Siqueira, Rita Maria de Toledo, João e os agregados: Angela, Sebastiana, Feliciano, Maria, Francisco, Felisberto e o escravo Manuel. 37) Francisco de Sales, Inácia Maria de Oliveira e os escravos: Antonio, Manuel, José, Custódio, Isabel, Teresa, Catarina e Rita. 38) José Ribeiro de Moraes. 39) Escravos da Fazenda de São Caetano, pertencentes ao Mosteiro de São Bento: Bento, Caetano, Felipe, Manuel, Antônio, Arcângela, Rafael, Tomásia, Floriano, Vicente, Antonia, Joaquim, Inácia, João, Teresa, Bárbara, Ana, Catarina, Elena, Joana e Teresa. 40) João Pedro, Ana do Rosário. 41) Estevão Rodrigues, Catarina Luzia e agregados Maria da Conceição, Antonia, Ana, Francisco, Manuel e o escravo Mateus. 42) Escolástica Buena (viúva), Capitão Bento Ortiz, Francisca Maria, Elena, Josefa, Catarina, Francisca, Gertrudes e os escravos: Miguel, Leandro, Dionísio, Domingos, André Gabriel, Germano, Caetano, Marcelino, Basílio, Pedro, Felisberto, Gerônimo, José, Agostinho, Manuel, Francisco, Cristovam, José, Ildefonso, Leocadia, Vitória, Genebra, Desiderio, Margarida, Quitéria, Mariana, Ludovina, Liberato, Isabel, Ursula, Antonio, Maria, Arcângela, Maria, Francisco, Escolástica, Joana, Maria, Ana, Margarida, José, Custódio, Domingos e Manuel.

Os róis da Sé foram recentemente utilizados por Luiz Gonzaga Piratininga Junior em sua obra *Dietário dos Escravos de São Paulo*, editada pela Prefeitura de São Caetano do Sul.

Notas

(1) *Rol dos Confessados da Freguesia da Sé, Paróquia de Nossa Senhora da Assunção e São Paulo Apóstolo. Ano de 1784. ACMSP - código 02.02.26, fls. 144v-149v.*

(2) *Rol de Confessados... Ano de 1800. ACMSP - código 01-02-14, fls. 122v-124v.*

Como se faz um rol

O título XXVII das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia explica o sistema que se empregava na elaboração de um rol. O texto diz o seguinte: "Para constar, que todos os fiéis cumpram com a obrigação da confissão na Quaresma, mandamos a todos os vigários e párocos de nosso arcebispo que em cada um ano, passada a domingo da septuagésima, por si e não por outrem (salvo a distância for de seis léguas para cima, porque neste caso poderá ser por outrem), façam rol pelas ruas e casas e fazendas de seus fregueses por seus nomes e sobrenomes e os lugares e ruas onde vivem. De maneira que nesta cidade e vilas deste arcebispado assentem cada rua de per si; e nas Freguesias que não estiverem na cidade e nas vilas e nas que compreendem mais partes, que as mesmas vilas assentem os lugares, rios, fazendas e os nomes delas; e debaixo do título da dita rua ou fazenda assentarão cada casa de per si, lançando uma risca entre casa e casa e assentarão separadamente cada pessoa, que nela vive, por seu nome e sobrenome e não menores, que não chegam aos anos da puberdade, os quais nos homens são 14 e nas mulheres os 12. E os que foram maiores obrigados a se confessar e comungar notarão com dois CC em frente em uma primeira risca e os menores com um C em seguida risca; em terceira os que forem crismados com a nota seguinte: Chr. E na primeira risca notarão os que foram ausen-

tes com esta nota: Aus. o rol se fará de folha inteira, para que melhor caiba o sobredito".

Vide, Dom Sebastião Monteiro das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, Tipografia 2 de Dezembro, de Antonio Louzada Antunes, 1853, p.61-62.

(*) *Wanderley dos Santos foi chefe do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo entre 1974 e 1989. É membro do Instituto Genealógico Brasileiro (São Paulo), do Colégio Brasileiro de Genealogia (Rio de Janeiro), dos Institutos Históricos e Geográficos de Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo e Campanha (MG). É fundador e diretor do Arquivo Municipal de Franca. Membro do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico (Condephaat). É presidente da Associação Regional de Pesquisa e Preservação do Acervo Municipal de Franca. Além de artigos diversos, tem publicado os seguintes livros: O Bairro da Lapa (São Paulo), História do Município de Ribeirão Pires, História do Município de Mauá e Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550-1892.*

A Indústria Primitiva

Antonio José MARQUES (*)

Durante todo o período colonial e até o terceiro quartel do século XIX a capitania de São Paulo e, posteriormente, a província de São Paulo, ocupou uma posição secundária no cenário nacional. A cidade de São Paulo, em particular, até perto de 1850, ainda era vista de uma forma bucólica por muitos viajantes que por aqui passaram, como podemos verificar no trabalho de Marcílio (1)

Toda a região compreendida pelo atual ABC pertencia àquela localidade e os limites de São Caetano do Sul, tais como conhecemos hoje, demorariam alguns séculos para serem conformados(2). Nessa região havia a Fazenda São Caetano, pertencente aos monges de São Bento, e numa parte dessa fazenda foi criada uma "indústria de telhas, tijolos, lajotas e canaletas, que, por mais de 130 anos, nos séculos XVIII e XIX, foram utilizados em construções da cidade de São Paulo e reformas de seus edifícios" (3). Os trabalhadores dessa indústria eram escravos e índios administrados, que retiravam das margens dos rios Tamanduaf e Meninos a matéria-prima necessária na fabricação daqueles produtos. As atividades daquela empresa foram encerradas na década de 1860 e outras indústrias, agora dentro de uma nova realidade social, surgiram apenas após a chegada dos imigrantes italianos.

O Café e a Industrialização

A segunda metade do século XIX e início do século XX foram de intensas transformações políticas, econômicas e sociais no Brasil.

Desde 1844 estavam em vigor novas tarifas alfandegárias, que retiravam os privilégios de taxações diferenciadas de produtos importados da Inglaterra e, que em alguns aspectos, sufocavam a pouca produção nacional(4). Nessa mesma década o café passou a ser o principal produto de exportação brasileira e adentrava no oeste paulista, colocando o problema da falta de mão-de-obra, pois o tráfico negreiro internacional, já muito combatido, foi definitivamente proibido a partir de 1850. O tráfico interno acentuou-se e os escravos eram retirados de outras atividades para trabalharem na lavoura cafeeira. A falta de mão-de-obra foi resolvida com a imigração. Os primeiros imigrantes chegaram para trabalhar pelo sistema de parceria, fato que inibiu a imigração, pois este sistema os mantinha numa situação de total dependência do fazendeiro e de quase escravidão. Foi somente com a instituição do contrato de trabalho, que estabelecia a mão-de-obra assalariada, que a imigração intensificou-se, principalmente após 1880.

Nesse período desenvolveu-se principalmente a indústria têxtil, ainda que insignificante para atender um mercado em expansão. Quase tudo era importado e o tesouro público era sustentado quase exclusivamente pela política de taxações alfandegárias.

O capital estrangeiro que entrava no Brasil era totalmente para organização de uma infra-estrutura urbana e, principalmente, viária. Centenas de quilômetros de estrada de ferro foram construídas para escoar a produção de café. Várias cidades do interior paulista cresceram rapidamente, sendo que a cidade de São Paulo passou de 31.000 habitantes, em 1872, para mais de 200.000, em 1900.

A economia cafeeira foi o principal fator de acumulação de capitais no Brasil, e uma boa parte se transformou em capital industrial.

Este veio transferido também do capital comercial, pois, vários importadores organizavam fábricas para montar e embalar produtos que vinham desmontados de seu país de origem.

O advento da República, a política do encilhamento e as primeiras crises do café foram fatores importantes na industrialização brasileira entre 1890 e 1910.

As primeiras Indústrias: 1890 - 1900.

O projeto de construção de uma estrada de ferro, que, cruzando a serra do mar, atingisse o planalto e adentrasse para o interior da Província, foi concebido inicialmente por Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá(5). A construção dessa ferrovia iniciou-se em 1860 e sua inauguração oficial aconteceu em 1867. Nesse interim o Barão de Mauá já havia sido afastado dos negócios pelos ingleses, que constituíram a São Paulo Railway Company.

Nessa época os subúrbios da cidade de São Paulo começavam a se estender ao longo da estrada de ferro. Indústrias surgiram nas regiões do Brás, Bom Retiro e Água Branca. Os terrenos próximos ao centro da capital estavam valorizando-se muito e os industriais procuravam estabelecer-se em locais onde os terrenos fossem menos valorizados, mas que estivessem próximos do meio de transporte que possibilitasse o fácil escoamento dos produtos, assim como o recebimento de matérias-primas, e também perto da capital.

Quando o governo instalou o núcleo colonial de São Caetano, em 1877, tinha como objetivo estabelecer um regime de pequenas propriedades que fornecesse gêneros de primeira necessidade à capital, por isso a sua localização, e dos outros, formados pelos núcleos de São Bernardo, Glória e Santana, estarem próximos àquela. Essa política contrariava os interesses daqueles que preferiam ver os imigrantes como colonos nas fazendas de café, mantendo-se dessa forma o regime de grande propriedade, voltada para uma cultura de exportação.

Os colonos de São Caetano dedicaram-se à lavoura, mas a terra ruim dificultava a produção e foi vendendo essas a empresários, com interesses no setor industrial, que alguns conseguiram capitalizar-se. Os preços dos terrenos, a proximidade dos rios Tamanduaf e Meninos, que poderiam ser utilizados como fontes de energia, e a estrada de ferro, foram fatores que contribuíram para a chegada dos primeiros industriais.

Em 1890, instalou-se em São Caetano a Fábrica de Formicida Paulista, de propriedade de Manuel Joaquim de Albuquerque Lins, que foi presidente da Província do Rio Grande do Norte e era dono de ações de um grande número de empresas comerciais, industriais e bancárias(6). Pouco depois, o Banco União de São Paulo comprou terrenos próximos à estação ferroviária, que estava em atividade desde 1883. Em 1896, a fábrica de sabão e graxa de Pamplona, Sobrinho & Cia instalou-se na área onde hoje está a Matarazzo.

Apenas os terrenos comprados por Pamplona estavam próximos ao rio dos Meninos, os demais encontravam-se um pouco mais distante deste. A fábrica de sabão e graxa tinha necessidade da água, que era utilizada na produção e também como fonte de energia. A fábrica de formicida talvez utilizasse a energia mecânica ou de animais, pois não temos dados de utilização de máquina a vapor naquele mo-

mento. O Banco União tinha interesses especulativos e preferiu comprar terrenos onde poderiam valorizarem-se rapidamente.

Esses empreendedores tinham uma perspectiva industrialista para a região e Albuquerque Lins, assim como o Banco União, aproveitaram-se do "encilhamento", implantado pelo governo republicano a partir de 1890, que incrementou o meio circulante e incentivou a criação de bancos e sociedades anônimas, para expandir os seus negócios.

A fábrica de Pamplona, Sobrinho & Cia funcionava desde a década de 1870 na capital e foi uma das primeiras indústrias de São Paulo no seu ramo de atividade. A sua transferência para São Caetano foi a forma encontrada de manter pouco capital imobilizado e aproveitar-se da valorização dos terrenos de sua antiga instalações, próximo a av. S. João, que tinha um valor de mercado muito acima daqueles que adquirira em São Caetano.(7).

A política deencilhamento facilitou a surgimento de outros empreendimentos em São Bernardo. Foi o caso da F. Kowarick Junior, Fischer & Comp., fábrica de tecidos e tinturaria instalada na estação São Bernardo e que foi a primeira indústria têxtil do município, criada no início da década de 1890. Esta fábrica teve a sua falência decretada em maio de 1894, pois não conseguia pagar seus débitos(8). Desse então, os Kowarick tiveram indústrias têxteis em São Bernardo.

Uma empresa com características claramente especulativa foi a Companhia Industrial de São Bernardo, que tinha entre seus acionistas Luiz Pinto Flaquer Junior, Alfredo Luiz Flaquer e José Luiz Flaquer. Esta empresa chegou a possuir edifícios na estação São Bernardo, que foram alugados à Secretaria de Estado da Agricultura para alojamento provisório de imigrantes que se destinavam à lavoura cafeeira. Um dos acionistas da Companhia era Leandro Dupré, que ocupava a função de Inspetor de Terras, Colonização e Imigração daquela secretaria, o que pode ter facilitado a locação. A Companhia Industrial de São Bernardo não resistiu à crise econômica e foi liquidada pelos acionistas em setembro de 1894 (9).

A Fábrica de Formicida Paulista

A Fábrica de Formicida Paulista foi instalada em dezembro de 1890 em edifício próprio na atual avenida Goiás, em local próximo onde situa-se hoje a escola Bonifácio de Carvalho. Era uma sociedade por ações e tinha como principal acionista, como já vimos, Manuel Joaquim de Albuquerque Lins.(10). Um outro acionista foi Virgínio de Rezende, que estava ligado à indústria desde a sua formação, e que manteve intenso contato com a população de São Caetano. Quando da fundação da Sociedade Beneficente Internacional União Operária, em novembro de 1907, Virgínio de Rezende foi eleito presidente honorário da agremiação (11). No ano de 1912 ele foi mesário da terceira seção eleitoral de São Caetano, que funcionou no edifício da escola pública do sexo masculino, situada à Rua Perrela, n. 9 (12).

A fábrica de formicida esteve em atividades por mais de 20 anos. No ano de 1893 ela contava com 19 operários, sendo 3 menores. No ano de 1901, o número de operários chegava a 35, fato indicativo que sua capacidade produtiva aumentou em quase 100%, mesmo assim era produzido apenas 12,3% de sua capacidade anual, que era de 324.000 litros (13).

José de Souza Martins, em artigo publicado em 1960, afirmou que os 35 operários eram brasileiros (14), mas não reafirmou isto em obra de maior vulto publicada posteriormente. Não há dados disponíveis que possibilitem identificar a nacionalidade daqueles, mas a fábrica estava localizada num antigo lote rural próximo ao caminho para o bairro São Caetano, onde habitavam antigos caboclos. Alguns desses podem ter se tornados operários, fato que também começava a acontecer com os italianos e seus filhos, devido a situação de penúria por qual passavam, pois a agricultura havia fracassado.

O relacionamento entre operários brasileiros e italianos aprofundou-se com a fundação da Sociedade União Operária. A homenagem que fizeram a Virgínio de Rezende, demonstrou que este conviveu com os dois grupos, colaborando, assim, para aquela integração.

A Fábrica de Sabão e Graxa

A principal indústria de São Caetano no final do século XIX e início do século XX foi a Pamplona, Sobrinho & Cia. Segundo Roberto Capri, ela foi fundada em São Paulo em 1876, sendo, portanto, uma das primeiras indústrias da capital (15). O seu proprietário, José Coelho Pamplona, era um homem rico e empreendedor. Esteve ligado à contratação de obras públicas em São Paulo e também em loteamentos de terrenos e no comércio importador. Em 1881, tentou, junto a Câmara Municipal da capital, a cessão de um terreno ao la-

do do matadouro público para "extração de gorduras, óleos e outras substâncias dos resíduos do gado ali abatido" (16). Segundo Martins, em 1887, esta fábrica funcionava à rua dos Andradas, no bairro Santa Ifigênia (17).

Em 1896, a fábrica de Pamplona instalou-se em São Caetano, onde havia adquirido as terras que pertencera ao doutor Samuel Eduardo da Costa Mesquita. Este era dentista em São Paulo e usou um testa de ferro para adquirir lotes no núcleo colonial. O doutor Mesquita instalou ali uma olaria e foi um dos primeiros a usar mão-de-obra assalariada na região. Em vários momentos ele entrou em conflitos com antigos colonos, que chagaram a fazer queixa ao governo por ele estar adquirindo lotes sem ser colono (18). Apesar da criação da olaria a intensão do doutor Mesquita era especular com a aquisição daqueles lotes e outros que adquiriu posteriormente. Até mesmo o lote reservado para melhoramentos da localidade apareceram, em 1896, no patrimônio da Pamplona, Sobrinho & Cia, que comprou os terrenos do doutor Mesquita (19).

A fábrica de Pamplona ocupava uma área de mais de 40.000 m2. no bairro Fundação, próximo ao rio dos Meninos, de onde, muito provavelmente, saía a energia para movimentação de alguns maquinários. A matéria-prima necessária para fabricação dos produtos deveria vir de São Paulo e também de Santos, pois eram importadas. A região deve ter fornecido uma parte desse material, pois havia matadouro público em São Bernardo desde 1894.

Em 1901, trabalhavam na Pamplona, Sobrinho & Cia de 30 a 40 operários, sendo a sua grande maioria estrangeiros (20). Essa fábrica alcançou um relativo desenvolvimento, pois o senhor Mariano Paim Pamplona, que substituiu José Coelho Pamplona na direção da empresa, doou a considerável quantia de 300\$000 para os cofres da União Operária, em novembro de 1908 (21).

Em 1912, a fábrica Pamplona era totalmente movida a vapor, fabricava sabão, velas, graxas e óleos lubrificantes de vários tipos. Possuía um ramal próprio da estrada de ferro por onde recebia as matérias-primas vindas do estrangeiro e de outros estados, e também por onde saía a produção, embalada em caixas, feitas em sua serraria (22). Nesse ano, ainda, ela possuía nova razão social "Companhia Fábrica Pamplona" e uma estrutura administrativa complexa (23).

Os interesses comerciais da família Pamplona em São Caetano se ampliaram. Em 1911, constituíram a Cia de Melhoramentos de São Caetano, que loteou terrenos que haviam pertencido a antigos colonos. Além disso, Mariano Paim Pamplona obteve da prefeitura de São Bernardo o privilégio para iniciar a instalação dos serviços de água e esgoto na localidade (24). A família Pamplona iniciava em uma vila em franco progresso as mesmas atividades que desenvolvia em São Paulo à época do Império - contratação de obras públicas e loteamento de terrenos - e, talvez, por isso, o arrendamento da fábrica ao Conde Francisco Matarazzo em 1912 (25).

A partir desse período a industrialização em São Caetano entrou em uma nova fase. Além de Matarazzo surgiram outros industriais que passaram a ter interesses na localidade, como Alexandre Siciliano, da Cia. Mecânica Importadora, e Roberto Simonsen, da Cerâmica São Caetano.

Fábrica de Bebidas e Refinação de Açúcar

Com o objetivo de manter pouco capital imobilizado, devido ao baixo preço dos terrenos, se comparado com São Paulo, e com possibilidade de rápida valorização o Banco União de São Paulo adquiriu, entre 1890 e 1891, várias propriedades em São Caetano. Essas terras pertenciam a colonos e também a antigos moradores. Em sua maioria localizavam-se na parte baixa da cidade, entre a estrada de ferro e o rio Tamanduatef (26).

Na parte próxima ao centro urbano do núcleo colonial o Banco União, que pertenceu ao Senador Lacerda Franco, instalou uma fábrica de bebidas alcoólicas e refinação de açúcar (27). A edificação da fábrica iniciou-se em 1893, sendo responsável o engenheiro Ricardo Severo (28). Em 1895, a fábrica estava em plena atividade e usava a energia a vapor na elaboração de seus produtos. Nesse ano, ainda ela recolheu aos cofres da municipalidade a quantia de 230\$000 (29).

A localização da fábrica é indicativo de que sua produção atendia também o pequeno mercado consumidor que estava se formando em São Caetano. João Spinello, que a chamava de "Grande Destilaria São Caetano" parece ter experimentado os finos licores produzidos a partir de fórmulas francesas (30).

Na passagem do século esta firma não estava instalada mais em São Caetano. A necessidade de ficar próxima aos produtos agrícolas utilizados na fábrica deve ter contribuído para seu deslocamento pa-

ra o interior. Além disso, o objetivo principal do Banco União, ao adquirir as terras, era a especulação e a região já estava sendo muito procurada para outros empreendimentos, e um terreno edificado próximo à estação ferroviária e ao centro do núcleo deveria estar bem valorizado.

Conclusão

O ciclo industrial em São Caetano iniciou-se na última década do século XIX. Além dos fatores já indicados, como a proximidade da capital, o transporte ferroviário, a abundância de água dos rios Tamanduateí e Meninos, outros fatores contribuíram para aquela incipiente industrialização. O fracasso agrícola do núcleo, possibilitou o surgimento de uma mão-de-obra disponível, disposta a se empregar como assalariada na indústria nascente. a extração de madeira e produção de carvão, sendo São Bernardo grande produtor, fornecia o material necessário a movimentação de máquinas a vapor. Tudo isso possibilitou que o número de operários em São Caetano passasse de 19 em 1893, para perto de 75 em 1901, empregados nas duas indústrias do lugar. Essas mesmas empresas, a Formicida e a Pamplona, empregavam em 1911 quase 300 operários (31).

Crescimento do número de operários em São Caetano: 1893-1911

| Ano | nº de operários | Crescimento no período (%) | Taxa anual de Crescimento no período (%) |
|------|-----------------|----------------------------|--|
| 1893 | 19 | 394,7 | 18,72 |
| 1901 | 75 | | |
| 1911 | 300 | 400 | 14,87 |

Os primeiros industriais que instalaram-se em São Caetano foram aqueles que tinham uma perspectiva industrialista para o Brasil. Os Pamplona eram industriais a pelo menos 20 anos, antes de se transferirem para São Caetano em 1896. Manuel Joaquim de Albuquerque Lins, como vimos, tinha participação em empreendimentos comerciais, bancários e industriais. O capital industrial empregado em São Caetano veio transferido de capitais comerciais, mais precisamente no caso de Pamplona, que era grande importador. Também foi constituído devido ao "encilhamento", política financeira desenvolvida nos primeiros anos da República. Podemos dizer que o desvio de capitais agrícolas, principalmente o obtido a partir do café, nessa primeira fase de industrialização, praticamente não aconteceu.

Finalizando, não podemos deixar de notar que estas indústrias tinham uma característica comum, eram poluentes, e instalavam-se no subúrbio num momento que a cidade de São Paulo passava por uma fase higienista. Começavam assim, os problemas advindos da industrialização e, consequentemente, da urbanização.

NOTAS

- (1)- MARCILIO, Maria Luiza. *A Cidade de São Paulo: Povoamento e População, 1750 - 1850*. São Paulo: Pioneira, 1973, p. 9-13.
- (2)- MARTINS, José de Souza. "A Formação do Espaço Regional do Tijuçussu e de São Caetano" in *Raízes, ano III, n. 5, Assessoria de Comunicação Social, Prefeitura Municipal, São Caetano do Sul (SP) julho de 1991, p. 4-17*.
- (3)- MARTINS. *op. cit.* p. 5
- (4)- PRADO JR., Caio. *História Econômica do Brasil*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1963, p.175.
- (5)ANDRADE, Antonio. "Por que Aqui?" in *Raízes, ano I, n. 2, Assessoria de Comunicação Social, Prefeitura Municipal, São Caetano do Sul (SP) dezembro de 1989*.
- (6)MARTINS, José de Souza. *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*. São Paulo: Pioneira, 1973, p. 153.
- (7)MARTINS. *Op. Cit.* p.153.
- (8) *Diário Oficial do Estado de São Paulo, 31 maio 1894*.
- (9) *Diário Oficial do Estado de São Paulo, 30 ago 1894 e 22 set. 1894*.
- (10) MARTINS. *Op. Cit.* p. 153.
- (11) *Livro de Atas da Sociedade Beneficente Internacional União*

- Operária de São Caetano, Ata n. 1, 15 novembro 1907, fl. 15.*
- (12) *Livro de Atas das Eleições Federais da Primeira Seção da Vila de S. Bernardo*.
- (13) MARTINS. *Op. Cit.* p. 161-162.
- (14)MARTINS, José de Souza. "A Indústria em São Caetano" in *News Seller, Santo André (SP), 28 julho 1960. Suplemento Especial do aniversário de São Caetano do Sul*.
- (15) CAPRI, Roberto. *O Estado de São Paulo e seus Municípios*. São Paulo: Typ. Pocaí & Weiss, 1913.
- (16) MARTINS, José de Souza. *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*. *Op. Cit.* p.162 APUD *Atas da Câmara da Cidade de São Paulo - 1881, Vol. LXVII, p. 168*.
- (17) MARTINS. *Op. Cit.* p. 153.
- (18) MARTINS. José de Souza. *Subúrbio. Vida Cotidiana e História no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano do Fim do Império ao Fim da República Velha*. São Paulo: HHucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal, 1992, p. 39,155,156,186,187.
- (19) MARTINS. *Op. Cit.* p. 187
- (20) MARTINS, José de Souza. *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*. *Op. Cit.* 161 e MARTINS. José de Souza. "A Indústria em São Caetano" *op. Cit.*
- (21) MARTINS, José de Souza. *Subúrbio*. *Op. Cit.* p. 198.
- (22) CAPRI. *Op. cit.*
- (23) CAPRI. *Op. Cit.*
- (24) MARTINS. *Op. Cit.* p. 161 e MARTINS, José de Souza. *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*. *Op. Cit.* p. 165.
- (25) MARTINS, José de Souza. *Subúrbio*. *Op. Cit.* p. 166.
- (26) MARTINS, José de Souza. *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*. *Op. Cit.* p. 148.
- (27) MARTINS, José de Souza. *Subúrbio*. *Op. Cit.* p. 39.
- (28) MARTINS. *Op. Cit.* p. 157.
- (29) ANDRADE. *Op. Cit.*
- (30) "Um Operário Valioso. João Spinello editou o primeiro jornal de S. Caetano" in *News Seller, Santo André (SP) 28 julho 1960. Suplemento Especial aniversário de São Caetano do Sul*.
- (31) MARTINS. *Op. Cit.* p. 160 Apud *Petição ao Exmo. Snr. Dr. Secretário de Justiça e de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Estação de São Caetano, Agosto de 1911*.

Referências Bibliográficas

- BAER, Wener. *A Industrialização e o Desenvolvimento Econômico do Brasil*. 4a ed. aum. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1979.
- CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1971.
- LUZ, Nícia Vilela. *A Luta Pela Industrialização do Brasil*. São Paulo: Difel, 1961.
- SILVA, Sergio. *Expansão Cafeeira e Origem da Indústria no Brasil*. 7a ed. São Paulo: Alfa Omega, 1986.

(* Antonio José Marques, bacharel em Ciências Sociais, com especialização em Arquivo, é mestrando em História na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

E então chegou a televisão

Antonio de ANDRADE (*)

Dá para imaginar a vida sem televisão? Um dia apenas sequer? Hábito de tal forma enraizado em nosso cotidiano que parece acompanhar a humanidade desde os primórdios. Explicar para uma criança que, houve tempo, não muito distante, em que somente o rádio constituía elo de ligação com o que acontecia pelo mundo, equivale a receber como resposta uma expressão similar àquela de alguém que acabou de cruzar com um E.T. Contudo, a tv chegou até nós, há pouco mais de 40 anos (o rádio há 70 anos). Vista no princípio com descaso, imaginava-se a tv como alguma coisa similar ao cinema. Coisa só para milionários. Não passava na cabeça de ninguém ter um aparelho caríssimo destes em cada residências. A verdade é que, aos poucos, esta tecnologia ia ocupando espaços desbancando o rádio, e o cinema, até chegar ao local nobre das residências: a sala de visitas. A mesa central, a cristaleira, a santa-ceia acabaram reposicionados, ou simplesmente desapareceram, dando lugar às poltronas e sofás, órgãos de extensão da televisão.

Apesar de todo impacto, e avassaladora destruição da cultura brasileira que a tv iria ocasionar a partir da década de cinquenta, sua história é muito pouco conhecida, em especial os primórdios e a fase anterior à chegada do video-tape. Toda esta fase inicial, de 1950 a 1960, só sobrevive na memória de quem participou dos programas ou teve a felicidade de os ter assistido. Ao contrário do cinema, que perpetuou no celulóide seu produto, os programas desta primeira década de tv desapareceram, assim que foram ao ar. Era como escrever na água, afirmou um pioneiro. Você leitor, talvez seja testemunha documental desta fase. Esta é, sem dúvida, a magia da memória oral, somos ao mesmo tempo agente e depositário de um segmento importante de nossa história. A responsabilidade de transmitir essa experiência aos mais jovens não pode ser declinada.

Até surgir em São Paulo, no final de 1950, a tecnologia que redundaria no surgimento da televisão seguiria um longo caminho. Tudo leva a crer que coube a um inglês, de nome John Baird, as primeiras transmissões experimentais, por volta de 1930. Ao mesmo tempo nos EUA, um russo emigrado e funcionário da RCA, Vladimir Zvorkin desenvolveu o iconoscópio, um precursor da câmara de tv, o que possibilitou a decomposição de uma imagem em pontos e linhas, transmiti-

da à distância sem a utilização de fios. No início de 1930, a BBC de Londres começou suas transmissões experimentais. Uma encenação de uma peça de Luigi Pirandello - "Seis personagens à procura de um autor" é considerada a primeira transmissão de um programa de tv na íntegra. Até o início da Segunda Guerra as transmissões regulares ainda inexistiam. Somente após a Guerra as tentativas tomariam um caráter mais dinâmico. Neste sentido, a RCA norte-americana estava na frente. Por volta de 1940, estava vendendo os primeiros aparelhos receptores. O descrédito em relação à TV, como aparelho de grande penetração junto ao grande público, era tão grande que não raro era recebido com ironia. A revista Rádio-Guide, especializada em divulgar notícias e programação das estações de rádio dos EUA, com uma tiragem semanal de três milhões de exemplares distribuiu, junto a uma edição sementes de uma espécie de pinho, que levaria 50 anos para ficar adulto, e sugeria ao leitor plantá-las para que "seus filhos, quando forem avós assistirem a substituição da tv pelo rádio". Em meados da década de 1950, a Rádio-Guide deu lugar à TV-Guide que chegaria a vender 20 milhões de exemplares. A penetração da TV nos EUA foi avassaladora, de cinco mil receptores em 1946, passaria para cinco milhões já em 1950.

No Brasil, antes do surgimento da TV Tupi em setembro de 1950, registra-se uma tentativa experimental em 1948 e que teria ocorrido em Juiz de Fora (MG). A iniciativa definitiva, estruturada a nível empresarial, caberia a uma das personagens mais polêmicas da história recente do Brasil: Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, ou apenas Assis Chateaubriand, ou ainda, "Chatô", que viria a ser o proprietário do maior império de comunicação do Brasil. Nascido no pouco célebre Umbuzeiro (Paraíba), Chegou jovem ao Recife para cursar Direito e estagiar no Diário de Pernambuco, jornal que no futuro iria ser de sua propriedade. Em 1924, aos 33 anos, adquiriu O Jornal, início da estrutura do futuro Diários Associados que no auge (nos anos 60) chegou a totalizar 36 estações de rádios; 18 canais de televisão; diversas revistas como: A Cigarra e O Cruzeiro, esta última com uma edição internacional, em castelhano, vendida em bancas de toda a América Latina; uma agência de notícias - Meridional - e uma editora: Cruzeiro. Foi senador por duas vezes e embaixador em Londres no governo JK. Entre outros fatos flo-

Reprodução Revista Nosso Século



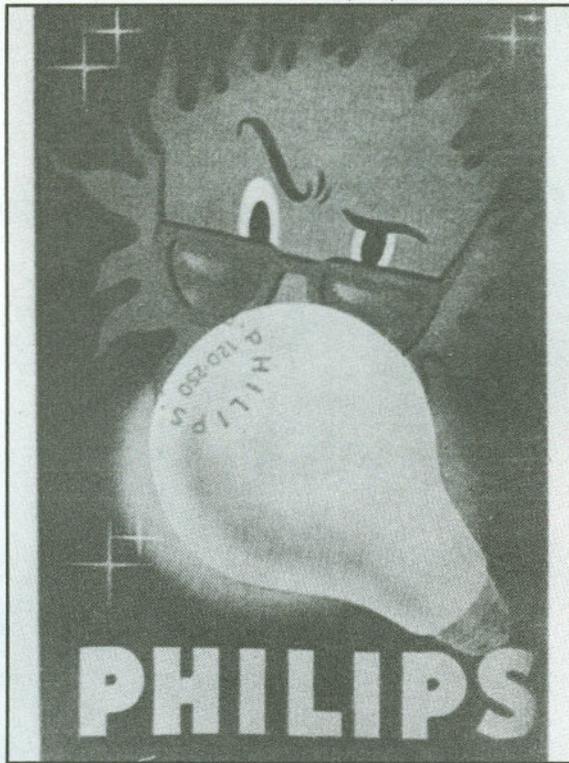
A atriz Tônia Carrero posa ao lado da Câmera da TV Tupi, em São Paulo, 1950.

clóricos registrá-se o chapéu-de-couro, que colocou na cabeça da Rainha da Inglaterra, aquinhoada com a ordem de jagunço, criação do próprio Chatô. Aliás, foi a própria rainha que aqui esteve em São Paulo para inaugurar as novas instalações do MASP na Avenida Paulista. O museu, o de mais importante acervo da América Latina, é outra das obras desta fantástica personalidade cuja biografia há de muito é aguardada.

Os anos cinquenta marcam, sem qualquer dúvida, o momento em que São Paulo assume, além da dianteira econômica do país o status de centro cultural e artístico do Brasil. As artes estão fervilhando, a burguesia paulista assume o mecenato e investe em música, artes plásticas, teatro, cinema, cursos, publicações, palestras, etc.

Um grande rival de Chateaubriand, Francisco Matarazzo Sobrinho, um autêntico mecenas das artes em São Paulo, resolve investir em cinema, mais especificamente na produção de filmes em escala industrial e funda, no final de 1949, em São Bernardo do Campo, a Cia. Cinematográfica Vera Cruz, que viria a ser a mais ambiciosa empreitada do gênero na história do país. Cinco anos depois estava falida, asfixiada pelo truste da cinematografia norte-americana que não permitia espaço para qualquer tipo de concorrência, mesmo no caso de uma produtora nacional. Um pouco antes, Chateaubriand tinha constituído sua produtora de cinema, a Tupi Filmes, chegando a realizar em 1948 o filme: Quase no Céu, onde participou grande parte de prestigioso elenco da Rádio Tupi, nomes que em breve estariam participando intensamente na programação da TV Tupi: Lia

Reprodução da Revista Nosso Século



A empresa Philips faz dos anunciantes na recém inaugurada TV Tupi, em 1950.

de Aguiar, Vida Alves, Norah Fontes, Flora Geny, Maria Vidal, Heitor Andrade, Dionfizio Azevedo, Homero Silva, Erlon Chaves, Lima Duarte, Walter Avancini, Cesar Monteclaro e vários outros, dirigidos por Oduvaldo Viana. Na mesma época, em viagem pelos EUA, Chateaubriand fazia com a recém inaugurada televisão norte-americana. Seu faro para as iniciativas inovadoras levou a que avaliasse estar aí o futuro da tecnologia da comunicação massiva, o cinema de lar, em cada casa, milhões de casas. Convenceu quatro grandes empresas a se associarem a ele: Antarctica, Moinho Santista, Sul América Seguros, e Grupo Pignatari e encomenda, junto à RCA norte-americana, todo equipamento necessário para a instalação de duas emissoras de TV, uma no Rio e a outra em São Paulo.

Já na edição de abril de 1949 de o Sumaré, um boletim de divulgação dos Associados, aparece a notícia: "ainda este ano São Paulo terá televisão". Em março de 1950, com certeza aconteceu algum atraso no cronograma de implantação, uma caravana de caminhões sobe a Via Anchieta, transportando os esperados equipamentos. Na edição de 10 de junho de 1950, do Diário de São Paulo, anuncia-se a instalação de poderosa antena nos altos do prédio do Banco do Estado. Em 4 de julho de 1950, às 22:00 horas, os dois únicos

aparelhos receptores de tv existentes em São Paulo, foram colocados no saguão da sede dos Diários Associados, à rua 7 de abril. As imagens seriam geradas no terceiro andar do mesmo prédio, onde funcionava o MASP. Ao logotipo da TV TUPI sucedeu-se a imagem de um famoso cantor mexicano de então: Frei José Mojica, apresentado por Homero Silva e Walter Forster, A transmissão foi um sucesso. Chateaubriand traz dos EUA um lote de aparelhos de Tv e distribui a amigos, políticos e membros do high-society paulistano. As lojas Cássio Muniz importam um outro lote e iniciam as vendas dos caríssimos televisores, Somente alguns poucos milionários conseguiam arcar com tais custos. Assim, na noite de inauguração oficial da televisão, não mais de 200 aparelhos estavam instalados na cidade.

Na edição de 18 de setembro de 1950, o Diário da Noite - outro dos jornais de Chateaubriand - anuncia na primeira página: "Hoje em São Paulo a Televisão. Sonho que se faz realidade". Não era o principal destaque do noticiário do jornal. As manchetes ficaram pa-

Reprodução Revista Nosso Século

-Você já ouviu falar...
Agora vá ver **TELEVISÃO**

nos revendedores G.E.

Então, você vai ter a oportunidade de ver a televisão em funcionamento regular? Nos revendedores G.E. você poderá ver, num receptor General Electric, a reprodução nítida e precisa das imagens irradiadas pelo transmissor G.E. da Tupi-TV. Líder mundial em eletrônica e televisão, primeira a fornecer e instalar um transmissor de TV no Rio de Janeiro, a General Electric tem agora a satisfação de oferecer também aos lares cariocas os seus maravilhosos receptores, com os quais você poderá assistir de casa às mais importantes acontecimentos. Vá ver a Televisão G.E. nos revendedores General Electric!

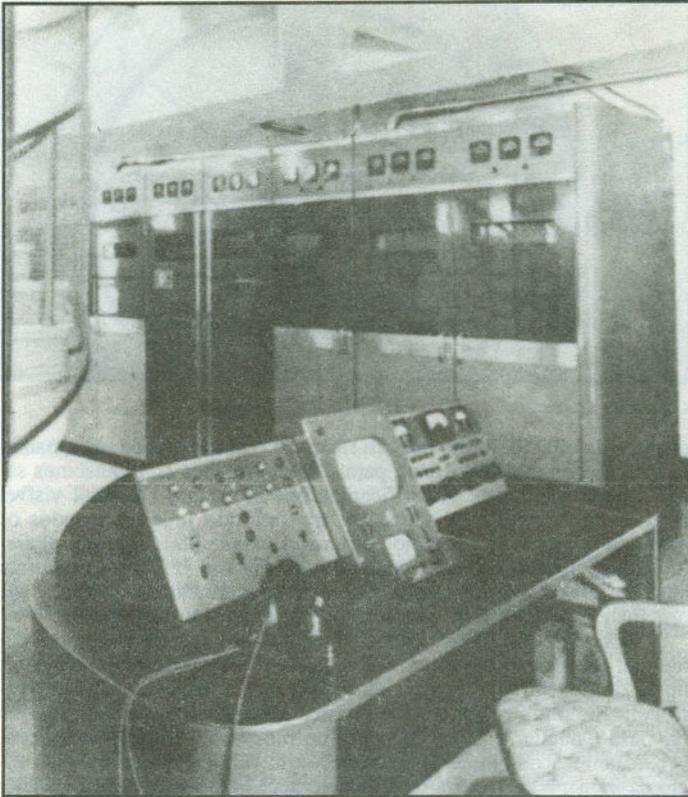
Em setembro de 1950, a General Electric anuncia a chegada dos aparelhos de televisão. O anúncio garante a reprodução nítida das imagens da TV Tupi.

Reprodução Revista Nosso Século



Frei José Mojica na pré-estréia em circuito fechado da TV Tupi.

O Frei José Mojica participa da pré-estréia da TV Tupi, em circuito fechado, no dia 28 de julho de 1950.



Os transmissores da PRF 3 TV Tupi de São Paulo, 1950.



Assis Chateaubriand, grande responsável pela chegada da TV, e Homero Silva, da rádio para a TV, 1950.



Lia Marques no programa TV na Taba, sob a direção de Gabus Mendes e Dermival Costalima, no dia 18 de setembro de 1950.



Walter Tasca foi o primeiro câmera man da América latina.



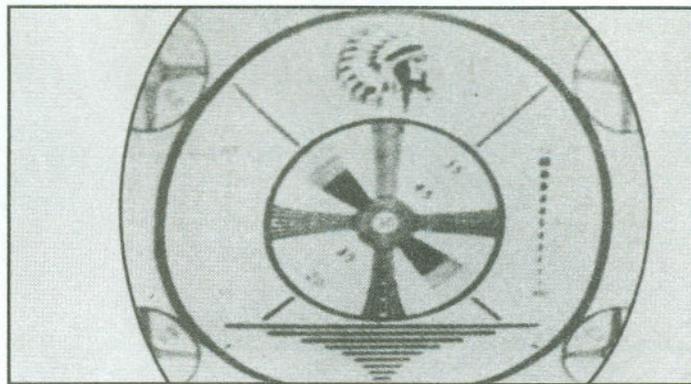
Algumas cenas, com a atriz Tônia Carrero, que foram transmitidas pela TV Tupi.

ra a situação política, às vésperas das eleições presidenciais que levariam Getúlio Vargas ao poder.

No interior da edição do Diário da Noite de 18 de setembro de 1950 está registrada a programação completa desta primeira transmissão. Preparou-se um grande show com todo elenco das Associadas, dirigido por Cassiano Gabus Mendes. Esclarece o jornal: A abertura será feita por George Henry e sua orquestra, com a participação de William Fournaud. Após o primeiro número seguir-se-iam: Paulo Leblon e a Escólinha do Ciccillo (quadro humorístico de que participariam Xisto Guzzi, Simplício, Luli Benencase, Aldafsa de Oliveira, Walter Avancini, João Monteiro, Nelson Guedes e Geni Prado); um solo de piano com o maestro Rafael Puglieli; Mazzaropi; Osni Silva e Rosa Pardini; Teatro Walter Forster, com Lia de Aguiar, Vitória de Almeida e Yara Lins; Hebe Camargo e Vadeco; Vídeo Esportivo, com Aurélio Campos e sua equipe; Wilma Bentivegna e os Garotos Vocalistas; um mágico chinês; um número de canto e dança a cargo de Marcos Ayala e Lia Marques; Em dia com a política com o jornalista Maurício Loureiro Gama; Club do Papai Noel, com os artistas mirins do famoso programa infantil irradiado pela Difusora; o humorista Pagano Sobrinho. Finalizando, o majestoso espetáculo, um quadro apoteótico: Lolita Rodrigues cantaria a Canção da tv, acompanhada pelos maiores cantores do elenco do Sumaré, enquanto pela tela do receptor passaria em fusão a visão de São Paulo" (1).

Um defeito, em uma das três Câmaras existentes, levou a que a transmissão sofresse um atraso de mais de hora e meia, para desespero de Chateaubriand que, nos salões do Jockey Club, oferecia um grande jantar às autoridades. Em seu discurso, Chateaubriand esclarecia, de forma realista e pressagiosa, o que entendia por televisão: "... a mais subversiva máquina de influir na opinião pública - uma máquina que dá asas à fantasia mais caprichosa e poderá juntar os grupos humanos mais afastados". Nada mais precisava acrescentar, estava tudo esclarecido. Nada seria como antes. A grande aventura estava iniciada.

Na pacata São Caetano do Sul de então, ninguém assistiu esta primeira transmissão. Tecnicamente não seria impossível. Os poucos quilômetros de distância da antena transmissora, nos altos do Banco do Estado, não constituía um obstáculo. Acontece que ninguém possuía um aparelho de tv na nossa cidade. Pouco demoraria para o melhoramento aqui chegar. E o Jornal de São Caetano registrou numa reportagem na última página da edição de 13 de janeiro de 1951, menos de quatro meses após a pioneira transmissão da TV TUPI. O Título da reportagem era: Televisão no Mercado Inca, - sub-título: Instalado um aparelho transmissor (sic) no centro do conhecido prédio. A íntegra da matéria merece ser transcrita: "A atenção do jornalista foi



O padrão de imagem da PRF e TV Tupi de São Paulo

despertada sábado último por um fluxo de pessoas que de uma maneira fora do comum se dirigiam para o Mercado Inca (...) Quisemos saber do que se tratava. E verificamos que lá estava, em local visível a todos, um aparelho de televisão, transmitindo imagens a todos os clientes do Mercado. Existindo em nossa cidade pouquíssimos aparelhos desse tipo, se não nos enganamos apenas um (...). Todos queriam apreciar essa nova maravilha que é a transmissão de imagens por um aparelho simples, do tamanho de uma rádio-vitrola" (2).

Nessa época, alguns estabelecimentos comerciais do centro comercial colocavam um e outro aparelho de televisão, ligado nas duas horas de transmissão que a Tupi retransmitia diariamente. Meu primeiro contato com a tv foi com um destes aparelhos colocado na vitrine da Casa Quaglia, vizinha da venda de meu avô, Ângelo Scalzarette, o bananeiro. Toda noite procedia-se a um ritual que precedia o início da transmissão: acertar antena, aguardar que o som e imagem chegassem perfeitos - o que era uma raridade - torcer para que não chovesse ou não fizesse frio e, acima de tudo, que não se formasse uma multidão na frente da vitrine; neste caso, nós crianças, estávamos em desvantagem. A programação típica desta fase pode ser avaliada segundo anúncio do Diário da Noite, de 27 de setembro de 1950: "Programa de hoje da PRF-e-TV, a partir das 20 horas"; 1 - Triana com Lolita Rodrigues; 2 - Rancho Alegre com Mazzaropi; 3 - Visão do Harlem com Zézinho e seu Conjunto; 4 - Teatro Walter Forster com Lia de Aguiar, Iara Lins e Vitória de Almeida; 5 - Serenata com Rosa Pardini; 6 - Imagens do Dia reportagem de Rui Rezende e Paulo Salomão; 7 - Desenho Animado.

Em breve, os aparelhos de televisão começavam a ser instalados em bares e nas residências abastadas. Técnicos da cidade começam a montar televisores concorrendo com os enormes Zenith e Admiral importados.

Uma empresa nacional, a Invictus, iniciava sua produção em escala na Rua da Consolação, em São Paulo. Aos poucos as cadeiras na calçada, para os papos com a vizinhança, foram desaparecendo dando lugar a uma nova forma de encontros sociais: o televizinho. Orgulho e símbolo de status, receber a vizinhança para assistir a programação da noite, assume papel de uma nova forma de sociabilidade: pouca conversa e olho fixo na tela. Rolam bolinhos e café. A criança ansiosa para assistir o desenho animado da noite, assunto certo para o recreio na escola no dia seguinte. Bons tempos. Um pouco mais da história desta novidade e os reflexos sobre nossa cidade e nossa vida será assunto para a próxima Raízes.

Notas

(1) Extraído de *O Teleteatro Paulista na década de 60*. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento de Informação e Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea. 1981. (2) *O Mercado Inca estava situado na esquina das ruas, José Paolone com 28 de Setembro*. Foi inaugurado em 16 de dezembro de 1950 e seus proprietários eram Francisco Grecco Netto e José Ardito.

(*) Antonio de Andrade, natural de São Caetano, é formado em Ciências Políticas e Sociais pelo IMES. Possui o título de mestre em Comunicação Social pelo Instituto Metodista de Ensino Superior. Conselheiro da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Professor na Faculdade de Comunicação Social e Artes do Instituto Metodista de Ensino Superior e membro do Gipep.

Paróquia Sagrada Família e a evolução da catequese

Leila Dario FORONI (*)

O movimento catequético no Brasil, teve um grande impulso, em 1.952, após a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que progressivamente se tornou o organismo chave da Igreja Católica Apostólica Romana no País. Através da CNBB, foi implantado o Secretariado Nacional do Ensino de Religião, com a finalidade de coordenar e animar a catequese paroquial e o ensino religioso para adultos e aprimorar a formação dos catequistas. Foi criada também, a Conferência dos Religiosos do Brasil, com o objetivo de promover várias experiências de renovação catequética nas paróquias, e foi criado, ainda, o Instituto Superior de Pastoral Catequética com a preocupação de formar responsáveis pela catequese no plano nacional, regional, diocesano e escolar.

Todas as paróquias do Brasil, especialmente, a Paróquia Sagrada Família de São Caetano sempre procuraram atender e acompanhar a evolução no plano catequético.

O padre Ezio Gislimberti coordenou o trabalho da Matriz Sagrada Família, de novembro de 1.937 a dezembro de 1.940, como vigário coadjutor, e de março de 1.945 até fevereiro de 1.965, como vigário. Em recente depoimento, o padre Ezio explicou como era, na sua época, a situação da catequese paroquial: "Funcionava bem. O padre Alexandre Grigolli dava aulas de Catecismo aos adultos todos os domingos à noite, na Matriz, logo após o terço e antes da bênção do Santíssimo Sacramento. Eu dava catequese auxiliado pelas catequistas, todos os domingos, às 14 horas, e depois havia cineminha para as crianças". Anualmente no primeiro domingo de dezembro, acontecia a Primeira Comunhão, segundo o padre Ezio, que acrescenta: "Todas as crianças participavam de duas confissões antes de receber o Sacramento da Eucaristia. A preparação para esta festa só era feita na Matriz Sagrada Família e no Externato Santo Antônio".

Com o decorrer do tempo, padre Ezio Gislimberti ampliou as aulas de catecismo, desdobrando os trabalhos nas capelas. "As crianças eram preparadas durante o ano e, três meses antes da comunhão avaliação geral", afirma, para em seguida relatar: "Ensaivavam-se os cânticos com letras e músicas do padre Alexandre Grigolli e, com a

dedicação e carinho da irmã Benigna, as crianças aprendiam como participar das missas e como se conduzir para a festa do grande dia, ou seja, a Primeira Comunhão. O número de crianças de ano para ano crescia gradativamente. Nos anos de 1.938 até 1.942, foi de 150 a 400, chegando mais tarde a 700 crianças, contando todas as crianças preparadas nas diversas capelas. O ensino catequético era baseado no catecismo a base de perguntas e respostas", finaliza padre Ezio.

Desenvolvimento da catequese

Catequese é a explicação metódica e oral dos assuntos religiosos. É a primeira visão que abre um leque de conhecimentos sobre vivência cristã. O catequista, além de instruir e preparar as crianças para a Primeira Comunhão, orienta todos os cristãos.

Jesus Cristo foi o primeiro catequista da Igreja. Sabendo da necessidade de continuar sua obra evangelizadora, formou outros doze catequistas. Dentre esses doze, um não foi fiel ao compromisso até o fim, e por isso foi substituído.

A catequese cristã começou com uma transmissão oral e vivencial, em que Jesus nos revelou Deus nosso Pai, através de sua pessoa. Assim também continuaram a fazer os apóstolos. Várias foram as fases por que passou a catequese ao decorrer da história. A primeira fase, do século I ao século V, foi uma iniciação à fé e a vida em comunidade. "No tempo dos apóstolos, a vivência fraterna na comunidade, celebrada principalmente na Eucaristia, representava a maneira mais alta de traduzir na vida a mensagem de Cristo ressuscitado". (1 Cor. 11.17-29)

Do século V ao século XVI, a catequese deixa de ser necessariamente uma iniciação à comunidade de fé e passa a ser feita por um processo de inserção na chamada cristandade (aliança do poder civil com o poder da Igreja). a partir do século XVI, a catequese passa a se realizar por um processo de aprendizagem individual, dando-se grande importância à doutrina, aos catecismos e aos mistérios da fé cristã.

A partir do Concílio Vaticano II, no século XX, foi-se redescob



Padre Ezio Gislimberti à frente de grupo de crianças que recebem o Sacramento da Eucaristia (dezembro de 1952)



Valdirene Aparecida Pina Dal'Mas no dia de sua Primeira Comunhão, ladeada pela mãe Judith Dal'Mas e irmã Benigna, madre superiora do Externato Santo Antônio (Dezembro de 1955)

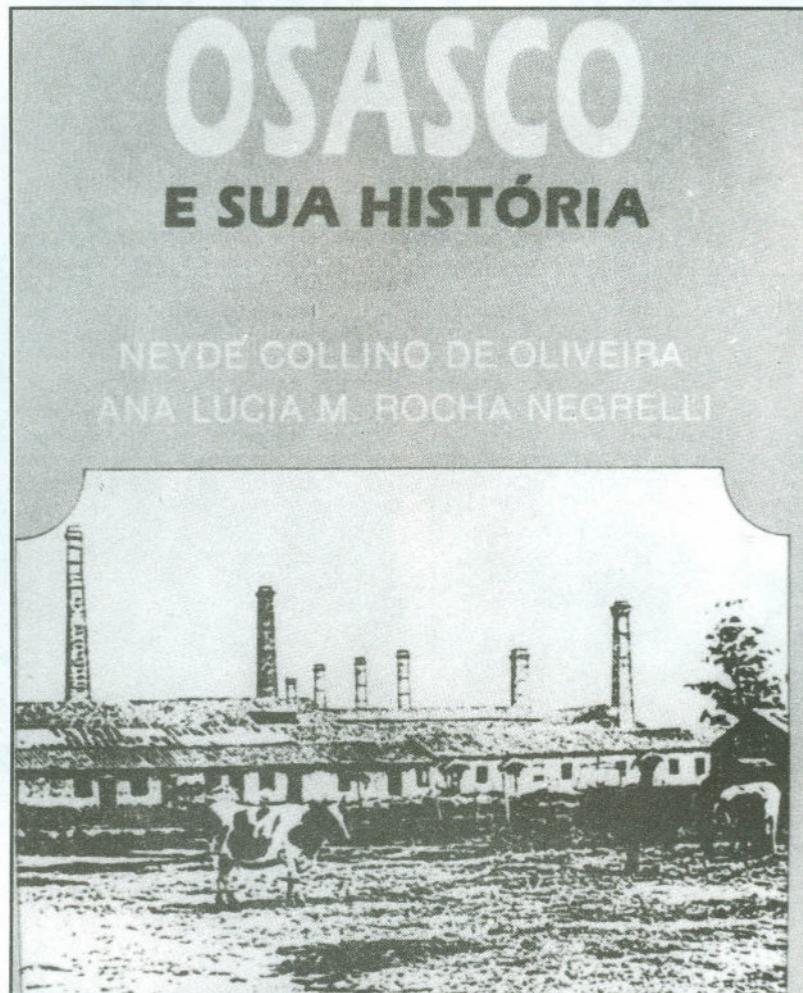
brindo na catequese a importância fundamental da iniciação cristã e do lugar primordial que nela cabe a comunidade de fé. O movimento catequético foi grandemente impulsionado pela obra de São Pio X (1.903 - 1.914), cuja idéia chave era: a catequese é para o homem e para sua vida cristã. Foi em 1.905 que São Pio X escreveu a Encíclica Acerbo Nimis, documento em que lamentava "a chaga da ignorância religiosa", propunha normas práticas para a organização da catequese e determinava a função dos responsáveis nesta obra, além desse documento, lançou o Catecismo de São Pio X, que consistia de um simples formulário de perguntas e respostas sóbrias, claras, que deveria ser acompanhado e completado por textos explicativos. Este formulário imperou sobremaneira até poucos anos atrás, principalmente no Brasil.

Após algum tempo, surgiu um novo catecismo com perguntas e respostas, que ficou sendo conhecido como Segundo Catecismo da Doutrina Cristã. Aprovado e aceito por todos os bispos do Brasil, foi reduzido e adaptado para crianças em fase de preparação para primei-

ra comunhão. Por muito tempo, foi este catecismo que orientou nossa catequese. Mais tarde aparece, no Sul do Brasil, o Terceiro Catecismo da Doutrina Cristã. É este o catecismo até hoje adotado, com revisões periódicas, tendo por base o Documento sobre Catequese Renovada.

Hoje, com a renovação de método e de conteúdo, o ensino religioso passou a ser ministrado de maneira concreta e objetiva, tendo sempre em mente a realidade em que vivemos sem, contudo, fugir a sua finalidade sobrenatural, que é transformar toda a vida em Cristo.

(*) *Leila Dario Foroni é pedagoga, catequista da Paróquia da Sagrada Família desde 1977*



Osasco e sua história. De Neyde Collino de Oliveira e Ana Lúcia Marquetti Rocha Negrelli, São Paulo: CG Editora, 1992, 135 páginas.

Descendentes das primeiras famílias que se fixaram em Osasco, as professoras Neyde Collino de Oliveira e Ana Lúcia Marquetti decidiram elaborar trabalho de pesquisa sobre a história do município com o objetivo de transmitir informações corretas aos estudantes e pessoas interessadas na história da cidade.

O trabalho ampliou-se na medida em que constataram contradições e equívocos em documentos oficiais, Osasco - certificaram-se - era uma cidade sem memória.

As autoras não mediram esforços e foram pesquisar informações

em órgãos oficiais do Município: Prefeitura, Museu e Biblioteca. Recorreram depois ao Arquivo Municipal, ao Arquivo Estadual e à Biblioteca da Fepasa. Fizeram pesquisa na Biblioteca do Quartel de Quitauna e consultaram atas e livros de tombo da Igreja Matriz de Osasco. Além disso, realizaram trabalho de entrevistas de pessoas idosas nascidas na cidade ou que lá chegaram ainda criança.

O trabalho editado destaca diversos tópicos, tais como: situação geográfica e histórica, origem de Osasco, evolução urbana, histórico da religiosidade, evolução comercial e industrial, dentre outros.

Jornais e Jornalistas



Acervo: Prefeitura de São Caetano do Sul

Petrolli (centro) homenageia quatro ex-jornalistas: José Astolphi, Antonio Manieri, Pascoalino Assunção e Jaime da Costa patrão (da esquerda para a direita)

No período de 15 de abril a 31 de maio, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul promoveu a exposição denominada Jornais e Jornalistas, no salão de eventos da instituição (Av. Goiás, n. 600). A exposição teve como objetivo mostrar a evolução da Imprensa no Grande ABC, desde a fase artesanal até a informática, com todos os processos técnicos utilizados em cada etapa, como impressão tipográfica, rotogravura, off-set e fotolitos, até a impressão a laser.

Simultaneamente, a mostra traçou um histórico dos principais jornais da região, desde o Monitor de 1904, até os jornais diários de hoje.

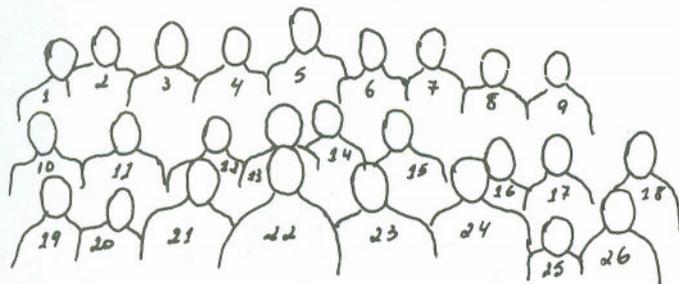
Na ocasião da inauguração da exposição, o responsável pelo material exposto, jornalista e pesquisador Valdenízio Petrolli, apresentou quatro ex-jornalistas, veteranos da Imprensa regional, como representantes da parte humanista da Imprensa na década de 40.

Eram os Ex-jornalistas Antonio Manieri, da Rádio Clube de Santo André; José Astolphi da Rádio Cacique de São Caetano do Sul; Pascoalino Assunção, do Jornal do Esporte, e Jaime da Costa Patrão, chargista do Jornal de São Caetano, na época da emancipação político-administrativa do Município.

Acervo: Museu de São Caetano



Alunos e professores da Escola Paroquial, em 1939.

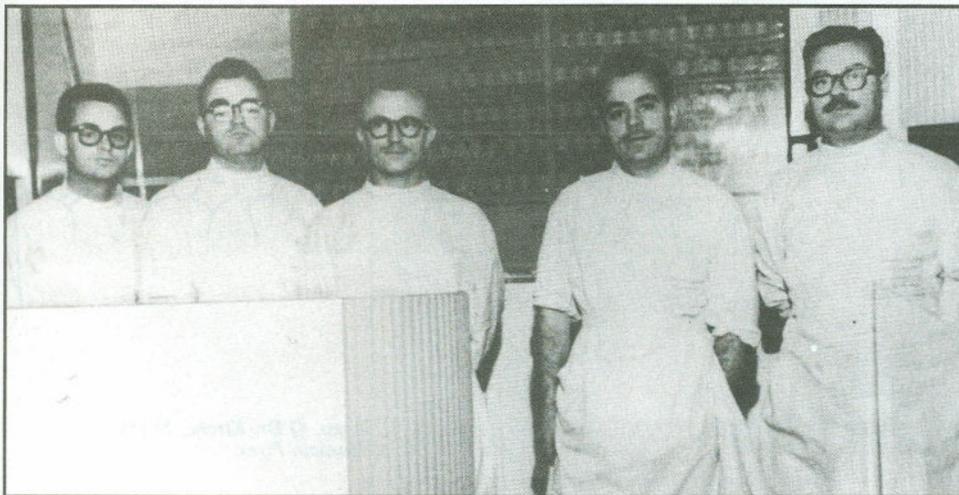


- 1) Durval Andreucci, 2) Nelson Parra, 3) Oswaldo E. Gonçalves, 4) (?) Cambaúva, 5) Jayme, 6) Sérgio Biscolo, 7) Geraldo (?), 8) Nestor Balbino, 9) Pedro (?), 10) (?), 11) Eduardo (?), 12) Nelson Fiorotti, 13) Sérgio Sernaggiotto, 14) (?), 15) Walter (?), 16) (?), 17) (?), 18) (?), 19) (?), 20) Ítalo de Rós, 21) Verino Segundo Ferrari, 22) Padre Arthur de Vigili (além de diretor da Escola Paroquial e vigário coadjutor, era o superior da Casa Stigmatina de São Caetano do Sul), 24) Prof. Giacomo Benedetti, 25) Antonio Amaro, 26) (?) Walter.

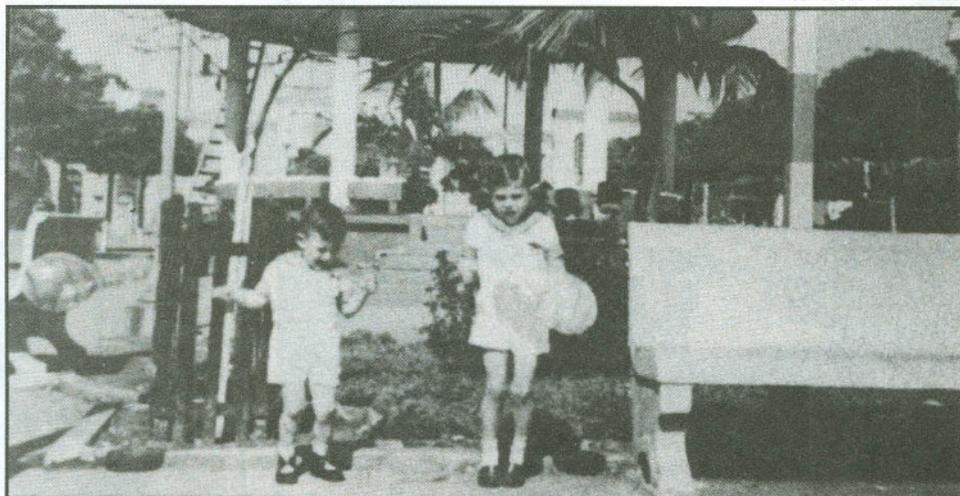
Acervo: Museu de São Caetano



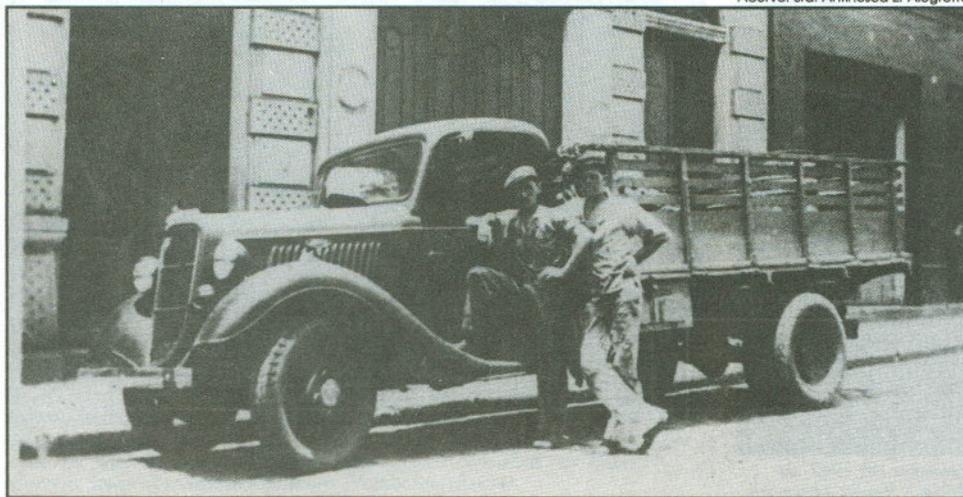
Grupo de pessoas recepcionando o senhor Antonio Molina, em 1946



Farmacêutico Cambaúva, em 1960. Da direita para a esquerda: José, Geraldo, João, Joaquim Antonio (tintonho) e Sebastião (Nenê).



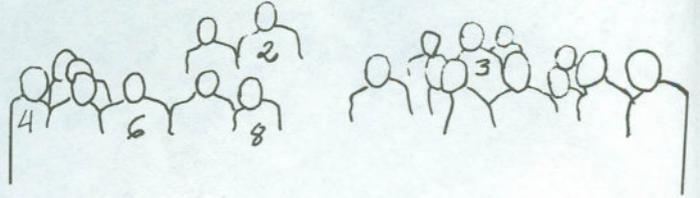
Praça Cardeal Arcoverde (vendo-se o correto), cerca de 1960. As crianças são Eliseu Malateaux Neto e Edison Malateaux.



Na Rua Perrella, vemos Luiz Alegrette, cerca de 1950.



Reunião de sancaetanenses no Clube Comercial, por volta de 1953.



1) (?), 2) Agostinho Rodrigues, 3) Diogo, 4) Dr. Kirche, 5) (?), 6) Dr. Paes, 7) (?), 8) Horácio Pires.



Casa Construída em 1947, rua Sergipe esquina com rua Espírito Santo (atual rua Raphael Correia Sampaio), cerca de 1950. A calçada é de terra e a rua também. Vê-se ainda na esquina oposta, o armazém do Moinho de Fubá Luser.



Familiares de João Almendra. Vemos a rua João Almendra em 1947, as pessoas são Oswaldo, Roque, Luíz, Estevão, Aída, Maria e Vanda Almendra.



João Molinari. Foi ele quem construiu a Capela de Santo Antonio em 1925. Foto tirada no Jardim da Luz, cerca de 1925.



Pedrinha Sangiorgi Almendra esposa de João Almendra, cerca de 1925.

Acervo: Museu Municipal de São Caetano do Sul

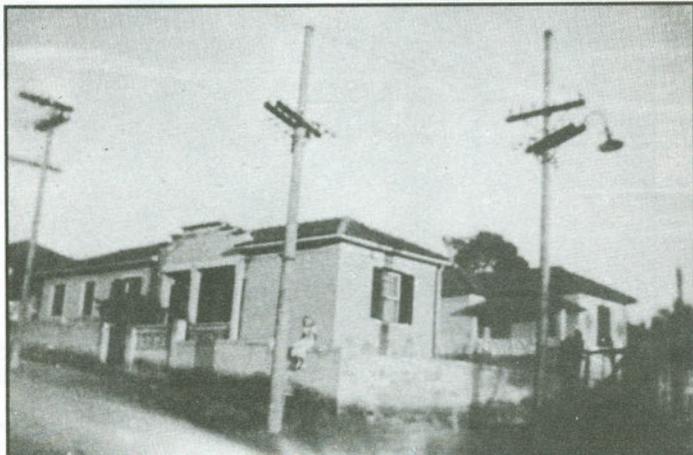


Foto tirada cerca de 1950, casa construída em 1947. Rua Sergipe, esquina com rua Raphael Correia Sampaio. (rua Sergipe com atual rua Raphael Correia Sampaio). Sentado no muro Wanda Radzevicius.



Família de João Almendra, mais seu vizinho (paletó) Benedito do Nascimento, na porta de sua casa à rua João Almendra. Em 1945.

Acervo: Museu Municipal



Igreja Matriz Sagrada Família, em 1951. Cantor Beniamino Gigli e o prefeito Dr. Angelo Raphael Pelegrino.

Acervo: Museu Municipal de São Caetano do Sul



Primeiras Leitaria B.M. (Bairro Monte Alegre) à rua Rafael Correia Sampaio, antiga rua Sergipe, 38. Propriedade de Aniceto Prieto Paz. Ao Fundo vemos Albertina Madalena Prieto, Ipólito Guerta e Carlos Tomei Martinho. Taça disputada pelo MAFC Corin - Santo André oferta de João Rella. Cerca de 1937.



Grupo de pessoas no Bar do Momi, cerca de 1957
Arthur Garbelotto, Angelo Braido, Antonio Guerreiro, Eduardo Paolillo, Eduvaldo Vick, Firmino Garbelotto, Vaddy Chiedsi, Armando Braido, Reinaldo Lodi, Angela Maria Manili, Valdir Bortoletto, Maristela Manilli, ? (barbeiro), Filpo Perrella.



Foto tirada em 1959, dentro da Matarazzo, no campo da Formicida Matarazzo, Campeão do torneio da A.A. Matarazzo, em pé da esquerda para a direita: ?, Arlindo (veio da Fazenda Amália da Matarazzo), Otávio, Sebastião, ?, Frido, Adelino. Agachados. ?, ?, Milhel, ?(Goleiro), Max, Macari.



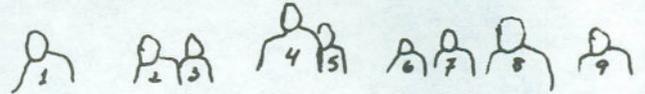
Armazém na rua Castro Alves com Av. Senador Roberto Simonsen, cerca de 1920. João Lovato, João Lovato Filho, Amadeu Beringane, Adelemo Coppini, Luiz Ferrante, ? Morete, Anunciata Lovato.



Rua Sergipe, hoje Rafael Correia Sampaio, em 1925.1) ?, 2) ?, 3) ?, 4) Sebastião Juarez, 5) ?, 6) ?, 7) Esther Gutierrez, 8) ?, 9) Geral Gutierrez, 10) Henedina Gutierrez, 11) Afrodisio Gutierrez, 12) Jesús Gutierrez, 13) Mathéia Saez Gutierrez



Jogadores do São Cristóvão - Bairro Fundação, cerca de 1946. Da esquerda para direita: 1) Manoel Cabrera lopes, 2) Ermindo Fracarolli, 3) Emídio Perrella (Mosquito), 4) Affonso Molina, 5) Miro Radeze, 6) Nilo Astolphí, 7) Frederico (Frequiqui), abaixados, 1) João Mônaco, 2) Joãozinho Batista Dalcin, 3) Basílio Dalcin, 4) Waldemar Antonio Dalcin (Palheta), 5) Alcides. Campo onde é o E.C. São Caetano, hoje.



1) ?, 2) ?, 3) ?, 4) Zélia, 5) ?, 6) ?, 7) ?, 8) Wanda Radzevicius, 9) ?.

Desfile de 07 de setembro de 1953, dos alunos de 3ª série (noturno), 1ª turma do Ginásio do Estado no Grupo Escolar Senador Flaquer, passando pela rua Perrella, em frente a três casas da família Garcia. A casa velha ao fundo, pertenceu à família Biagi, onde é hoje o Viaduto dos Autonomistas. No fundo vemos um pedaço da casa das famílias Pan e Coca, também o chaminé das Louças das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo.



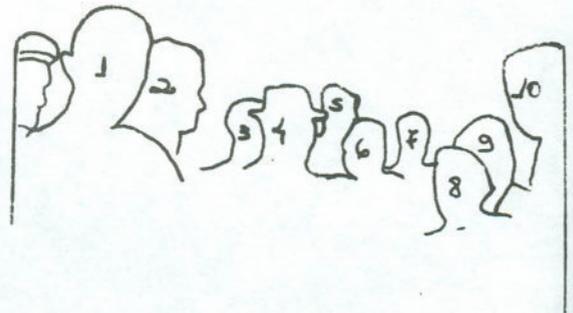
Foto do círculo Operário de 1943. Inauguração do Ambulatório Médico na sede social, da Esquerda para direita: (sentados) 4) Dr. André Lamardo, 6) Padre Alexandre Grigolli, 8) Dr. Rubens Gomes Caldas Filho. Foram identificados também José Giardulo, Verino Ferrari, Octávio Fiorotti, Jácomo Benedetti, Mário Previatto, Waldemar Scartozoni, João Batista Geraldo, Eurides Lázaro Cardieri, Constantino Cardieri, André Zanetti, Pedro Gomes de Matto e ? Barbieri. O Círculo Operário foi um movimento importante ligado à Igreja Católica, nascido nos anos 30 e que se espalhou por todo o País.



Grupo de pessoas com Beniamino Gigli na porta da Igreja Matriz Sagrada Família. Em 1951.



Sociedade Amigos de Bairro da Fundação, em 1969, quando foi homenageada a dona Antonia Braido Dal'Mas. SABB - Galeria dos Presidentes: Armando Lopes, Filomeno Silvestre e João Messaros. Em pé, da esquerda: Antonieta Maximiliana Salviato, João Salviato, Mário Botteon, Mauro Moretti, Rodolfo Ress, Rafael Daniel Filho, Pedro Momesso, Vicente Genga, Edmeia Biscolo, Dirce Braido, Leila Marcucci e Norma Marcucci. Sentados: Maria Thereza (Rosa) Dal'Mas, Palmira Mantovani Braido, Heloisa Marcucci e Luiz Braido.

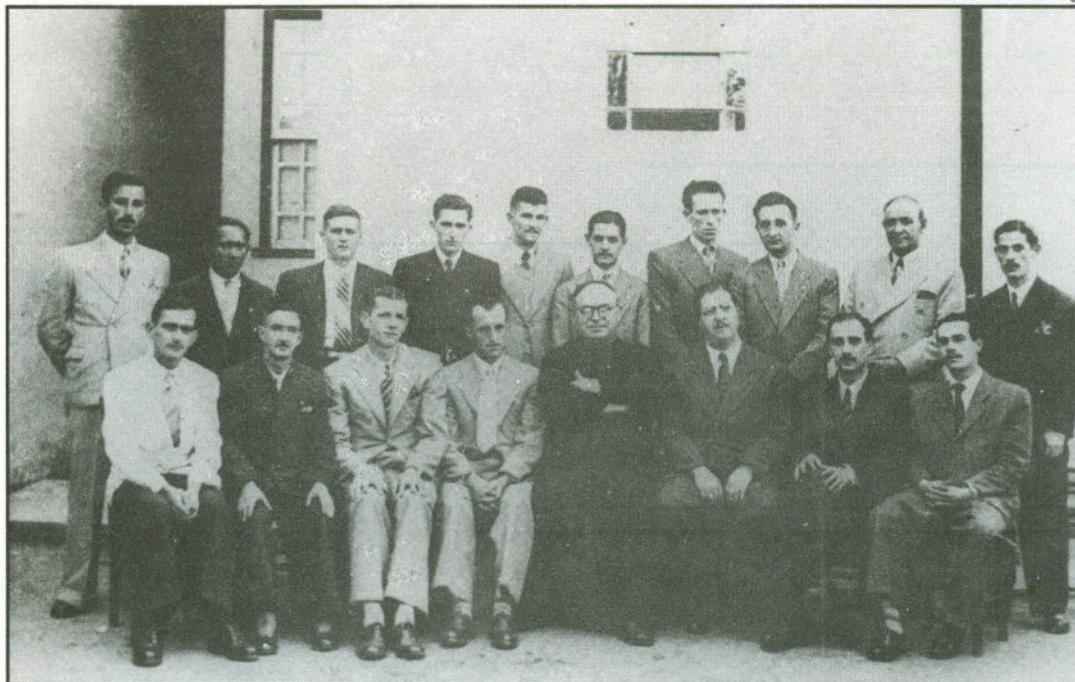


1) Laerte Roveri, 2) Padre Luciano, 3) Durval Caperutto, 4) Beniamino Gigli (cantor), 5) José Borges, 6) Flávio Scarlatti Rocha, 7) ?, 8) Silvia Novaes, 9) ?, 10) Irmão Romão.



Cerca de 1935. Do lado direito é a rua 28 de julho. Vemos ao fundo, o mais alto (sobrado) é o Empório Barra Funda de Júlio Marquetti. Os prédios seguintes são da antiga sede do São Caetano Esporte Clube, casa da esquina do Sr. Maximiliano Lorenzini, esquina com a rua Ric Branco e Loja do Amaral. Procissão de São Caetano, podemos ver o padroeiro, com as filhas de Maria carregando o andor. E, seguida a Irmandade das senhoras carregando um estandarte. Dados fornecidos por sr. Marcelo De Nardi.

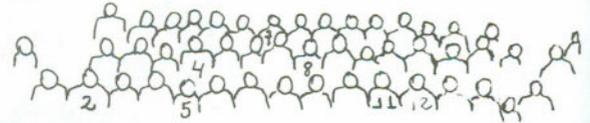
Acervo: Sr. Otávio Fiorotti de Luigi



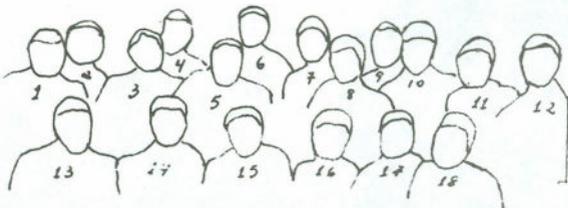
Diretoria do Círculo Operário de 1943. Sentados da esquerda para direita: 1) ?, 2) Augusto da Silva, 3) Jacomo Benedetti, 4) Verino Ferrari, 5) Padre Alexandre Grigolli, 6) Dr. Rubens Gomes Caldas Filho, 7) Dr. André Lamardo, 8) Convidado (Dr.). Em pé: 1) Eurides Lázaro Cardieri, 2) Pedro Gomes de Matto, 3) ?, 4) João Batista Geraldo, 5) Otávio Fiorotti, 6) João da Silva, 7) André Zanetti, 8) ? Barbieri, 9) Constantino Cardieri, 10) Hademburgo Contra Soares.



Cerca de 1940 - Apostolado Sagrado Coração de Jesus, vemos nesta foto: Vitória Baraldi Molinari, Padre Ézio Gislimberti, Antonia Braido Dal'Mas, Aneta Fiorotti Cavana, Ortência Scartozzoni e Fioreta De Nardi Galharci. Sentadas da esq. para direita:



2) Isabel Perrella, 5) ? Ribeiro, 11) Maria Pinto De Nardi, 12) Pina Martorelli. Fileira do Meio (esq. para direita) 4) ? Ferrari, 8) Maria Montini. Fileira de cima (esq. para direita) 7) ? Benedetti. Dados fornecidos por Stelina Molinari Vito e Herminia Perrella.

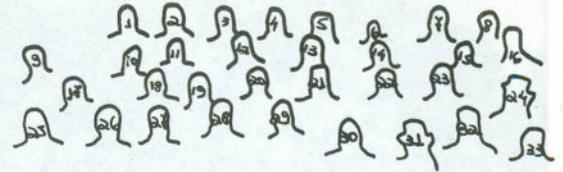


1) Armando Braido, 2) Arthur Garbelotto, 3) Etoze Manilli, 4) ?, 5) Antonio Guerreiro, 6) Frugulo Lorenzini, 7) Max ?, 8) Joanin Garbelotti, 9) ?, 10) Vitorino Garbelotto, 11) Nelson Orlando, 12) ?, 13) Momi, 14) Eduardo Paolillo, 15) Amadeu Bortoletto, 16) Firmino Garbelotto, 17) Rosalino Braido, 18) ?.

Bar do Momi, em 1957.



Grupo de funcionários das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, em 1938.



1) ?, 2) ?, 3) ?, 4) ?, 5) Santo Soriani (sogro de Dna Zumira Nunes Soriani), 6) ?, 7) ?, 8) ?, 9) ?, 10) ?, 11) ?, 12) ?, 13) ?, 14) ?, 15) ?, 16) ?, 17) ?, 18) ?, 19) ?, 20) ?, 21) ?, 22) ?, 23) ?, 24) ?, 25) ?, 26) ?, 27) ?, 28) ?, 29) ?, 30) ?, 31) ?, 32) ?, 33) ?.



Apresentação teatral no salão da rua José Benedetti, em 1930.



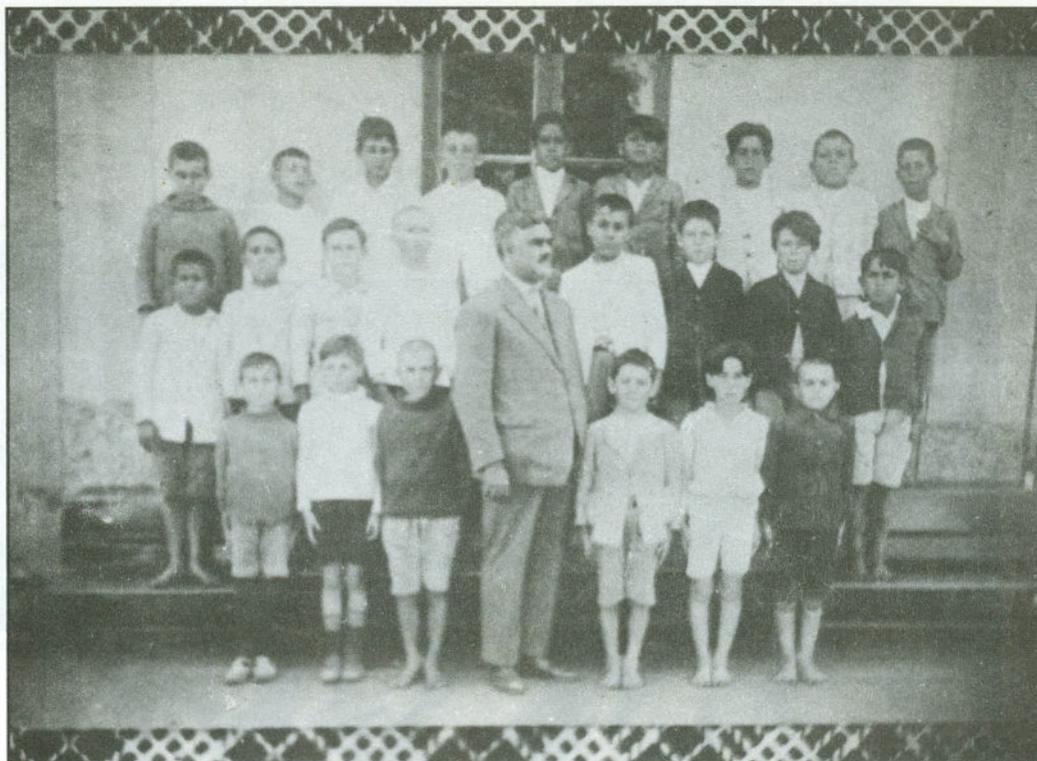
1) ?, 02) Merenciano Garcia, 03) Gregório Gil, 4) ?, 5) ? Fernandes, 6) ?, 7) ?, 8) Cláudio Wamondes, 9) ?, 10) Américo Marzano, 11) ?, 12) ?, 13) ?, 14) ?, 15) ?, 16) ?, 17) ?, 18) ?.



Catarina e Edmundo Mella Astolfi, casados na Província de Udina, Itália, em 1885, vieram para São Caetano em busca de novos dias. Construíram uma bela casa, onde formaram uma chácara, que hoje estaria localizada à avenida Visconde de Inhauma. Lá, o casal teve nove filhos: Maria, nascida em 28 de maio de 1897; Victoria, em 11 de novembro de 1898; Jácomo, 19 de março de 1900; Angelina, 29 de maio de 1902; Pedro, sem data precisa em 1904; Rosa, 20 de maio de 1907, Luiz, 22 de junho de 1909; Francisco, 1912, e José, 7 de setembro de 1916. A chácara não existe mais, foi dividida entre os filhos após a morte de Catarina Astolfi.



Sebastião Martinez Martinez, filho de Cristóbal Martinez e Inês Martinez, em foto de 1939, quando servia o Exército. A família residia à rua Martim Francisco, onde possuíam uma venda e uma oficina de alpargatas à rua Conde Francisco Matarazzo.



Grupo Escolar Senador Fláquer, em foto de 1926. Ao centro, o diretor João Ayres. O primeiro aluno, da direita para a esquerda, é Sebastião Martinez Martinez.



Reunião política, sem data, para a campanha de João Caparroz para vereador.

Acervo: Lourdes Martinez



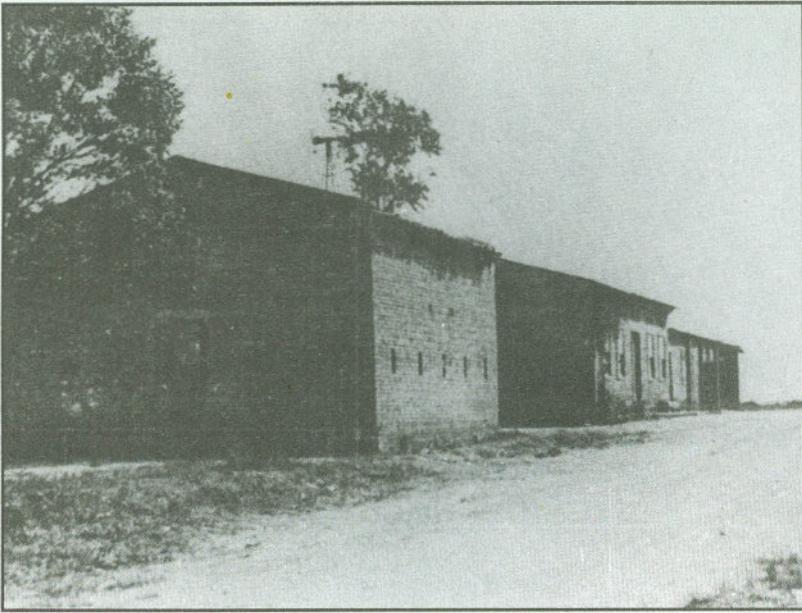
Carnaval de 1937, no São Caetano E.C. Da esquerda para a direita: Ascensão (?), Noêmia (?), Priscilo Hernandes, Araceli Hernandes, Aurelina (?), Irene (?).



Casa de Luiz Fiorotti, situada onde hoje é a Vila Nova Gerty. Foi demolida em 1950. Construção de 1907.



Frente da Capela da Candelária



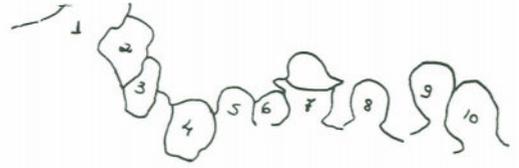
*Casas da família Fiorotti, Ficavam onde é hoje a Nova Gerty.
Construídas em 1907 e demolidas em 1950.*



Irmãos Guiomar e Alfredo Bento, em 1920



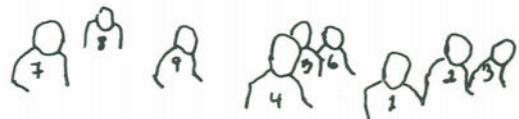
Cantor Beniamino Gigli com um grupo de pessoas. E, 1951. Local: Matriz Sagrada Família.



- 1) ?
- 2) Domingos Florindo Pan,
- 3) ?
- 4) Silvia Novaes,
- 5) Antonio Monteiro,
- 6) Durval Caperutto,
- 7) Beniamino Gigli,
- 8) Augusto ?,
- 9) Dr. Angelo Raphael Pellegrino (Prefeito),
- 10) ?.



Desfile de 7 de setembro de 1953. Dos alunos da 3ª série (noturno), 1ª turma do Ginásio do Estado no Grupo Escolar Senador Flaquer, passando pela rua Baraldi em frente a praça Cardeal Arcoverde.



- 1) ?
- 2) Zélia ?
- 3) Wanda Radzevicius,
- 4) ?
- 5) ?
- 6) ?
- 7) ?
- 8) ?
- 9) ?.

